

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
Programa de Pós-graduação em História – PPGH – UFF

Mestrado em História

EDELSON COSTA PARNOV

Novas mulheres para uma China nova? As representações de gênero das legislações e dos pôsteres de propaganda do início da transição chinesa ao socialismo (1949-1962)

Material apresentado para o Exame de Defesa no curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Mestre. Áreas de concentração: História Social – História Contemporânea.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tatiana da Silva Poggi de Figueiredo

Niterói

2020

EDELSON COSTA PARNOV

NOVAS MULHERES PARA UMA CHINA NOVA? AS REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO DAS LEGISLAÇÕES E DOS PÔSTERES DE PROPAGANDA DO INÍCIO DA TRANSIÇÃO CHINESA AO SOCIALISMO (1949-1962)

Material apresentado para o Exame de Defesa no curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História, como parte dos requisitos necessários para obtenção do Grau de Mestre. Áreas de concentração: História Social – História Contemporânea.

Banca examinadora

1ª Examinadora Prof^a Dr^a Tatiana da Silva Poggi de Figueiredo – Orientadora

Universidade Federal Fluminense (UFF)

2ª Examinadora Prof^a Dr^a Vanessa Bezerra de Souza

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

3º Examinadora Prof^a Dr^a Virginia Maria Gomes de Mattos Fontes

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói

2020

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P256n Parnov, Edelson Costa
Novas mulheres para uma China nova? : As representações de gênero das legislações e dos pôsteres de propaganda do início da transição chinesa ao socialismo (1949-1962) / Edelson Costa Parnov ; Tatiana da Silva Poggi de Figueiredo, orientador. Niterói, 2020.
133 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2020.m.02093349248>

1. China. 2. Gênero. 3. Revolução Chinesa. 4. Socialismo. 5. Produção intelectual. I. Figueiredo, Tatiana da Silva Poggi de, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD -

RESUMO

PARNOV, Edelson Costa. **Novas mulheres para uma China nova? As representações de gênero das legislações e dos pôsteres de propaganda do início da transição chinesa ao socialismo (1949-1962)**. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2020.

Esta dissertação se orienta por três objetivos: elucidar as possíveis *funções* e *usos* relacionados às representações de gênero das legislações e dos cartazes de propaganda do período inicial da transição socialista chinesa (1949-1962), comparar as representações de gênero dos pôsteres de propaganda do início da construção do socialismo chinês com as das legislações da época e relacionar as representações de gênero das leis e dos cartazes de propaganda com as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas na República Popular da China durante o recorte temporal supracitado. Os cartazes encontram-se disponíveis no website em língua inglesa <http://chinese posters.net/>, mantido pela Chinese Posters Foundation e pelo International Institute of Social History da Leiden University, sediada em Amsterdã, na Holanda. Essa plataforma virtual reúne pôsteres de propaganda chineses oriundos da coleção de Stefan Landsberger, professor emérito da instituição de ensino superior mencionada acima, e de uma coleção particular anônima. Já as legislações estão disponibilizadas em formato pdf e em versão traduzida para o inglês pela editora oficial do Partido Comunista Chinês, a Foreign Languages Press Peking, no website <http://www.bannedthought.net/>, destinado a divulgar documentos das lutas dos povos explorados e oprimidos do planeta. Utilizou-se o método isotópico para a análise das fontes. A hipótese defendida é que o Partido Comunista Chinês utilizou as leis e os pôsteres de propaganda para construir hegemonia na sociedade chinesa acerca das relações de gênero e do padrão de família tidos como condizentes com a construção do socialismo, especialmente no sentido de valorizar modelos de mulheres ativas no mundo do trabalho e de casais harmoniosos, os quais não transportariam seus problemas para a esfera da produção, possibilitando o seu incremento, elemento considerado fundamental à transição socialista.

Palavras-chave: China; Gênero; Revolução Chinesa; Socialismo.

ABSTRACT

PARNOV, Edelson Costa. **New women for a new China? The gender representations of propaganda posters from the beginning of the Chinese transition to socialism (1949-1962).** Master Dissertation on History. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2020.

This dissertation is guided by three objectives: to elucidate the possible functions and uses related to the gender representations of the legislation and propaganda posters of the initial period of the Chinese socialist transition (1949-1962), to compare the gender representations of the propaganda posters of the beginning of the construction of Chinese socialism with the laws of the time and to relate the gender representations of laws and propaganda posters with the economic, social and political transformations that took place in the People's Republic of China during the aforementioned period. The posters are available in English on the website <http://chineseposters.net/>, maintained by the Chinese Posters Foundation and the International Institute of Social History at Leiden University, based in Amsterdam, the Netherlands. This virtual platform brings together Chinese advertising posters from the collection of Stefan Landsberger, professor emeritus of the higher education institution mentioned above, and from an anonymous private collection. The laws are already available in pdf format and in a version translated to English by the official publisher of the Chinese Communist Party, Foreign Languages Press Peking, on the website <http://www.bannedthought.net/>, aimed at disseminating documents on peoples' struggles exploited and oppressed on the planet. The isotopic method was used to analyze the sources. The hypothesis advocated is that the Chinese Communist Party used laws and propaganda posters to build hegemony in Chinese society over gender relations and the family pattern considered to be consistent with the construction of socialism, especially in the sense of valuing models of women active in the world of work and harmonious couples, who would not transport their problems to the sphere of production, enabling their increase, an element considered fundamental to the socialist transition.

Keywords: China; Gender; Chinese Revolution; Socialism.

RÉSUMÉ

PARNOV, Edelson Costa. **De nouvelles femmes pour une nouvelle Chine? Les représentations de genre des affiches de propagande depuis le début de la transition chinoise vers le socialisme (1949-1962)**. Dissertation de Master en Histoire. Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2020.

Cette dissertation est guidée par trois objectifs: élucider les fonctions et usages possibles liés aux représentations de genre de la législation et des affiches de propagande de la période initiale de la transition socialiste chinoise (1949-1962), comparer les représentations de genre des affiches de propagande du début la construction du socialisme chinois avec les lois de l'époque et de relier les représentations de genre des lois et des affiches de propagande aux transformations économiques, sociales et politiques qui ont eu lieu en République Populaire de Chine au cours de la période susmentionnée. Les affiches sont disponibles sur le site Web en anglais <http://chinese posters.net/>, géré par la Chinese Posters Foundation et l'International Institute of Social History de la Leiden University, basé à Amsterdam, aux Pays-Bas. Cette plateforme virtuelle rassemble des affiches publicitaires chinoises de la collection de Stefan Landsberger, professeur émérite de l'établissement d'enseignement supérieur mentionné ci-dessus, et d'une collection privée anonyme. Les lois sont disponibles en format pdf et dans une version traduite en anglais par l'éditeur officiel du Parti Communiste Chinois, Foreign Languages Press Peking, sur le site <http://www.bannedthought.net/>, visant à diffuser des documents sur les luttes des peuples exploités et opprimés sur la planète. La méthode isotopique a été utilisée pour analyser les sources. L'hypothèse avancée est que le Parti Communiste Chinois a utilisé des lois et des affiches de propagande pour construire l'hégémonie dans la société chinoise sur les relations de genre et le modèle familial considéré comme compatible avec la construction du socialisme, en particulier dans le sens de valoriser les modèles féminins actifs dans le monde du travail et des couples harmonieux, qui ne transporteraient pas leurs problèmes dans la sphère de production, permettant leur augmentation, élément considéré comme fondamental pour la transition socialiste.

Mots-clés: Chine; Genre; Révolution chinoise; Socialisme

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Clélio Dias, meu eterno professor História, figura fundamental no início da trajetória que me trouxe até aqui.

Agradeço à minha orientadora Tatiana Poggi pela confiança desde o começo do mestrado e por todo apoio prestado ao longo dos últimos dois anos, bem como pela orientação dedicada e pelos incentivos para que eu continue estudando a China.

Agradeço também à Christine Dabat, minha coorientadora informal, a qual gentilmente me cedeu várias obras esgotadas sobre a revolução chinesa e me recebeu diversas vezes na UFPE para conversarmos sobre o andamento da pesquisa.

Agradeço à professora Ana Mauad e ao professor Bernardo Kocher pela participação na banca de qualificação e às professoras Vanessa Bezerra e Virginia Fontes por terem integrado a banca de defesa de minha dissertação.

Agradeço a Wesley Fontenele pelo amor, apoio, carinho e, sobretudo, pela paciência ao longo dos últimos dois anos. Se há alguém que acompanhou todas as etapas da confecção deste trabalho, inclusive as mais difíceis, esse alguém foi ele.

Agradeço aos amigos e amigas do Centro de Estudos Asiáticos da UFF, Ekaterina Volkova, Fabiane Assaf, Mateus Nascimento e, especialmente, à Thaiz Senna, com quem ministrei um minicurso em 2015 sobre as relações de gênero da obra de Marx e Engels às revoluções russa e chinesa, ocasião responsável por despertar o meu interesse pela China.

Agradeço também aos queridos amigos e amigas Alberto Valter Mendes, Bruna Bonfeld, Júlio Seixas Chaves, Leonardo Guarinello, Jéssica Frade, Priscila Schmitz, Vera Nogueira e, especialmente, Vinicius Freitas, com quem tive ricas conversas sobre teoria e metodologia, além de ter me aberto os caminhos da burocracia da UFF.

Por fim, agradeço ao PPGH-UFF e à CAPES, cuja bolsa tornou este trabalho possível.

SUMÁRIO

Introdução	09
Capítulo 1. História e historiografia da Revolução Chinesa e do início da construção do socialismo chinês	16
1.1 Introdução	16
1.2 Revolução Chinesa: história e debates	20
1.3 China, 1949-1962: história e polêmicas sobre a natureza da transição socialista chinesa	33
1.4 Breve balanço das relações de gênero na China: do final da monarquia ao início da transição socialista	40
1.5 Os estudos sobre mulheres e gênero na Revolução Chinesa	46
1.6 Conclusões	50
Capítulo 2. As representações de gênero dos pôsteres de propaganda do I Plano Quinquenal (1953-1957)	53
2.1 Introdução	53
2.2 O estado da arte dos estudos sobre os pôsteres de propaganda chineses	56
2.3 A “nova mulher” dos pôsteres de propaganda	60
2.3.1 Os “casais harmoniosos”	63
2.3.2 As “camponesas-modelo”	73
2.3.3 As “operárias-modelo”	77
2.3.4 As “cuidadoras”	83
2.3.5 As “mulheres guerreiras”	90

2.3.6 As “mulheres unidas”	97
2.4 Conclusões	99
Capítulo 3. As representações de gênero dos cartazes de propaganda do Grande Salto Para Frente (1958-1962)	
.....	101
3.1 Introdução	101
3.2 As “camponesas-modelo”	102
3.3 As “motoristas de trator”	107
3.4 As “mulheres guerreiras”	110
3.5. Conclusões	114
Considerações Finais	116
Referências	121
1. Fontes escritas	121
2. Fontes imagéticas	121
3. Bibliografia	124

Introdução

Em outubro de 1949, ocorreu o triunfo da revolução chinesa, liderada pelo Partido Comunista Chinês¹, após quase três décadas de lutas. Esse evento marcou o início de uma série de profundas transformações na sociedade chinesa, principalmente no âmbito das relações de gênero e da família. Por um lado, houve a incorporação em massa das mulheres à esfera da produção, com a realização de uma reforma agrária que concedeu uma parcela de terra tanto aos camponeses quanto às camponesas, bem como a extensão do direito ao trabalho a todos os indivíduos adultos, independente do gênero². Por outro, as mulheres conquistaram o direito ao voto, a possibilidade de escolherem seu cônjuge e a extinção do pátrio poder, assim como a proibição do costume de enfaixamento dos pés das garotas, então um importante símbolo de beleza feminina³.

Neste sentido, o esforço de transição socialista na China também significou uma tentativa de ruptura com as relações tradicionais de gênero, calcadas na ideologia confucionista, a qual prezava pelo forte respeito às hierarquias e à harmonia social, naturalizando os papéis femininos ligados ao espaço doméstico, isto é, o de mãe, esposa e filha⁴. Essas características da formação social chinesa foram consideradas pelos comunistas sinônimo de atraso – traços semifeudais - e empecilhos à modernização do país e à transformação revolucionária, devendo ser superados⁵. Por conseguinte, uma vez no poder, compreende-se que o PCCh procurou construir representações de mulheres participantes da esfera da produção, da política e em situação de igualdade nas relações com os maridos. Em outras palavras, entende-se que esse movimento levou à construção

¹ A partir de agora nos referiremos a essa organização pela sigla PCCh.

² BEJA, Flora Botton. La larga marcha hacia la igualdad. Mujer y familia en China. In: FISAC, Taciana (Org.). **Mujeres en China**. Madri: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1995., p. 29 e 30.

³ *Ibid.*, p. 27 e 28.

⁴ *Ibid.*, p. 1 e 2.

⁵ DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no movimento revolucionário chinês (1839-1949)**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006. (Livro-texto, v. 3), p. 161-165.

de uma “nova mulher” socialista condizente com uma China igualmente concebida como nova.

No processo de modelação da “nova mulher” chinesa, as legislações e os cartazes de propaganda adquiriram um papel fundamental. No tocante às leis, era imprescindível formular um novo arcabouço jurídico por meio do qual as mulheres fossem consideradas sujeitos dotados de direitos. Já em relação aos pôsteres, tendo em vista uma população com um grau de analfabetismo bastante elevado – 80% dos 540 milhões de habitantes da China eram analfabetos em 1949, situação que era ainda mais grave no que dizia respeito às mulheres, cuja taxa de analfabetismo alcançava os 90%⁶ - fazia-se necessário mobilizar meios visuais para tornar possível a rápida e massiva difusão das concepções defendidas pelo PCCh.

Portanto, o objeto da pesquisa em questão consiste no estudo das representações de gênero das legislações e dos cartazes de propaganda elaborados pelo Estado chinês no período que vai da vitória da revolução, em 1949, até o fim do Grande Salto Para Frente, em 1962. Esse recorte temporal se deve ao fato das legislações fundadoras da República Popular da China⁷ terem sido aprovadas entre 1950 e 1953 e da primeira Constituição do país ter sido promulgada no ano seguinte. Além disso, pode-se dividir o período supracitado em três momentos, quais sejam o das bases da RPC (1949-1952), o do I Plano Quinquenal (1953-1957) e o do já mencionado Grande Salto (1958-1962), tornando possível a comparação entre os pôsteres de propaganda desses diferentes períodos. Por fim, os marcos temporais escolhidos para o desenvolvimento do trabalho excluem a análise do Movimento de Educação Socialista e da Grande Revolução Cultural Proletária, ocorridos entre 1963 e 1965 e 1966 e 1976, respectivamente, haja vista que apresentam

⁶ LIU Fuxing. Transformação gloriosa: Como um país com 80% de analfabetos se tornou um celeiro de talentos. **China Hoje**, São Paulo, nº 27, p. 52-56, out./nov. 2019., p. 52.

⁷ De agora em diante, simplesmente, RPC.

uma historiografia própria e uma dinâmica bastante distinta da do período anterior, ficando seu estudo para trabalhos posteriores.

Além disso, o intuito principal desta dissertação é elucidar as possíveis *funções* e *usos* relacionados às representações de gênero das legislações e dos cartazes de propaganda do período inicial da transição socialista chinesa (1949-1962). Já os objetivos secundários deste trabalho são 1) comparar as representações de gênero dos pôsteres de propaganda do início da construção do socialismo chinês com as das legislações da época e 2) relacionar as representações de gênero das leis e dos cartazes de propaganda com as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas na RPC durante o recorte temporal supracitado.

Como hipótese central, defende-se que os cartazes e legislações estudados possuíam a função de transmitir as ações e os comportamentos aceitáveis no tocante às relações de gênero que eram condizentes com a edificação do socialismo, na visão do PCCh. Seus usos iam desde a convocação da população para adotar os padrões de gênero considerados em consonância com o socialismo até o embelezamento de cômodos de residências com as imagens de casais ou de mulheres chinesas.

No tocante às hipóteses secundárias, parte-se dos pressupostos de que 1) tanto nos pôsteres quanto nas legislações analisadas há uma eufemização das diferenças físicas e comportamentais entre os gêneros, como parte do programa de construção do socialismo do Estado chinês e 2) as representações de gênero dos pôsteres e das leis variam de acordo com as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas na China entre a revolução de 1949 e o fim do Grande Salto, em 1962. Num primeiro momento, com a implementação das legislações basilares da RPC, entre 1949 e 1952, há uma valorização de casais harmoniosos e igualitários, assim como o encorajamento da participação política das mulheres. Em seguida, com o I Plano Quinquenal (1953-1957), ocorre um grande

estímulo ao trabalho feminino de forma individual, tanto nos campos quanto nas cidades. Finalmente, com o Grande Salto Para a Frente (1957-1962) há um forte encorajamento à participação das mulheres ao lado dos homens na esfera da produção em comunas populares.

Conforme supracitado, a presente pesquisa mobiliza duas modalidades de fontes, quais sejam legislações e pôsteres de propaganda da RPC, elaborados entre o triunfo da revolução chinesa de 1949 e o término do Grande Salto Para Frente, em 1962.

No tocante aos cartazes, eles encontram-se disponíveis no website em língua inglesa <http://chineseposters.net/>, mantido pela Chinese Posters Foundation e pelo International Institute of Social History (IISH) da Leiden University, sediada em Amsterdã, na Holanda. Essa plataforma virtual reúne mais de sete mil pôsteres de propaganda chineses oriundos da coleção de Stefan Landsberger, professor emérito da instituição de ensino superior mencionada acima, e de uma coleção particular anônima. Além disso, ela abrange cartazes produzidos entre o início do século XX e o começo do XXI, organizados por assunto no menu “Themes”.

Em razão da base com a qual trabalha-se reunir um número muito elevado de pôsteres de propaganda, inicialmente realizou-se a filtragem do acervo por meio das seções temáticas relacionadas à questão de gênero, isto é, aquelas que contivessem no título uma das seguintes palavras-chave: “woman” (mulher), “women” (mulheres), “marriage” (casamento), “family/families” (família/famílias), “wife” (esposa), “mother” (mãe), “girl” (garota) e “lady/ladies” (dama/s). Essa busca retornou um total de doze seções. Em seguida, selecionou-se de cada uma delas somente os cartazes de propaganda que foram produzidos nos anos do recorte temporal da pesquisa, isto é, 1949-1962, obtendo-se um total de 26 pôsteres, sendo 19 correspondentes aos anos do I Plano Quinquenal e 07 oriundos do período do Grande Salto, distribuídos da seguinte forma:

Seção	I Plano Quinquenal	Grande Salto	Número de cartazes
New Marriage Law (1950) (Nova Lei do Casamento ⁸)	05	0	05
Iron women, foxy ladies – Part 1 (Mulheres de ferro, senhoras raposas – Parte 1)	06	03	09
Working Women (Trabalhadoras)	01	01	02
Tractor Girls (Garotas tratoristas)	0	02	02
Women as caregivers (Mulheres como cuidadoras)	04	0	04
Women parachuters (Mulheres paraquedistas)	03	01	04
Total	19	07	26

É importante frisar-se que os cartazes de propaganda analisados são compostos por uma imagem em estilo realismo socialista, isto é, o modelo artístico do socialismo real, o qual celebrava “[...] o trabalho em fábricas e em fazendas coletivas”⁹, e por uma pequena legenda explicativa.

Em relação às legislações, selecionou-se as leis basilares da RPC, quais sejam a “Nova Lei do Casamento” e a “Lei de Reforma Agrária”, ambas promulgadas em 1950, a Constituição de 1954 e o documento “Comunas Populares na China”, de 1958, o qual elenca as diretrizes para o estabelecimento da coletivização dos campos chineses nos

⁸ Todas as traduções dos títulos das seções temáticas foram feitas pelo autor.

⁹ BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: O uso de imagens como evidência história. São Paulo: Editora Unesp, 2017., p. 102.

quadros do Grande Salto. As duas legislações e o documento sobre as comunas populares encontram-se disponíveis em formato pdf e em versão traduzida para o inglês pela editora oficial do PCCh, a Foreign Languages Press Peking, na seção “The Maoist (Socialist) Era in China: Publications and Documents which are Now Difficult to Find”¹⁰ do menu “China” do website <http://www.bannedthought.net/>, destinado a divulgar documentos das lutas dos povos explorados e oprimidos do planeta. Já a Cartaz Magna, também em língua inglesa e em tradução da editora do PCCh, foi obtida em um sebo.

Após a escolha das legislações, realizou-se uma filtragem da documentação por meio das mesmas palavras-chaves mobilizadas para a seleção dos cartazes de propaganda, isto é, “woman” (mulher), “women” (mulheres), “marriage” (casamento), “family/families” (família/famílias), “wife” (esposa), “mother” (mãe), “girl” (garota) e “lady/ladies” (dama/s), de modo a obter-se apenas os artigos que dissessem respeito à condição das mulheres chinesas.

Para a análise das fontes, utilizou-se o método isotópico, o qual é composto por três etapas, quais sejam: 1) o estudo comparativo dos elementos de um texto, isto é, frases e enunciados, identificando-se suas categorias sêmicas, ou seja, de significação, as quais encontram-se subentendidas; 2) a separação das categorias sêmicas que se repetem no texto, as quais são as categorias isotópicas; e 3) a distribuição das categorias isotópicas pelos três níveis semânticos do discurso, quais sejam o figurativo, o temático e o axiológico¹¹.

Neste sentido, o nível figurativo do discurso diz respeito a um significado que pode ser relacionado de modo direto a um dos cinco sentidos, isto é, visão, audição, tato, olfato e paladar, parecendo-se ligar-se ao modo como encara-se o mundo real, o qual é

¹⁰ “A era maoísta (socialista) na China: Publicações e documentos que agora são difíceis de encontrar”, em tradução livre realizada pelo autor.

¹¹ CARDOSO, Ciro. **Narrativa, sentido, história**. Campinas: Papirus, 1997. (Textos do tempo), p. 173-174.

exterior ao texto¹². Por exemplo, o amor é temático, mas os gestos pelos quais ele se materializa, isto é, carinhos, beijos, abraços etc são figurativos¹³.

Além disso, o nível figurativo pode ser de duas ordens, quais sejam icônico ou abstrato¹⁴. No tocante ao primeiro, ele apresenta uma ilusão referencial, pois dá a impressão de aludir ao mundo real, mas no texto há apenas palavras e não o mundo concreto¹⁵. Já o último, é caracterizado por ter uma quantidade mínima de elementos que parecem ter como referência o mundo real¹⁶. Em outras palavras, a foto de um político é figurativa icônica, enquanto sua caricatura é figurativa abstrata¹⁷.

Finalmente, o nível axiológico encontra-se relacionado a um sistema de valores, sejam eles de ordem ética, estética, religiosa ou de qualquer outro tipo de conteúdo que se manifeste no texto¹⁸. Por exemplo, a oposição bem/mal, santidade/pecado, belo/feio etc¹⁹.

Por conseguinte, o método isotópico viabilizou a análise de modalidades de fontes bastante distintas. Por um lado, possibilitou a leitura das legislações e das legendas dos cartazes de propaganda, os quais se encontram na modalidade de textos escritos. Por outro, também permitiu que se encarasse as próprias imagens dos pôsteres como textos passíveis de leitura e de sistematização de seu conteúdo.

¹² *Ibid.*, p. 172.

¹³ *Ibid.*, p. 172.

¹⁴ *Ibid.*, p. 172.

¹⁵ *Ibid.*, p. 172.

¹⁶ *Ibid.*, p. 173

¹⁷ *Ibid.*, p. 173.

¹⁸ *Ibid.*, p. 173.

¹⁹ *Ibid.*, p. 173.

Capítulo 1: História e historiografia da Revolução Chinesa e do início da construção do socialismo chinês

1.1. Introdução

O presente capítulo possui como objetivos apresentar o debate historiográfico a respeito das causas e dos processos que levaram à vitória da revolução chinesa de 1949, das características dos anos iniciais da transição socialista na China e da natureza do Grande Salto Para Frente, assim como dos motivos de sua crise. Além disso, procura-se traçar um panorama dos estudos sobre mulheres e gênero no processo revolucionário chinês, tanto no Ocidente quanto na própria China, bem como um apanhado histórico das transformações nas relações de gênero ocorridas no período inicial da transição socialista chinesa, isto é, entre 1949 e 1962.

A revolução chinesa de 1949 suscitou leituras muito diversas, dentre as quais vale destacar: 1) a de intelectuais ligados ao Centro de Pesquisa sobre a Ásia Oriental da Universidade de Harvard, hoje Centro Fairbank de Pesquisa sobre a Ásia Oriental, em homenagem ao seu fundador e principal expoente, o historiador John King Fairbank²⁰, o qual se baseava em uma leitura de caráter liberal do processo, enfatizando aspectos demográficos e institucionais²¹, além da atuação das lideranças do PCCh, especialmente a de Mao Zedong²²; 2) a de historiadores franceses influenciados pela perspectiva de história problema dos Annales, tendo como principais representantes Jean Chesneaux²³, o qual procurava realizar uma história social inspirada no marxismo, Lucien Bianco²⁴,

²⁰ FAIRBANK, John King. **The great Chinese revolution, 1800-1985**. New York: Harper Perennial, 1987.

²¹ GOLDMAN, Merle. Prefácio à edição ampliada. In: FAIRBANK, John King; GOLDMAN, Merle. **China: Uma nova história**. Porto Alegre: L&PM, 2006., p. 15 e 16.

²² HYAMS, Edward. Maoísmo. In: HYAMS, Edward. **Dicionário das revoluções modernas**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975., p. 122.

²³ Suas interpretações da revolução chinesa podem ser encontradas nos quatro volumes da série por ele dirigida "Histoire de la Chine", publicada entre 1969 e 1977.

²⁴ BIANCO, Lucien. **Les origines de la révolution chinoise, 1915-1949**. Paris: Gallimard, 1987. (Folio/Histoire, v. 15)

mais preocupado com as origens intelectuais da revolução, e Marie-Claire Bergère²⁵, historiadora econômica interessada no desenvolvimento do capitalismo na China; 3) a historiografia marxista italiana, tendo como figura de maior destaque Enrica Collotti Pischel²⁶, intelectual ligada ao Partido Comunista Italiano (PCI) e que se dedicou a interpretar a revolução chinesa a partir da ênfase na luta de classes; 4) e, finalmente, a historiografia oficial do PCCh, particularmente o trabalho de Ho Kan-chih²⁷, o qual realizou uma interpretação que privilegiava o papel do Partido e de suas lideranças na revolução, assim como a análise do processo revolucionário a partir da concepção etapista da III Internacional Comunista, isto é, a de que a China do início do século XX era um país semifeudal e que necessitava de uma revolução democrático-burguesa para eliminar esses traços e promover o desenvolvimento do capitalismo, ampliando o proletariado e abrindo caminho para uma revolução socialista, sendo para isso necessária a formação de uma “frente ampla” entre comunistas e burguesia-nacional²⁸.

Na seção seguinte a esta introdução, intitulada “Revolução Chinesa: História e Debates”, analisa-se mais detalhadamente cada uma das perspectivas historiográficas mencionadas acima, de modo a apresentar ao leitor com pouco ou nenhum conhecimento sobre a China um panorama geral do processo revolucionário ocorrido naquele país. Neste sentido, busca-se compreender quais os marcos temporais de início e término da revolução chinesa, as suas causas e sujeitos, as visões a respeito da ação do imperialismo na China e das respostas populares e das classes dominantes a ele na virada do século

²⁵ BERGÈRE, Marie-Claire. **La bourgeoisie chinoise et la révolution de 1911**. Paris: Mouton; Maison des Sciences de l’Homme, 1968. (Matériaux pour l’étude de l’Extrême-Orient moderne et contemporain, v. 3)

²⁶ PISCHELL, Enrica Collotti. **La revolución china**. México, D. F.: Ediciones Era, 1976. (Historia de las revoluciones del siglo XX)

²⁷ HO Kan-chih. **A history of the modern Chinese revolution (1919-1956)**. Calcutta: Manika Barua Books & Periodicals, 1977.

²⁸ CLAUDÍN, Fernando. A alternativa oriental. In: CLAUDÍN, Fernando. **A crise do movimento comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2013. (Assim lutam os povos), p. 633 e 634.

XIX para o XX, as interpretações da revolução de 1911, assim como das relações entre o PCCh e o Kuomintang (Partido Nacionalista Chinês), entre as décadas de 1920 e 1940, defendidas por cada uma das correntes historiográficas supracitadas.

Assim como a revolução socialista chinesa, os anos imediatamente posteriores a ela, mais especificamente o período que vai do triunfo da revolução, em 1949, até o período de vigência do I Plano Quinquenal, entre 1953-1957, também foram alvo de grandes discussões por parte das ciências sociais. No tocante a elas, é importante salientar-se: 1) a visão oficial do PCCh, segundo a qual aqueles anos marcaram o fim da fase democrático-burguesa do processo revolucionário e o início da fase socialista²⁹; 2) a da história econômica francesa, a qual defendeu que aquele momento significou apenas a adoção do modelo econômico ultracentralizado dos planos quinquenais soviéticos, mas ainda não a construção de um socialismo à chinesa³⁰; 3) e, finalmente, a interpretação marxista do economista francês Charles Bettelheim³¹, para o qual a China, assim como a União Soviética, era um capitalismo de estado, com persistência de classes sociais e de extração de mais-valia, e não em um país socialista.

Já no que concerne ao Grande Salto Para Frente, o qual vigorou entre 1958 e 1962, em substituição ao modelo de plano quinquenal, é fundamental salientar-se a existência de duas interpretações principais e completamente antagônicas, quais sejam: a liberal e a marxista. Para essa, o Grande Salto significou a ruptura com o modelo soviético e a construção de um socialismo com características chinesas, mais descentralizado e com ênfase nos camponeses³². Já para aquela, essa plataforma era uma tentativa de Mao

²⁹ Ho, *op. cit.*, p. 273.

³⁰ BERGÈRE, Marie-Claire. **A economia da China Popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. (Biblioteca de ciências sociais; Economia), p. 37.

³¹ BETTELHEIM, Charles; CHARRIÈRE, Jacques; MARCHISIO, Hélène. **La construction du socialisme en Chine**. Paris: François Maspero, 1965. (Économie et socialismo, v. 2), p. 17 e 18.

³² BALL, Joseph. Did Mao really kill millions in the Great Leap Forward? **Monthly Review**, New York, Sep. 21, 2006. Disponível em: <https://monthlyreview.org/commentary/did-mao-really-kill-millions-in-the-great-leap-forward/>. Acesso em: 02 de abril de 2019.

Zedong, principal liderança do PCCh, afirmar seu poder e resultou em um grande desastre, provocando a Grande Fome de finais da década de 1950 e inícios da de 1960, geralmente apontada como sendo um genocídio³³.

Tanto as discussões sobre os primeiros anos da transição socialista chinesa, quanto a respeito do Grande Salto, serão trabalhadas com maior profundidade na terceira seção deste capítulo, denominada “China, 1949-1962: História e polêmicas sobre a natureza da transição socialista chinesa”.

Em relação aos estudos sobre mulheres e gênero no processo revolucionário chinês, pode-se dividi-los em cinco momentos, quais sejam: 1) o dos “silêncios”³⁴ a respeito das mulheres na historiografia tradicional da revolução chinesa; 2) as análises da sociologia da família de matriz parsoniana dos anos 1950 e 1960³⁵, a qual salientava que a situação das mulheres chinesas já vinha sofrendo modificações substantivas desde o fim do século XX no sentido de sua modernização (leia-se, de torná-las mais similares às do Ocidente), tendo a revolução de 1949 somente acelerado essas mudanças; 3) a de intelectuais feministas marxistas da década de 1970³⁶, as quais enfatizavam o caráter emancipatório para as mulheres que a revolução chinesa adquiriu ao pôr fim a costumes milenares de opressão feminina, como, por exemplo, os casamentos arranjados e a prática de enfaixamento dos pés das meninas, além da importância da atuação das mulheres no

³³ DIKÖTTER, Frank. **A grande fome de Mao**: A história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2017. e MACFARQUHAR, Roderick. **The origins of the Cultural Revolution 2: The Great Leap Forward, 1958-1960**. New York: Columbia University Press, 1987.

³⁴ A ideia de “silêncios” em relação à história das mulheres foi emprestada de PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005. (História).

³⁵ GOODE, William J. China. In: GOODE, William J. **Revolução mundial e padrões de família**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1969. (Biblioteca universitária; Ciências sociais, v. 28)

³⁶ É o caso de obras como CROLL, Elisabeth. **Feminism and socialism in China**. London: Routledge & Kegan Paul, 1980. E DAVIN, Delia. **Women-work: Women and the Party in revolutionary China**. Oxford: Clarendon Press, 1976.

movimento comunista, também decisiva para sua independência em relação aos homens; 4) a da historiografia revisionista dos anos 1980³⁷, a qual destacava que a revolução chinesa provocou ajustamentos na opressão das mulheres, tendo o sistema patriarcal persistido e se adequado à nova ordem socialista; 5) e, por último, a incorporação dos conceitos de gênero e de sexualidade aos estudos sobre mulheres e movimento revolucionário na China a partir dos anos 1990³⁸, produzindo uma enorme diversificação dos trabalhos sobre o assunto.

1.2. Revolução Chinesa: História e debates

A partir das duas guerras do ópio, ocorridas entre 1839 e 1842 e 1856 e 1860, respectivamente, nas quais se enfrentaram Inglaterra e China, numa tentativa dos ingleses de forçar a abertura chinesa ao comércio internacional, esse país se tornou um alvo privilegiado da expansão imperialista das potências europeias (sobretudo da Inglaterra, mas também da França, Alemanha, Itália e Rússia czarista), além dos Estados Unidos e do Japão³⁹.

A derrota da China em ambos os conflitos relacionados ao comércio do ópio resultou na imposição a ela dos primeiros tratados desiguais, quais sejam o de Beijing (1842) e o de Nanjing (1860)⁴⁰. Esses tratados determinaram uma série de medidas de caráter bastante agressivo aos chineses, como a extinção de intermediários no comércio entre as potências estrangeiras e aquele país; abertura de diversos portos ao comércio

³⁷ STACEY, Judith. **Patriarchy and socialist revolution in China**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1983.

³⁸ É o caso de trabalhos como GILMARTIN, Christina Kelley. **Engendering the Chinese revolution: Radical women, communist politics, and mass movements in the 1920s**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1995. e EVANS, Harriet. **Women and sexuality in China: Dominant discourses of female sexuality and gender since 1949**. Oxford: Polity Press, 2007.

³⁹ BASTID, Marianne; CHESNEAUX, Jean. **Histoire de la Chine 1: Des guerres de l'opium à la guerre franco-chinoise, 1840-1885**. Paris: Hatier Université, 1969. (Histoire contemporaine), p. 54 e 55.

⁴⁰ *Ibid.*, p. 57 e 67.

internacional; liberação da circulação de produtos estrangeiros em todo o território chinês, incluindo-se aí o ópio; a possibilidade de estrangeiros adquirirem terras e criarem escolas e hospitais na China; a cessão de diversas áreas às potências imperialistas, dentre as quais vale ressaltar Hong Kong à Inglaterra e a margem norte do rio Amur e a margem leste do rio Ussuri, ambos situados no nordeste chinês, ao Império Russo; a criação das primeiras “concessões”, isto é, setores do território chinês que passariam a ser governados diretamente pelos países imperialistas; a implantação de bases militares e a livre circulação de navios de guerra na costa chinesa; a elaboração do chamado sistema de “reciprocidades automáticas” por meio do qual um privilégio concedido a uma potência poderia ser exigido por quaisquer outra; o pagamento de pesadas indenizações de guerra; além da formação da concepção de “extraterritorialidade”, a qual tornava imunes à legislação chinesa os estrangeiros que cometessem crimes comuns naquele país, tais como roubos e assassinatos⁴¹.

Com o passar dos anos, o instituto das “reciprocidades automáticas” foi sendo mobilizado como pretexto para que outros países imperialistas, para além da Inglaterra e da Rússia, também exigissem o domínio definitivo sobre porções do território chinês, bem como o direito a terem áreas de influência na China⁴². Além disso, os Estados Unidos fizeram um esforço no sentido de garantir nos tratados desiguais a chamada “Open Door Policy” (“Política de Portas Abertas”), com a qual, apesar de não serem oficialmente detentores de “concessões”, pretendiam ter livre acesso à integralidade do território chinês⁴³. Portanto, a China sofreu profundos abalos em sua integridade territorial e em sua soberania, encontrando-se humilhada e dilacerada pelas potências imperialistas na virada do século XIX para o XX.

⁴¹ *Ibid.*, p. 68 e 69.

⁴² *Ibid.*, p. 163.

⁴³ *Ibid.*, p. 149

A expansão imperialista sobre a China pode ser dividida em três etapas. Inicialmente, entre os anos 1840 e 1880, houve um esforço dos países imperialistas em derrubar as restrições chinesas ao comércio externo. Após isso, entre meados da década de 1880 e da de 1890, as potências imperialistas dedicaram-se a desmembrar as periferias do império chinês. Finalmente, entre os últimos anos do século XIX e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os países imperialistas dividiram a China em áreas de influência, verdadeiros condomínios dirigidos pelas leis e interesses da respectiva potência invasora⁴⁴.

Podemos compreender melhor esse processo por meio das reflexões gramscianas a respeito das relações internacionais. Segundo o autor, as alterações na organização da estrutura produzem uma modificação também orgânica nas relações do campo internacional, através de suas manifestações técnico-militares⁴⁵. Neste sentido, os imperialismos em relação a China são resultado direto da nova etapa do modo de produção capitalista, caracterizada pelo predomínio do monopólio de poucas empresas por setores produtivos, assim como pela fusão entre capital industrial e financeiro⁴⁶.

Além disso, a imposição dos interesses das potências imperialistas sobre a China foi feita mediante tratados diplomáticos impostos à monarquia chinesa, bem como por meio de guerra, que nada mais é do que “[...] um momento da vida política, é a continuação, em outras formas, de uma determinada política”⁴⁷ (tradução do autor).

Feitos esses breves apontamentos sobre o começo do avanço imperialista sobre a China, ocorrido a partir de 1839, com a Primeira Guerra do Ópio, é importante salientar-

⁴⁴ AARÃO REIS, Daniel. **A revolução chinesa**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Tudo é história, v. 05), p. 18-22.

⁴⁵ GRAMSCI, *Op. cit.*, p. 18.

⁴⁶ LENINE, V. I. O imperialismo, fase superior do capitalismo. In: LENINE, V. I. **Obras escolhidas – v. 1**. Lisboa: Edições Avante/Moscou: Edições Progresso, 1977., p. 641 e 642.

⁴⁷ GRAMSCI, A. *Op. cit.*, p. 23

se que para a historiografia sobre a revolução chinesa ligada aos Annales é esse momento que marcou o início do processo revolucionário, uma vez que ele acentuou a opressão e a exploração sobre o povo chinês⁴⁸. Isso se deveu ao fato dos tratados desiguais impostos pelas potências estrangeiras à China determinarem a esse país o pagamento de vultosas indenizações de guerra, as quais, obviamente, foram repassadas pela monarquia chinesa aos camponeses e trabalhadores urbanos em geral sob a forma de impostos e taxas. Ademais, a livre circulação de mercadorias estrangeiras em território chinês acarretou a falência dos artesãos chineses, assim como sujeitou produtos da China que eram requisitados no mercado internacional, como chás e porcelanas, à lei de oferta e procura do capitalismo, produzindo em seus artífices uma incerteza quanto aos ganhos que seriam oriundos da venda desses artigos. Também é preciso lembrar que o imperialismo produziu novos polos de desenvolvimento, como Hong Kong e Shanghai, os quais provocaram a decadência de polos mais antigos, como Guangzhou (Cantão), no sul da China, destruindo o setor comercial desses lugares. O resultado foi o aumento do desemprego e da miséria entre os trabalhadores⁴⁹.

De forma similar, a historiografia marxista italiana também aponta os conflitos relacionados ao ópio como o início do processo revolucionário chinês⁵⁰. Contudo, ela defende que a revolução de 1949 foi resultado de uma articulação entre a intensificação da exploração do campesinato provocada pelo imperialismo e a demanda anterior dessa classe social, qual seja a terra⁵¹. Neste sentido, a revolução chinesa foi produto tanto de uma nova dinâmica provocada por ações externas quanto de contradições que já existiam na sociedade chinesa.

⁴⁸ BASTID, M.; CHESNEAUX, J. *Op. cit.*, p. 54.

⁴⁹ *Op. cit.* p. 55.

⁵⁰ PISCHEL, E. C. *Op. cit.*, p. 55-58.

⁵¹ *Op. cit.*, p. 12.

Além do mais, a historiografia marxista italiana enfatizou as razões ideológicas da revolução chinesa⁵². Para ela, esse processo revolucionário também resultou das contradições que o confucionismo, princípio organizativo da formação social chinesa sob a monarquia, engendrava⁵³. Essa doutrina prezava pelo forte respeito às hierarquias e à harmonia social, justificando a obediência do camponês ao seu senhor, do súdito ao imperador, da esposa ao marido e do filho ao pai. No entanto, apesar de extremamente conservador, o confucionismo não é imobilista, legitimando as revoltas populares contra a monarquia, caso ela não consiga garantir a estabilidade das relações sociais.⁵⁴ Portanto, esse traço contraditório, oscilando entre a mudança e o ajuste, é considerado pela historiografia em questão como extremamente relevante para se entender as formas pelas quais os trabalhadores chineses justificavam a sua revolta contra a monarquia.

Já a historiografia ligada à Universidade de Harvard, realizou uma análise distinta do processo revolucionário chinês, indicando seu início nas primeiras décadas do século XIX e apontando como suas causas fundamentais a explosão demográfica ocorrida na China nesse período, assim como questões de ordem institucional, mais precisamente a fragilização do Estado imperial com o avanço do imperialismo, fator que tornou tênue a dominação da monarquia sobre as massas camponesas chinesas⁵⁵.

De acordo com Fairbank⁵⁶, na virada do século XVIII para o XIX, a população chinesa se expandiu consideravelmente, passando de pouco mais de 200 milhões em 1770 para mais de 400 milhões em 1840. Ou seja, dobrando em apenas setenta anos. Esse fato, propiciado pela diversificação da alimentação do campesinato chinês, principalmente por conta da difusão de variedades de arroz de maturação precoce, mas também de batata e

⁵² *Op. cit.*, p. 28.

⁵³ *Op. cit.*, p. 29.

⁵⁴ *Op. cit.* p. 30.

⁵⁵ FAIRBANK, J. K. *Op. cit.*, p. 5.

⁵⁶ *Op. cit.*, p. 7.

milho, ocasionou uma pressão demográfica nos campos, com muitas pessoas para trabalhar em poucas terras, produzindo revoltas camponesas mesmo antes do imperialismo começar a atuar sobre a China e se articulando, posteriormente, à pauperização da vida acarretada pela ingerência das potências estrangeiras sobre a China, como motivação das revoltas populares.

Ademais, por um lado, o avanço das potências imperialistas sobre a China provocou a fragilização da monarquia, encabeçada pela dinastia Qin, herdeira do trono chinês desde o início do século XVII, tornando-a menos eficaz no tocante ao controle das massas camponesas, nos dizeres de Fairbank⁵⁷. Por outro, o fato de tratar-se de uma família de origem estrangeira, haja vista que eram mandchu, um povo que habitava a península da Mandchúria, situada no nordeste da China, e não han, os chineses típicos, fez com que a dinastia Qin ficasse receosa em enfrentar de forma mais incisiva as ações imperialistas, temendo que ao mobilizar a população contra um invasor estrangeiro, ela também fosse vista como uma usurpadora estrangeira do trono chinês e destituída pelas massas⁵⁸. As exceções mais evidentes foram as Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), mas mesmo nesses casos, ela acabou optando por aceitar as exigências estrangeiras e não levou os conflitos adiante, mesmo possuindo recursos bélicos e humanos para isso⁵⁹.

Apesar do tom vacilante da monarquia, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, emergiram na sociedade chinesa vários movimentos para fazer frente ao imperialismo, tanto no âmbito das classes dominantes, merecendo destaque o Movimento de Imitação do Estilo Ocidental, quanto dos setores populares, de onde

⁵⁷ *Op. cit.*, p. 107.

⁵⁸ *Op. cit.* p. 109.

⁵⁹ *Op. cit.* p. 110.

vieram as resistências de maior envergadura, notabilizando-se a guerra dos Taiping, ao sul, e a revolta dos Boxers, ao norte.

No caso das classes dominantes, houve uma divisão no seio do mandarinato, a burocracia estatal chinesa, composta, sobretudo, de membros oriundos da classe de senhores de terra, uma vez que era necessário se submeter a um concurso de admissão aos cargos estatais, no qual era exigida uma enorme erudição, sendo praticamente impossível às famílias de integrantes de classes mais baixas arcarem com os custos educacionais de preparação para essas seleções⁶⁰. Dessa cisão surgiram os “tradicionalistas”, os quais eram contrários a reformas no aparelho estatal, e os “modernistas”, favoráveis a mudanças em áreas específicas, especialmente na defesa, e que deram origem ao chamado Movimento de Imitação do Estilo Ocidental⁶¹. Esse movimento fracassou em seus objetivos, uma vez que limitou as reformas a uma área isolada e dependia de profissionais e tecnologia ocidental, servindo muito mais para incrementar os aparatos de repressão às revoltas populares do que para deter o avanço das potências imperialistas⁶².

No que concerne às revoltas populares que abalaram a China na segunda metade do século XIX, elas foram resultado da articulação entre a estrutura fundiária característica do Império Qin, marcada por uma grande concentração de terras, e a intensificação da exploração do campesinato decorrente do avanço da exploração imperialista⁶³, indicando o início de uma crise orgânica⁶⁴ na sociedade chinesa, a qual se prolongaria por décadas, sendo resultado da estrutura ter demonstrado contradições incuráveis e das forças

⁶⁰ BALAZS, Étienne. **La bureaucratie céleste**: Recherches sur l'économie et la société de la Chine traditionnelle. Paris: Gallimard, 1988. (Tel), p. 25.

⁶¹ BASTID, M.; CHESNEAUX, J. *Op. cit.*, p. 172.

⁶² *Op. cit.*, p. 178.

⁶³ PISCHEL, E. C. *Op. cit.*, p. 208.

⁶⁴ GRAMSCI, A. *Op. cit.*, p. 52 e 53.

dominantes (senhores de terra e mandarinato), voltadas para a conservação, não conseguem mais exercer a hegemonia⁶⁵, isto é, a apresentação de seus interesses privados em um plano universal, sobre os subordinados (camponeses, especialmente). Somado a isso, as forças voltadas para a transformação (organizações camponesas, vertente modernizante da burocracia estatal, setores da classe média republicanos) não lograram êxito em se impor e tornarem-se hegemônicas.

Além disso, é importante ressaltar-se que elas foram lideradas por organizações clandestinas chamadas sociedades secretas⁶⁶, as quais se dedicavam a realizar ajuda mútua, contrabando de sal, haja vista que esse era um produto cujo monopólio era estatal, além de repassar para as novas gerações as histórias das revoltas camponesas passadas.

Dentre as revoltas populares, as mais importantes foram a dos Taiping, ocorrida entre 1845 e 1864, e a dos Boxers, que aconteceu entre 1898 e 1901. No que diz respeito à primeira, ela foi liderada pela Sociedade dos Adoradores de Deus, uma sociedade secreta dirigida por um indivíduo que se autodenomina o irmão mais jovem de Jesus Cristo, o qual incitou os camponeses do sul da China a se prepararem para a chegada do Taiping Tianguo (daí advém o nome do movimento), isto é, um reino igualitário e de paz, no qual as terras seriam redistribuídas aos camponeses⁶⁷. Ademais, essa rebelião foi caracterizada pela adoção de reformas educacionais, bancárias e militares, além de investimentos na área de infraestrutura e de comunicações nas regiões controladas pelo movimento. Neste sentido, a revolta dos Taiping mesclou características de revoltas camponesas tradicionais, em razão do programa igualitário e focado na reforma agrária, com

⁶⁵ *Op. cit.*, p. 37 e 81.

⁶⁶ CHESNEAUX, Jean. La place des sociétés secrètes dans l'évolution historique de la Chine aux XIX-XX siècles. In: CHESNEAUX, Jean et. al. **Mouvements populaires et sociétés secrètes en Chine aux XIX et XX siècles**. Paris: François Maspero, 1970. (La découverte), p. 15 e 16.

⁶⁷ BASTID, M.; CHESNEAUX, J. *Op. cit.*, p. 77-80.

elementos do cristianismo e do capitalismo⁶⁸. Já a última, foi encabeçada pela Sociedade dos Punhos da Justiça e da Concórdia, uma sociedade secreta do norte da China, a qual se dedicava ao exercício do boxe sagrado (daí deriva o nome da revolta). Seus membros se dedicavam ao uso de ação direta contra cidadãos das “concessões” e “áreas de influência” das potências imperialistas, particularmente os embaixadores⁶⁹.

Por conseguinte, tanto os Taiping quanto os Boxers foram revoltas que mesclaram características das lutas camponesas tradicionais da China, especialmente o igualitarismo, com elementos derivados do contato com os europeus, a exemplo do cristianismo, de reformas capitalistas e ação direta. Além do mais, é necessário salientar-se que ambas não apresentavam como intuito derrubar a monarquia chinesa, sendo massacradas por forças do Estado imperial no caso dos Taiping⁷⁰ e por uma articulação entre exércitos imperialistas de diferentes nacionalidades e os Qin em se tratando dos Boxers⁷¹.

No tocante às interpretações historiográficas dos movimentos populares supracitados, faz-se necessário tecer-se algumas críticas. Por um lado, Fairbank em sua análise muito mais preocupada com as questões demográficas e institucionais da China, acaba relegando a segundo plano as revoltas populares, enfocando seus estudos nas reformas administrativas levadas a cabo pelo setor modernizante do mandarinato chinês⁷². Por outro, Pischel⁷³, influenciada pelo marxismo, e Chesneaux⁷⁴, mesclando a visão marxista e a dos Annales, realizam uma leitura de caráter teleológico dos Taiping e dos Boxers, muitas vezes vistos como uma espécie de infância do movimento revolucionário chinês, haja vista que não possuíam como objetivo derrubar a monarquia e provocar uma

⁶⁸ *Op. cit.*, p. 80-86.

⁶⁹ *Op. cit.*, p. 87-90.

⁷⁰ *Op. cit.*, p. 80.

⁷¹ *Op. cit.*, p. 90.

⁷² Os movimentos são apenas mencionados em FAIRBANK, J. K. *Op. cit.*, p. 132.

⁷³ PISCHEL, E. C. *Op. cit.*, p. 209.

⁷⁴ BASTID, M.; CHESNEAUX, J. *Op. cit.*, p. 92.

mudança radical da ordem social chinesa, além de serem marcados por uma simbiose de táticas de lutas, muitas das quais consideradas tradicionais e supersticiosas. Por conseguinte, parte-se do pressuposto de que não é adequado realizar análises desse tipo, nas quais um evento passado serve apenas para demonstrar a relevância de outro futuro.

O quadro de convulsão social no qual se encontrava a China e a incapacidade da dinastia Qin em fazer frente às potências imperialistas, levou à emergência do Movimento Republicano, no começo do século XX, a partir da iniciativa de intelectuais chineses exilados no Japão⁷⁵. Juntos, eles criaram a chamada Liga Jurada, baseada nos ditos Três Princípios do Povo, quais sejam nacionalismo (a derrubada da monarquia), democracia (segundo o modelo descentralizado dos Estados Unidos) e um bem-estar social vago⁷⁶. Essa organização, cujas táticas eram calcadas na propaganda e em tentativas de insurreições armadas, era liderada por Sun Yat-sen e consistia no embrião do que viria a ser o Guomindang (Partido Nacionalista)⁷⁷. Após várias tentativas insurrecionais, na denominada Revolução de 1911 ou Revolução Xinhai, a Liga Jurada logrou êxito em derrubar a dinastia Qing e implantar um regime republicano na China, o qual foi marcado desde o início por forte instabilidade política, decorrente das lutas internas do aparelho partidário e pela ampliação dos poderes dos senhores de terras locais, os quais, na ausência de um poder central forte, passaram a criar milícias particulares e a digladiarem-se entre si na ânsia por ampliar seus domínios, convertendo-se nos chamados “senhores de guerra”⁷⁸.

⁷⁵ BASTID, Marianne; BERGÈRE, Marie-Claire; CHESNEAUX, Jean. **Histoire de la Chine 2: L'illusoire modernité, 1885-1921. De la guerre franco-chinoise à la fondation du parti communiste chinois.** Paris: Hatier Université, 1972. (Histoire contemporaine), p. 105

⁷⁶ *Ibid.*, p. 107.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 108.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 127.

A interpretação da historiografia influenciada pelos Annales da revolução de 1911 é a de que se tratou de uma revolução burguesa⁷⁹, isto é, a tomada do poder político chinês pela classe que detinha o poder econômico de fato, a burguesia de Shanghai, resultante daquela cidade haver se transformado em um grande centro têxtil com as políticas imperialistas. Além disso, ela foi levada a cabo por parcelas da classe média urbana, principalmente militares, com apoio de amplos setores dos senhores de terra e da burguesia chinesa, de modo a impedir o avanço das lutas populares e modernizar a estrutura política e econômica do país. Também é importante salientar-se o fato de 1911 ter resultado de uma insurreição militar praticamente sem apoio popular e de as potências imperialistas não terem realizado uma intervenção em apoio à monarquia, haja vista que os rebeldes haviam se comprometido a manter os tratados desiguais estabelecidos anteriormente pelos Qing⁸⁰.

Além disso, apesar de ter participado da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) de forma subordinada, fornecendo mão-de-obra, os denominados *coolies*, e matérias-primas estratégicas a preços baixos, a China sofreu fortemente os reflexos do conflito. Em 1919, o Tratado de Versalhes transferiu a zona de ocupação alemã no país para o Japão, demonstrando que o estatuto de semicolônia da China não havia sido alterado. Esse fato gerou intensas reações, sobretudo de intelectuais, estudantes e artistas chineses e desembocou no chamado Movimento de 4 de Maio de 1919, o qual dedicou-se a questionar a interferência externa e o atraso do país, especialmente no âmbito dos costumes e da cultura. Vale ressaltar que inclusive a opressão feminina e dos jovens passou a ser alvo de questionamento, uma vez que eram entendidos como resquícios arcaicos e, por conseguinte, entraves à modernização do país⁸¹.

Segundo a historiografia oficial do PCCh, o Movimento de 4 de Maio é considerado o marco de início da revolução chinesa e da própria história contemporânea

⁷⁹ BÉRGÈRE, M.-C. *Op. cit.*, p. 58.

⁸⁰ PISCHEL, E. C. *Op. cit.*, p. 125.

⁸¹ BASTID, M.; BERGÈRE, M.-C.; CHESNEAUX, J. *Op. cit.*, p. 179.

do país, haja vista que foi nesse momento que se produziram de forma mais articulada os questionamentos a respeito da formação social chinesa, tanto nos planos econômico e político, quanto cultural⁸². Em outras palavras, a concepção de que a sociedade chinesa deveria ser alterada em sua integralidade e não apenas no regime de governo, teria emergido nesse período.

Apesar de ter sido controlado, o Movimento de 4 de Maio ocasionou impactos de longo prazo, haja vista que grande parte dos fundadores do Partido Comunista Chinês, criado em 1921, inclusive Mao Zedong, haviam dele participado⁸³. E é exatamente essa simbiose entre marxismo, independência nacional e modernização cultural que teria marcado a luta do PCCh contra o Guomindang e a construção do socialismo na China⁸⁴.

Tal quadro de efervescência pelo qual a China passou a partir da virada dos anos 1910 para os 1920, com a proliferação de jornais, revistas, editoras publicando livros de autores modernistas chineses e traduções de livros ocidentais, formação de novos partidos políticos, grupos de debate etc⁸⁵ indicam um início de processo de ocidentalização da China, isto é, de complexificação de sua sociedade civil⁸⁶.

Neste sentido, de forma similar à compreensão da historiografia oficial, o historiador francês Lucien Bianco, influenciado pelos *Annales*, identificou o início da revolução de 1949 no Movimento de Nova Cultura, iniciado em 1915, o qual consistiu em uma espécie de embrião das críticas às hierarquias e costumes da sociedade chinesa considerados “velhos”, as quais aflorariam com o Movimento de 4 de Maio⁸⁷. Portanto,

⁸² HO Kan-chih. *Op. cit.*, p. 12.

⁸³ NAVES, Márcio Bilharinho. **Mao** – O processo da revolução. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Encanto radical), p. 12.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 15.

⁸⁵ BASTID, M.; BERGÈRE, M.-C.; CHESNEAUX, J. *Op. cit.*, p. 184.

⁸⁶ COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci e o Sul do mundo: entre Oriente e Ocidente. **Margem Esquerda**, São Paulo, n. 5, s/p, 2005.

⁸⁷ BIANCO, L. *Op. cit.*, p. 65.

nos dizeres desse autor, as origens intelectuais da revolução estariam nesses dois movimentos, considerados por ele como a “primeira revolução cultural”⁸⁸, em alusão à Grande Revolução Cultural Proletária, ocorrida entre 1966 e 1976.

A estratégia de luta do PCCh pelo socialismo pode ser dividida em dois momentos. Durante os anos 1920, essa organização, seguindo as diretrizes da III Internacional Comunista, optou pela formação de uma frente única com o Guomindang de Chiang Kai-shek⁸⁹, orientado pela concepção de que a China primeiro deveria passar por uma revolução democrático-burguesa, de modo a alavancar o capitalismo naquele país e eliminar os resquícios feudais, sendo necessário para que isso ocorresse a formação do chamado “bloco das quatro classes”, formado pelo campesinato, proletariado, pequena burguesia (classe média) e burguesia nacional⁹⁰. Após a ruptura do acordo de forma unilateral pelos nacionalistas, em 1927, episódio que acarretou o enfraquecimento da organização partidária nas cidades e o extermínio de grande parte de seus quadros, o que restou do PCCh refugiou-se nos campos e voltou-se para a tática de guerra popular, baseada na luta armada contra o governo de Chiang Kai-shek, no recuo estratégico quando o inimigo fosse mais forte e no estabelecimento de áreas libertadas, dotadas de um novo sistema de governo, produzindo um poder dual⁹¹. É nesse momento que o principal agente revolucionário passou a ser considerado o campesinato, parcela mais significativa da população chinesa, fator que foi fundamental para a vitória dos comunistas em 1949⁹².

⁸⁸ BIANCO, Lucien. China de 1912 a 1937. In: BIANCO, Lucien. **Asia contemporânea**. México, D.F.: Siglo XXI, 1987. (Historia universal, v. 33), p. 60.

⁸⁹ CLAUDÍN, F. *Op. cit.*, p. 633 e 634.

⁹⁰ HO Kan-chi. *Op. cit.*, p. 37.

⁹¹ CHESNEAUX, Jean; LE BARBIER, Françoise. **Histoire de la Chine 3: La marche de la révolution, 1921-1949. De la fondation du parti communiste à la Liberation**. Paris: Hatier Université, 1975. (Histoire contemporaine), p. 166

⁹² *Ibid.*, p. 199.

Finalmente, é necessário discutir a questão do término da revolução chinesa, o qual também não é um consenso entre as historiografias que se debruçaram sobre o tema. Para a historiografia marxista italiana, o processo se encerra com a tomada do poder pelos comunistas e com a fundação da República Popular da China, em 1949⁹³. Já para a historiografia francesa ligada ao *Annales*, a revolução termina com a morte de Mao Zedong, em 1976, e o restabelecimento de relações capitalistas na China.⁹⁴ De maneira distinta, a historiografia da Universidade de Harvard, além de antecipar o início da revolução para o começo do século XIX, defende que ela ainda apresenta desdobramentos nos dias atuais, defendendo uma visão alargada do processo⁹⁵. Já a historiografia oficial, interpreta a revolução como tendo se estendido até o começo do Grande Salto Para Frente, momento no qual os chineses teriam rompido com o modelo soviético e iniciado a construção de um socialismo com características chinesas⁹⁶.

1.3. China, 1949-1962: História e polêmicas sobre a natureza da transição socialista chinesa

Ao chegarem ao poder na China, em 1949, os comunistas se depararam com um país arrasado por décadas de guerras civis e alvo de diversas tentativas de isolamento no plano internacional, como o não reconhecimento do governo do PCCh pelos Estados Unidos e a inclusão de Taiwan, ilha situada ao sudeste do território continental chinês para a qual Chiang Kai-shek e o Guodmindang fugiram após a derrota, no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU)⁹⁷.

⁹³ PISCHEL, E. C. *Op. cit.*, p. 236.

⁹⁴ BELASSEN, J. *et al.* **Histoire de Chine 4**: Un nouveau communisme, 1949-1976. De la Libération à la mort de Mao Zedong. Paris: Hatier, 1977. (Histoire contemporaine), p. 187.

⁹⁵ FAIRBANK, J. K. *Op. cit.*, p. 362.

⁹⁶ HO Kan-chi. *Op. cit.*, p. 30.

⁹⁷ BELASSEN, J. *et al.* *Op. cit.*, p. 9.

Além disso, era necessário atender uma série de exigências dos grupos que participaram do processo revolucionário, a exemplo dos camponeses, operários, organizações de mulheres e setores da burguesia que também haviam apoiado a revolução⁹⁸.

Neste sentido, os primeiros anos de construção do socialismo na China foram marcados pela promulgação de uma série de legislações, dentre as quais destacaram-se a Lei de Reforma Agrária, em 1950, a qual concedeu um lote de terra a todo indivíduo adulto, resultado da expropriação de grandes propriedades rurais chinesas⁹⁹. Contudo, os lotes eram muito pequenos, girando em torno de um quinto de hectare e chegando a dimensões bem menores em algumas regiões. Além do mais, propriedades de camponeses médios e grandes que haviam apoiado a revolução permaneceram intactas. Esses fatores propiciaram o retorno da prática de arrendamentos nos campos¹⁰⁰. Logo, a principal bandeira do campesinato havia sido atendida, mas não significou necessariamente uma melhoria considerável das condições de vida dessa classe e nem o fim das desigualdades sociais no campo chinês.

Ademais, também em 1950, foi promulgada a Nova Lei do Casamento, demanda histórica dos jovens e das organizações femininas, particularmente da Federação Democrática de Mulheres, fundada poucos meses antes do triunfo da revolução¹⁰¹. Por meio dessa legislação foi determinado que os casamentos seriam firmados a partir da livre vontade dos cônjuges, sendo proibida a prática de matrimônios arranjados pelos pais¹⁰². Além disso, estabeleceu-se que o casamento deveria ser monogâmico e o divórcio um

⁹⁸ *Ibid.*, p. 10 e 11.

⁹⁹ *Ibid.*, p. 14.

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 15.

¹⁰¹ BEJA, F. *Op. cit.*, p. 32.

¹⁰² ONO, Kazuko. **Chinese women in a century of revolution, 1850-1950**. Stanford: Stanford University Press, 1989., p. 177.

direito tanto de homens quanto de mulheres, considerados a partir daí igualmente chefes do casal¹⁰³.

Ainda em 1950, foi editada a Lei de Organização Sindical Urbana, a qual garantiu o direito de organização sindical operária, criou direitos trabalhistas, como o seguro-desemprego, e assegurou a participação dos trabalhadores na gestão das indústrias, resultando em uma melhoria significativa nas condições de vida do proletariado¹⁰⁴. Entretanto, as fábricas dos burgueses que apoiaram o processo revolucionário não foram expropriadas. Além disso, no caso das indústrias estatais, emergiu a figura do gerente de fábrica, responsável pela administração do lugar, estabelecendo-se uma assimetria entre ele e os demais operários. Somado a isso, as jornadas de trabalho permaneciam longas e as férias não existiam¹⁰⁵.

Por conseguinte, apesar da chegada ao poder do PCCh e do atendimento de demandas históricas dos camponeses e operários, as desigualdades sociais não foram eliminadas na China¹⁰⁶. Nos campos, ainda existiam camponeses ricos e uma grande massa de camponeses com parcelas minúsculas de terra e vendendo sua força de trabalho àqueles¹⁰⁷. Nas cidades, a exploração do trabalho dos operários e seu apartamento das decisões relativas à produção se mantinham¹⁰⁸. Em razão disso, Charles Bettelheim defendeu que a China pós-1949 não era uma sociedade socialista, mas uma espécie de capitalismo de estado, assim como a União Soviética, haja vista que as classes sociais haviam subsistido e a extração de mais-valia ainda se mantinha¹⁰⁹.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 178.

¹⁰⁴ BELASSEN, J. *et. all. Op. cit.*, p. 22.

¹⁰⁵ *Op. cit.*, p. 23

¹⁰⁶ BETTELHEIM, Charles; CHARRIÈRE, Jacques; MARCHISIO, Hélène. *Op. cit.*, p. 152.

¹⁰⁷ *Op. cit.*, p. 153.

¹⁰⁸ *Op. cit.*, p. 154.

¹⁰⁹ *Op. cit.* p. 159.

Além disso, o PCCh colocou em prática, entre 1953 e 1957, o I Plano Quinquenal, num esforço de reconstrução econômica do país. Ele foi inspirado nos planos quinquenais soviéticos do período stalinista, priorizando a indústria pesada e centralizando as decisões políticas no aparelho estatal¹¹⁰. Logo, seus resultados imediatos foram a priorização do desenvolvimento das cidades em detrimento dos campos, nos quais encontrava-se o principal sujeito do processo revolucionário chinês, assim como um deslocamento ainda maior das decisões sobre os rumos do país das bases para a cúpula do PCCh.

Neste sentido, pode-se afirmar que o I Plano Quinquenal consistiu em uma forma de “acumulação socialista primitiva”¹¹¹ à chinesa, haja vista que promoveu a intensificação da exploração dos campos de modo a prover alimentos e matérias-primas às cidades, tornando possível o desenvolvimento industrial e, por conseguinte, o próprio socialismo chinês.

Em razão do I Plano Quinquenal ter implicado em um afastamento do socialismo chinês de sua própria história, isto é, da classe que constituía a maioria da população da China e que havia sido o agente fundamental da revolução de 1949, o campesinato, assim como do local em que o PCCh havia se reconstruído e se fortalecido e no qual aquela classe encontrava-se, os campos, a historiografia ligada aos *Annales* denominou esse período de “escola dos soviéticos”¹¹² e de “via ortodoxa”¹¹³, numa tentativa de enfatizar a importação do modelo ultracentralizado e focado na indústria pesada da União Soviética.

¹¹⁰ BELASSEN, J. *et. all. Op. cit.*, p. 57 e 58.

¹¹¹ PREOBRAJENSKY, Eugen. A lei de acumulação socialista primitiva. In: PREOBRAJENSKY, Eugen. **A nova econômica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Economia, v. 2)

¹¹² BERGÈRE, M.-C. *Op. cit.*, p. 37.

¹¹³ MEISSNER, Werner. La voie orthodoxe: 1949-1955. In: BERGÈRE, Marie-Claire; BIANCO, Lucien; DOMES, Jürgen (Orgs.). **La Chine au XXe siècle**: De 1949 à aujourd'hui. Paris: Fayard, 1990., p. 9.

A implementação do I Plano Quinquenal gerou inúmeros questionamentos e resistências. Em meados dos anos 1950 ocorreu a formação de cooperativas pelos camponeses, numa tentativa de criar redes de ajuda mútua para fazer frente aos grandes e médios proprietários, e eclodiram greves operárias que exigiam o fim das empresas particulares e da figura do gerente de fábrica¹¹⁴. Como respostas, o PCCh iniciou um plano de auxílio rural e expropriou a burguesia e os setores comerciais e artesanais urbanos. Em razão disso, o VIII Congresso do PCCh, realizado em 1956, alegou que o problema da luta de classes havia sido resolvido na China e que toda ênfase a partir dali deveria ser na produção¹¹⁵.

As contradições acentuadas pelo I Plano Quinquenal radicalizaram as críticas de camponeses, operários e intelectuais ao PCCh, assim como tornaram seus resultados produtivos insatisfatórios. Aliado a isso, a partir de 1956, iniciou-se na União Soviética um processo de abertura política conhecido como “desestalinização”, encabeçado por Nikita Krushev, sucessor de Stálin nos comandos do país, o qual também contribuiu para nutrir os questionamentos populares na China. Neste sentido, buscando acalmar as insatisfações, o PCCh deu início ao chamado “Movimento das Cem Flores”, em 1957, possibilitando um certo nível de crítica. Contudo, as insatisfações para com a burocratização do regime se tornaram visíveis e os dirigentes do PCCh recuaram, fortalecendo novamente a censura e a repressão políticas aos descontentes¹¹⁶.

Em decorrência das contradições geradas pelo modelo centralizado do I Plano Quinquenal, bem como pela abertura promovida pelo “Movimento das Cem Flores”, a fração do PCCh liderado por Mao Zedong e Liu Shaoqi apresentaram, em 1958, um caminho alternativo, o qual ficou conhecido como Grande Salto Para Frente. Por meio

¹¹⁴ BELASSEN, J. *Op. cit.*, p. 64.

¹¹⁵ *Op. cit.*, p. 65.

¹¹⁶ *Op. cit.*, p. 68.

dessa plataforma, a ênfase era deslocada das cidades para os campos, assim como a agricultura passou a ser definida como base e a indústria como o fator dominante. Neste sentido, a classe camponesa emergiu como a essencial para a edificação do socialismo na China¹¹⁷.

Nos campos, o Grande Salto estimulou a formação de Comunas Populares, sendo que cada uma delas dizia respeito a área de um distrito, a unidade administrativa de base da China, e que foram possíveis pela expropriação dos camponeses médios e ricos, assim como pela fusão das cooperativas formadas nos anos anteriores. Nelas, as terras, ferramentas, residências e o gado tornaram-se propriedades coletivas, permanecendo apenas os animais de pequeno porte, árvores frutíferas e utensílios pessoais no âmbito do pertencimento privado¹¹⁸.

Além disso, as Comunas Populares apresentavam duas características fundamentais, quais sejam a autonomia e a polivalência. A primeira dizia respeito à independência em relação ao poder central, cabendo a elas apenas seguir os planos e diretrizes nacionais como indicativos e não como metas. Já a última, se referia ao conjunto de atribuições que as comunas possuíam, as quais iam desde a própria gestão política até a organização dos trabalhos econômicos (agricultura, pecuária, pequena indústria, formação e administração de bancos locais, dentre outros), passando pela educação, atividades culturais, de saneamento básico e formação de milícias populares para defesa¹¹⁹.

Nas cidades, o Grande Salto implicou no deslocamento paulatino da gestão das indústrias do âmbito nacional para o local, isto é, das províncias e dos municípios. Além

¹¹⁷ *Op. cit.*, p. 84.

¹¹⁸ *Op. cit.*, p. 86.

¹¹⁹ *Op. cit.*, p. 87.

disso, houve aumentos salariais e incentivo à participação dos operários na gestão das empresas e dos quadros do PCCh no trabalho manual, buscando reduzir as desigualdades no interior das fábricas e enfraquecer a ideia de superioridade do trabalho intelectual sobre o manual¹²⁰.

Ademais, o Grande Salto também promoveu reformas no setor educacional, buscando dismantlar o preconceito em relação ao trabalho manual e articular a formação técnica à política, assim como assegurar a entrada dos trabalhadores no ensino superior com a criação de cursos universitários em tempo parcial¹²¹.

Em razão das características do Grande Salto apontadas acima, ele foi interpretado pela historiografia marxista como o início da construção de um socialismo com características chinesas, uma vez que elaborou uma plataforma de concepção global da sociedade chinesa e não apenas econômica; focalizou seus esforços na descentralização da gestão da produção, tanto nos campos quanto nas fábricas; e buscou eliminar a contradição entre trabalho manual e trabalho intelectual¹²².

Entretanto, o Grande Salto suscitou uma série de problemas. Nas Comunas Populares, muitas vezes, os elementos que deveriam ser de propriedade privada foram coletivizados, inclusive objetos pessoais. Além disso, no afã de alavancar a produção, geralmente, impôs-se ritmos de trabalhos extenuantes tanto nos campos quanto nas cidades. Somado a isso, empolgados em alavancar a produção industrial chinesa, muitos camponeses começaram a negligenciar a produção de alimentos, e a priorizar a de metais, especialmente de aço, derretendo até mesmo panelas e bijuterias, gerando aço de baixa

¹²⁰ *Op. cit.*, p. 89.

¹²¹ *Op. cit.*, p. 92.

¹²² BALL, J. *Op. cit.*, s/p.

qualidade e contribuindo para a escassez de alimentos e crises de fome na virada dos anos 1950 para os 1960¹²³.

Para a historiografia liberal, a redução da oferta de gêneros alimentícios na China provocou a chamada “Grande Fome”, apontada como um genocídio, e demonstrou que o Grande Salto Para Frente era, na verdade, um Grande Salto Para Trás. Ademais, essa corrente costuma atribuir unicamente à Mao Zedong, à época a principal liderança do PCCh, o fracasso dessa plataforma.¹²⁴

Em contrapartida, a historiografia marxista respondeu a essas críticas fazendo uma leitura que escapava da explicação a partir das supostas deficiências e equívocos de Mao, salientando as contradições e falhas de execução nas bases, assim como os desastres naturais, isto é, secas e inundações, que assolaram a China no final da década de 1950 e início da de 1960, ampliando a crise alimentícia e antecipando o fim do Grande Salto, em 1962¹²⁵.

1.4. Breve histórico das relações de gênero na China: Do final da monarquia ao início da transição socialista

Inicialmente, faz-se necessário apresentar uma conceituação da categoria gênero. Por um lado, ela consiste em uma elaboração social do masculino e do feminino a partir de diferenças anatômicas¹²⁶. Por outro, diz respeito a uma relação social, a qual se dá no “terreno do poder, onde têm lugar a exploração dos subordinados e a dominação dos explorados, dominação e exploração sendo faces de um mesmo fenômeno”¹²⁷. Por conseguinte, gênero e classe social encontram-se apartados apenas na mente dos

¹²³ BELASSEN, J. *Op. cit.*, p. 98.

¹²⁴ DIKÖTTER, F. *Op. cit.*, p. 397 e MACFARQUHAR, R. *Op. cit.*, p. 155.

¹²⁵ BALL, J. *Op. cit.*, s/p.

¹²⁶ SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992., p. 185.

¹²⁷ *Ibid.*

estudiosos e nas tentativas de apresentar o problema de maneira mais didática, mas são inseparáveis no plano da realidade, o que implica dizer que o pertencimento a cada classe e fração de classe implica em uma experiência distinta das relações de gênero e vice-versa.

Dito isso, pode-se traçar um breve histórico das relações de gênero na China nas décadas anteriores ao triunfo da revolução de 1949 e nos anos iniciais de edificação socialista naquele país.

No tocante à China pré-1949, as relações de gênero eram fortemente marcadas pelo confucionismo, o qual estabelecia as diretrizes gerais de organização da sociedade chinesa, sendo caracterizado pelo forte apreço à autoridade e às hierarquias, elemento tido como fundamental para a harmonia social. Conforme essa doutrina, existiriam cinco relações sociais básicas, o chamado *wulun*, quais sejam a governante/governado, a pai/filho, a marido/mulher, a irmão mais velho/irmão mais novo e a entre amigos¹²⁸. Portanto, todas as relações sociais basilares eram hierárquicas, à exceção da última, e três delas davam-se no interior da família, sendo que a relação governante/governado deveria ter como parâmetro a relação entre pai e filho, fatores que demonstram a centralidade da família patriarcal na ordem social chinesa tradicional.¹²⁹

Além disso, o patriarca controlava a economia familiar, o casamento dos filhos e a vida de todos os membros da família, os quais poderiam ter seus objetos pessoais retirados, serem castigados fisicamente ou, até mesmo, mortos.¹³⁰ Em razão disso, as mulheres ocupavam papéis subalternos na sociedade chinesa tradicional, geralmente as de mães e esposas, sendo proibidas de terem propriedade e, por conseguinte, de receberem

¹²⁸ BEJA, F.; *Op. cit.*, p. 01.

¹²⁹ BEJA, F.; *Op. cit.*, p. 02.

¹³⁰ *Ibid.*

herança, não podendo transmitir linhagem, sendo privadas de trabalhos remunerados e da vida política, além de não poderem separar-se de seu cônjuge e terem de conviver com a poligamia dos maridos¹³¹.

Neste sentido, é importante salientar-se que as desigualdades de gênero na China tradicional eram justificadas pelo suposto pertencimento de homens e mulheres a elementos cósmicos opostos, quais sejam, o yin e o yang¹³². Tais elementos eram complementares e um não poderia existir sem o outro, mas o yin (feminino) era considerado inferior ao yang (masculino)¹³³. Logo, ao pertencer ao yin, elemento marcado pela escuridão e negativo, as mulheres apresentavam uma dita natureza que as tornava pouco inteligentes, indiscretas, ciumentas, emotivas, sedutoras etc, características que caberiam aos homens controlarem¹³⁴.

Ademais, de todos as marcas de opressão das mulheres na China pré-1949, sem dúvida, a mais gritante era a prática de enfaixamento dos pés das meninas para que eles atrofiassem e ficassem sempre pequenos, os chamados pés de lótus, considerados símbolos de beleza feminina e imprescindíveis para que as mulheres arranjassem um bom casamento¹³⁵. Tal costume, o qual havia iniciado na corte imperial e se generalizado por todas as classes da sociedade chinesa, provocava enormes sofrimentos de ordem física nas mulheres, dificultando a sua locomoção e perdurou até sua proibição imediatamente após a vitória da revolução de 1949¹³⁶.

Com a situação de crise interna que a China vivenciava na virada do século XIX para o XX, decorrente das ações dos imperialismos e dos levantes populares,

¹³¹ *Ibid.*

¹³² Beja, F.; *Op. cit.*, p. 03.

¹³³ *Ibid.*

¹³⁴ *Ibid.*

¹³⁵ DABAT, C.; *Op. cit.*, p. 57-58.

¹³⁶ *Ibid.*

generalizaram-se às críticas à monarquia Qin, a qual adotou algumas tímidas reformas de caráter modernizante, as quais incluíam políticas voltadas para as mulheres, a exemplo da criação de escolas femininas, abrindo o precedente do direito à educação formal para as mulheres e aumentando sua participação na vida pública¹³⁷. Tanto é que muitas mulheres tomaram parte das insurreições republicanas na China, mas essas milícias femininas foram dissolvidas por ordem do governo republicano após a revolução de 1911, sendo também proibida a formação de novos corpos de combate formados por mulheres¹³⁸. Portanto, a República não implicou a transformação das relações de gênero herdadas do período monárquico.

Em 1919, com o Movimento de 4 de Maio, as críticas à opressão feminina tornaram-se generalizadas nos meios acadêmicos, intelectuais e estudantis urbanos da China. Para esses grupos, a condição subalterna das mulheres chinesas representava um elemento de atraso e um entrave ao desenvolvimento do país, sendo denunciada em inúmeras obras literárias¹³⁹.

Finalmente, com a constituição da Frente Única entre o Guomindang de Chiang Kai-shek e o PCCh, em meados da década de 1920, elaborou-se o primeiro Código Civil da China, o qual estabeleceu o direito à livre escolha dos cônjuges e ao divórcio, dois grandes abalos à família patriarcal chinesa¹⁴⁰. Entretanto, com a ruptura unilateral da Frente Única por Chiang Kai-shek, as reformas foram abolidas e, em 1934, ele lançou o chamado movimento “Nova Vida”, destinando a promover uma revalorização dos valores confucionistas e, por decorrência, dos papéis tradicionais de gênero¹⁴¹.

¹³⁷ BEJA, F.; *Op. cit.*, p. 17.

¹³⁸ *Ibid.*, p. 17

¹³⁹ ROUBOTHAM, Sheila. The long march of Chinese women. In: ROUBOTHAM, Sheila. **Women in movement: Feminism and social action**. London: Routledge, 1992. (Revolutionary thought/Radical movements), p. 210.

¹⁴⁰ BEJA, F.; *Op. cit.*, p. 21.

¹⁴¹ *Ibid.*

Em contrapartida, nas áreas libertadas o PCCh adotou uma política ambígua em relação às mulheres. Enquanto na República Soviética de Jiangxi, situada no sudeste da China, entre 1931 e 1934, colocou em prática uma lei de casamento destinada a possibilitar a livre união dos cônjuges e o divórcio, durante a Segunda Guerra Mundial, mais especificamente entre 1941 e 1943, alterou o discurso para uma valorização da família tradicional¹⁴². Em outras palavras, as políticas de gênero dos comunistas foram conjunturais, variando de um enfrentamento aos pilares da família patriarcal nos anos 1930 para uma valorização daquela em um momento de guerra, sempre no intuito de buscar apoio do campesinato.

A partir de 1943, a estratégia do PCCh é alterada novamente e começa-se a estimular a integração das mulheres na esfera da produção, movimento que passa a ser encarado como sinônimo da emancipação feminina¹⁴³. Em decorrência, a própria necessidade de organização do trabalho das mulheres acaba criando um terreno propício para a formação das Associações de Mulheres Camponesas, espécies de ramificações do Comitê de Mulheres do PCCh¹⁴⁴. Portanto, ao mesmo tempo que se organizavam politicamente, as mulheres eram integradas à própria estrutura partidária comunista.

Uma vez no poder, com o triunfo da revolução de 1949, o PCCh estabeleceu um novo arcabouço jurídico destinado a implodir alguns dos pilares da família patriarcal chinesa, destacando-se a “Nova Lei do Casamento”, a “Lei de Reforma Agrária” e a “Lei do Trabalho”, todas promulgadas em 1950.

No tocante à “Nova Lei do Casamento”, ela determinou que os casamentos seriam estabelecidos a partir da livre vontade dos cônjuges, sendo proibida a interferência de

¹⁴² *Ibid.*, p. 23 e 25.

¹⁴³ *Ibid.*, p. 25.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 26.

terceiros nessa escolha, instituiu o divórcio e a monogamia, além de extinguir o pátrio poder, isto é, tanto o homem quanto a mulher passaram a ser considerados juridicamente como chefes do casal¹⁴⁵. Contudo, a lei não surtiu efeito imediato e, em Março de 1953, eleito como “Mês da Lei do Casamento”, foi lançada a “Campanha da Nova Lei do Casamento”, na qual cerca de três milhões de quadros do PCCh foram treinados e enviados para o interior da China para divulgar a legislação por meio de material de propaganda, peças de teatro e espetáculos¹⁴⁶.

Em relação à “Lei de Reforma Agrária”, ela promoveu uma divisão das terras chinesas que contemplou com um lote tanto os camponeses quanto as camponesas¹⁴⁷. Já a “Lei do Trabalho” instituiu que toda pessoa adulta, independentemente do gênero, tinha direito a um trabalho remunerado.¹⁴⁸ Por conseguinte, essas duas legislações promoveram modificações profundas na situação das mulheres, as quais tornaram-se mais independentes dos homens economicamente, mas também provocaram uma intensificação da jornada de trabalho feminina, uma vez que a divisão igualitária dos trabalhos domésticos não foi alvo de discussão e permaneceu sendo considerada como uma atribuição feminina¹⁴⁹.

No período do I Plano Quinquenal, entre 1953 e 1957, assim como nos anos de vigência do Grande Salto, entre 1958 e 1962, as mulheres foram convocadas em massa para participarem dos esforços de industrialização do país e aumento da produção agrícola. Neste sentido, formaram-se restaurantes coletivos e equipes de ajuda mútua para o cuidado das crianças, de modo a liberar parcela das mulheres para o trabalho nas cidades

¹⁴⁵ ONO, K., *Op. cit.*, p 177.

¹⁴⁶ JOHNSON, Key Ann. **Women, the family and peasant revolution in China**. Chicago: The University of Chicago Press, 1983., p. 139.

¹⁴⁷ BEJA, F.; *Op. cit.*, p. 29.

¹⁴⁸ *Ibid.*

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 30.

e nos campos¹⁵⁰. Contudo, no período de crise do Grande Salto, na virada dos anos 1950 para os 1960, os restaurantes foram fechados e a questão do cuidado das crianças se tornou mais agudo, tornando mais intensa a jornada de trabalho feminina¹⁵¹.

1.5. Os estudos sobre mulheres e gênero na Revolução Chinesa

As correntes historiográficas do processo revolucionário chinês, abordadas anteriormente, são marcadas por um “silêncio”¹⁵² em relação às mulheres, derivado de sua própria condição subalterna. Em razão disso, elas raramente aparecem na narrativa dos trabalhos das historiografias tradicionais sobre a revolução, sendo as únicas exceções a ocupação japonesa em regiões da China, ocorrida entre 1937 e 1945, na qual as mulheres são retratadas unicamente na condição de vítimas, haja vista que os exércitos dos invasores nipônicos fizeram largo uso de estupro como instrumento de guerra¹⁵³, e no período imediatamente posterior ao triunfo da revolução chinesa, com a promulgação da Nova Lei do Casamento, em 1950, sobre a qual costuma-se enfatizar seu caráter libertador das mulheres em relação à opressão da ordem social anterior¹⁵⁴. Neste sentido, enfoca-se muito mais no que a revolução proporcionou às mulheres do naquilo que as mulheres possibilitaram à revolução.

Já os estudos sobre as mulheres chinesas iniciaram-se no Ocidente somente na década de 1960, mais precisamente nos Estados Unidos, com os trabalhos da sociologia da família de orientação parsoniana. Essas pesquisas, alimentadas pelo anticomunismo da Guerra Fria e pela teoria da modernização, a qual apresentava como pressuposto a

¹⁵⁰ *Ibid.*, p. 31.

¹⁵¹ *Ibid.*

¹⁵² PERROT, M. *Op. cit.*, p. 9.

¹⁵³ LE BARBIER, F.; CHESNEAUX, J. *Op. cit.*, p. 149 e FAIRBANK, J. K., *Op. cit.*, p. 242.

¹⁵⁴ BELASSEN, J. *et. all. Op. cit.*, p. 16.

existência de um único caminho de desenvolvimento para os países, cujo ápice se encontrava nas democracias liberais dos países desenvolvidos, defendia que a revolução chinesa não havia sido a principal responsável pela conquista de direitos pelas mulheres. Segundo essa perspectiva, esse era um processo que aconteceria em todas as sociedades e era impossível de ser detido, remontando às reformas dos últimos anos da monarquia Qin, a qual havia criado as primeiras escolas femininas e a instituição do divórcio, o *lihun*, em 1908¹⁵⁵. Por conseguinte, a revolução chinesa apenas teve o efeito de acelerar as mudanças no sentido da modernização, as quais já vinham acontecendo e ocorreriam mesmo sem ela, diluindo-se, dessa forma, a relevância e o caráter de ruptura da própria revolução de 1949.

Na década seguinte, com a emergência do movimento feminista nos países ocidentais, diversas intelectuais-militantes, especialmente de orientação teórica marxista e maoísta, começaram a realizar pesquisas sobre a participação das mulheres no processo revolucionário chinês, numa tentativa de encontrar respostas para a própria situação de opressão do sexo feminino no Ocidente¹⁵⁶. Dentre esses trabalhos, destacaram-se “Women-work: Women and the party in revolutionary China” (“Mulheres-trabalhadoras: Mulheres e o partido na China revolucionária”, em tradução livre), de Delia Davin¹⁵⁷ e “Feminism and socialism in China” (“Feminismo e socialismo na China, em tradução livre) de Elisabeth Croll¹⁵⁸, ambos publicados no final dos anos 1970. No primeiro, aborda-se a relação entre as mulheres e o PCCh, enfocando a situação delas nas áreas libertadas antes de 1949 e nas organizações femininas, tanto no campo quanto nas

¹⁵⁵ GOODE, W. J. Op. cit., p. 476 e 477.

¹⁵⁶ LEUTNER, Mechthild. Women's, gender and mainstream studies on Republican China: Problems in theory and research. *Research on Women in Modern Chinese History*, Taipei, v. 10, p. 117-145, Dec. 2002., p. 119.

¹⁵⁷ DAVIN, Delia. **Women-work: Women and the Party in revolutionary China**. Oxford: Clarendon Press, 1976.

¹⁵⁸ CROLL, Elisabeth. **Feminism and socialism in China**. London: Routledge & Kegan Paul, 1980.

idades. No último, tece-se uma comparação entre a condição das mulheres sob o regime do Guomindang e no início da construção do socialismo chinês.

Portanto, os trabalhos produzidos pelas feministas marxistas dos anos 1970 foram os primeiros a abordar as mulheres tanto como um sujeito quanto como um objeto histórico, o qual havia fornecido contribuições significativas à revolução chinesa, sendo indissociável de sua compreensão integral, além de terem sido protagonistas de seu próprio processo de libertação¹⁵⁹.

Já nos anos 1980, os estudos feministas sobre as mulheres chinesas sofreram uma virada teórica, tornando-se mais críticos ao marxismo e ao maoísmo¹⁶⁰. Por um lado, isso decorreu da crise do socialismo real, a qual produziu uma série de decepções em acadêmicos e militantes dos países ocidentais. Por outro, à política de reforma e abertura da China a partir de 1978, a qual possibilitou um maior acesso às informações e fontes primárias daquele país.

Neste período, o trabalho de maior relevância foi “Patriarchy and socialist revolution in China” (“Patriarcado e revolução socialista na China, em tradução livre), de Judith Stacey¹⁶¹. Nele, a autora procurou analisar o que denominava de “revolução real” em oposição à suposta idealização das pesquisas das feministas marxistas, argumentando que a revolução de 1949 mais do que rupturas na situação de opressão das mulheres chinesas, promoveu ajustamentos e reconfigurações. Para compreender melhor esse processo, ela se valeu da categoria “patriarcado”, afirmando que assim como nos países ocidentais há uma articulação entre os sistemas patriarcal, o qual oprime as mulheres, e capitalista, o qual explora os trabalhadores e trabalhadoras, na China pós-revolucionária

¹⁵⁹ LEUTNER, M. *Op. cit.*, p. 120.

¹⁶⁰ *Op. cit.*, p. 121.

¹⁶¹ STACEY, Judith. **Patriarchy and socialist revolution in China**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1983.

teria ocorrido uma simbiose entre o patriarcado, sistema mais antigo, e o socialismo, o qual começava a ser edificado, dando origem a um patriarcado socialista, responsável por acentuar as jornadas de trabalho das mulheres chinesas, excluí-las dos espaços decisórios e submetê-las às diversas violências por parte do cônjuge, apesar das reformas empreendidas no sentido de proporcionar direitos ao sexo feminino no início da transição socialista.

No decênio seguinte, os estudos sobre a relação entre as mulheres e o processo revolucionário chinês sofreram alterações conceituais substantivas com a incorporação da categoria gênero, assim como passaram por uma enorme diversificação temática¹⁶². No tocante ao primeiro elemento, o conceito de gênero possibilitou uma compreensão mais relacional da situação feminina, enfocando as interações entre mulheres e homens¹⁶³. Essa categoria foi utilizada pela primeira vez nas pesquisas sobre mulheres e revolução na China na obra “Engendering the Chinese revolution” (“Engenderificando a revolução chinesa”, em tradução livre), de Catherine Gilmartin¹⁶⁴, na qual a autora se dedica a estudar as concepções de gênero dos comunistas entre a fundação do PCCh, em 1921, e a ruptura da frente única de 1925-1927 por parte do Guomindang. Em relação à segunda característica, houve uma incorporação de novos temas à agenda de pesquisa, resultado de um acesso ainda mais fácil às fontes do que na década anterior e da ampliação do interesse acadêmico por questões relacionadas à sexualidade e à vida cotidiana¹⁶⁵, merecendo destaque trabalhos como “Women and sexuality in China” (“Mulheres e sexualidade na China”, em tradução livre), de Harriet Evans¹⁶⁶, o qual analisa os discursos

¹⁶² LEUTNER, M. *Op. cit.*, p. 122.

¹⁶³ *Op. cit.*, p. 123.

¹⁶⁴ GILMARTIN, Christina Kelley. **Engendering the Chinese revolution: Radical women, communist politics, and mass movements in the 1920s**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1995.

¹⁶⁵ *Op. cit.*, p. 124.

¹⁶⁶ EVANS, Harriet. **Women and sexuality in China: Dominant discourses of female sexuality and gender since 1949**. Oxford: Polity Press, 2007.

do PCCh a respeito da sexualidade feminina, e “Revolutionizing the family” (“Revolucionando a família”, em tradução livre), de Neil Diamant¹⁶⁷, no qual a autora estuda o impacto da “Nova Lei do Casamento” no dia-a-dia das pessoas comuns.

Feito esse breve panorama da história dos estudos sobre mulheres e revolução na China produzidos no Ocidente, é importante salientar-se os trabalhos sobre essa questão realizados na própria China. Neste sentido, no final dos anos 1970 ainda não havia pesquisas sobre o assunto na China continental, mas em Taiwan apareceram as primeiras publicações sobre o tema, como “On new feminism” (“Sobre o novo feminismo”, em tradução livre), de Lü Xiulian¹⁶⁸. Já na década seguinte, apareceu também em Taiwan a primeira revista dedicada aos estudos sobre mulheres, a “Awakening” (“Despertar”, em tradução literal), fundada em 1982, enquanto no final da década, na China continental surgiram os primeiros trabalhos sobre a questão feminina, particularmente os de Li Xiaojiang, preocupada em compreender as transformações que a abertura econômica chinesa estava acarretando na situação das mulheres¹⁶⁹. Finalmente, a partir de meados dos anos 1990, principalmente em decorrência da Conferência de Beijing, realizada pela ONU para debater os problemas relacionados às mulheres, os estudos sobre a questão feminina ganharam maior fôlego na China continental¹⁷⁰.

1.6. Conclusões

Portanto, foi possível observar que os estudos sobre a revolução chinesa de 1949 e o início do processo de transição ao socialismo na China, bem como as pesquisas a

¹⁶⁷ DIAMANT, Neil. **Revolutionizing the family**: Politics, love and divorce in urban and rural China, 1949-1968. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2000.

¹⁶⁸ LEUTNER, M. *Op. cit.*, p. 121.

¹⁶⁹ *Op. cit.*, p. 122.

¹⁷⁰ *Op. cit.*, p. 126.

respeito das relações entre as mulheres e o processo revolucionário chinês, não apresentam consenso, sendo marcadas por perspectivas muito distintas e que muitas que rivalizam entre si.

Como pôde-se notar, a historiografia ligada à Universidade de Harvard enfocou os aspectos demográficos e institucionais que levaram à revolução na China, falando em uma “grande revolução”, que remontaria ao começo do século XIX e se estenderia até hoje. Já a historiografia influenciada pelos Annales enfatizou o impacto do imperialismo sobre a vida do povo chinês como fator explicativo da revolução, a qual teria acabado com a morte de Mao, em 1976, e a reforma e abertura econômica chinesa. De forma distinta, a historiografia marxista italiana lançou luz sobre as contradições entre as classes acentuadas pelo imperialismo, bem como nos aspectos ideológicos da revolução, que teria acabado com a chegada dos comunistas ao poder, em 1949. Em outro caminho, a historiografia oficial identificou as origens da revolução no Movimento de 4 de Maio de 1919 e nos questionamentos generalizados à sociedade chinesa que ele estimulou, levando a um processo que se estenderia até o início do Grande Salto.

No tocante aos anos iniciais de construção do socialismo chinês, viu-se que a interpretação marxista althusseriana notou que as classes sociais e a exploração do trabalho persistiram à revolução de 1949, classificando a China como um capitalismo de estado e não como um país socialista. De forma diferente, os historiadores ligados aos Annales identificaram a transposição do modelo centralizado da União Soviética, chamando aquele período de “escola dos soviéticos” ou de “via ortodoxa”.

Em relação ao Grande Salto, salientou-se que a historiografia marxista o interpretou como uma ruptura em relação ao modelo de planos quinquenais soviéticos e o início da edificação de um socialismo com características chinesas, focado nos campos

e no campesinato. Em contrapartida, a historiografia liberal preferiu enfatizar os problemas dessa plataforma, especialmente a fome, atribuindo-os, principalmente, à Mao.

Por fim, atentou-se para o histórico dos estudos sobre mulheres e movimento revolucionário na China produzidos no Ocidente, marcados por um “silêncio” no que concerne à historiografia tradicional sobre a revolução chinesa, por análises da sociologia da família de orientação parsoniana nos anos 1960, pela articulação entre feminismo e marxismo na década de 1970, por leituras revisionistas e críticas ao marxismo na década de 1980 e pela incorporação do conceito de gênero e por uma diversificação das temáticas estudadas a partir dos anos 1990. Além disso, no que diz respeito aos trabalhos sobre esse assunto feitos na própria China, observou-se que eles iniciaram em Taiwan no final do decênio de 1970 e apenas começaram a ser realizados na China continental no final dos anos 1980, a partir de uma preocupação com os impactos da abertura econômica na situação das mulheres, ganhando impulso com a Conferência sobre a Mulher da ONU, realizada em Beijing, em 1995.

Capítulo 2: As representações de gênero dos pôsteres de propaganda do I Plano Quinquenal (1953-1957)

2.1. Introdução

Ao chegar ao poder, em 1949, o PCCh utilizou largamente a propaganda política, especialmente sob o formato de cartazes de propaganda, para disseminação de exemplos de comportamento tidos como corretos, assim como para fornecer uma expressão concreta das diversas políticas implementadas na China durante a construção do socialismo e das perspectivas a respeito do futuro daquele país¹⁷¹. Portanto, tal uso dos cartazes de propaganda pode ser entendido como uma tentativa de criar um novo tipo de cidadão e de civilização, utilizando os termos de Gramsci¹⁷².

Nesse processo, os pôsteres de propaganda foram mobilizados pelo PCCh de modo a construir hegemonia¹⁷³ na sociedade chinesa. Por um lado, contribuíram para a elaboração de um consenso a respeito de como homens e mulheres deveriam se comportar e se relacionar, bem como de que modo as famílias deveriam ser estruturadas na transição socialista. Por outro, eram um elemento de coerção, pois determinavam o modelo correto de família e de relações de gênero. Por conseguinte, é importante salientar-se que apesar do foco desta pesquisa estar no elemento consenso e na coerção de caráter simbólico, ela não desconsidera a existência de coerção física ao longo desse processo, assim como o fato de que ele se encontra intrinsecamente relacionado às transformações na esfera da produção ocorridas na RPC a partir de 1949, tais como a redistribuição das terras aos

¹⁷¹ LANDSBERGER, Stefan. Ascensão e queda do cartaz de propaganda chinês. In: DUO, Duo; LANDSBERGER, Stefan; MIN, Anchee. **Chinese propaganda posters: From the collection of Michel Wolf**. Köln: Taschen, 2003., p. 23.

¹⁷² GRAMSCI, Antonio. Cuaderno 13 (XXX) 1932-1934: Notas breves sobre la política de Maquiavelo. In: GERRATANA, Valentino. **Cuadernos de la cárcel – Tomo 5**. México, D. F./Puebla: Ediciones Era/Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999., p. 21.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 37 e 81.

camponeses e estatização das indústrias, inicialmente, e estímulo à industrialização e coletivização dos campos, em um segundo momento.

Além disso, é importante frisar-se que o uso de propaganda política na China não foi uma invenção dos comunistas, haja vista que o regime republicano sob égide do Guomindang e as várias dinastias que o antecederam fizeram larga utilização de literatura, poesia, pintura, representações teatrais, canções etc de modo a mesclar entretenimento com elementos didáticos, com o objetivo de incutir no povo chinês as noções de comportamentos e ideias bons e maus, de acordo com cada período histórico¹⁷⁴.

Ademais, a utilização de pôsteres de propaganda tampouco foi uma novidade implementada pelo PCCh, uma vez que seu uso havia iniciado no final da década de 1910, em decorrência do Movimento de 4 de Maio de 1919, o qual havia produzido um contexto favorável à criação de pequenos jornais e revistas críticos às hierarquias da sociedade chinesa, nos quais foram veiculados os primeiros cartazes com fins propagandísticos¹⁷⁵. Já nas décadas seguintes, os pôsteres de propaganda foram mobilizados pelos grandes jornais e revistas ilustradas chinesas com finalidades comerciais¹⁷⁶. Contudo, a revolução de 1949 significou uma mudança substancial na estética, no conteúdo e nos usos dos pôsteres de propaganda¹⁷⁷.

No tocante ao estilo, os cartazes de propaganda chineses pós-1949 adotaram o realismo socialista, o qual havia sido elaborado na União Soviética, a partir das discussões do Congresso de Escritores de 1934¹⁷⁸. Tanto naquele país quanto na China, ele foi paulatinamente se tornando oficial, isto é, o único aceitável pelo Partido-Estado, sendo

¹⁷⁴ MINICK, Scott; PING, Jiao. **Chinese graphic design in the twentieth century**. London: Thames & Hudson, 2010., p. 73 e 131.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 21.

¹⁷⁶ *Ibid.*, p. 55.

¹⁷⁷ LANDSBERGER, S. *Op. cit.*, p. 22.

¹⁷⁸ STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao zdhanovismo. In: CERUTI, Mauro *et. al.* (Orgs.). **História do marxismo IX** - O marxismo na época da Terceira Internacional: Problemas da cultura e da ideologia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Pensamento crítico, v. 68), p. 156.

mobilizado como um instrumento de dominação ideológica da população através de imagens que se assemelhavam a cópias perfeitas de fotografias e representavam de maneira idealizada da vida dos operários e camponeses, assim como os líderes políticos¹⁷⁹. Além disso, no caso chinês, os pôsteres mesclaram o realismo socialista com uma característica *naïf* anterior, expressa na utilização de formas delineadas pela cor preta e preenchidas com tonalidades fortes de cor-de-rosa, vermelho, amarelo, verde e azul¹⁸⁰.

Em relação ao conteúdo, os pôsteres de propaganda chineses produzidos durante a construção do socialismo foram marcados, principalmente, por temáticas relacionadas à reconstrução econômica e questões políticas, valorizando sobremaneira o trabalho e o sacrifício pessoal para o bem-estar da comunidade como um todo, e relegando a esfera privada à segundo plano¹⁸¹.

No que diz respeito aos usos, os cartazes de propaganda a partir de 1949 foram utilizados tanto no sentido de educar a população majoritariamente analfabeta a respeito dos valores da nova ordem revolucionária, quanto para ornamentar os interiores de casas, escritórios, dormitórios e fábricas, uma vez que as pessoas comuns, em geral, estavam muito mais interessadas em seu aspecto colorido e embelezador do que nas mensagens políticas neles embutidas¹⁸².

Ademais, é necessário salientar-se que o PCCh se dedicou a convocar e a incorporar artistas que dominavam a técnica de confecção dos pôsteres ao seu departamento de propaganda¹⁸³. No regime anterior, a maioria desses profissionais havia trabalhado na confecção de calendários ilustrados e de imagens para jornais e revistas¹⁸⁴.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 157.

¹⁸⁰ ANDREWS, Julia F. **Painters and politics in the Chinese People's Republic of China, 1949-1979**. Berkeley; Los Angeles: University California Press; Ann Arbor: Center for Chinese Studies, University of Michigan, 1994., p. 36.

¹⁸¹ GALIKOWSKI, Maria. **Arts and politics in China, 1949-1986**. Tese (Doctorate of Philosophy) – Department of East Asian Studies, University of Leeds. Leeds, 1990., p. 9.

¹⁸² LANDSBERGER, S. *Op. cit.*, p. 21.

¹⁸³ GALIKOWSKI, M. *Op. cit.*, p. 40.

¹⁸⁴ *Op. cit.*, p. 41.

Finalmente, vale ressaltar que os pôsteres de propaganda apresentavam um custo de produção baixo e eram elaborados rapidamente, fatores que contribuíram para que eles se tornassem um veículo privilegiado de difusão do ideário do PCCh e fossem reproduzidos em larga escala para serem distribuídos por toda a China¹⁸⁵. Ademais, haja vista que na China há uma “cultura da cópia”¹⁸⁶, na qual a peça original não é mais valorizada do que as cópias, entendidas como uma obra de arte tanto quanto a matriz, as reproduções dos cartazes não eram vistas pelo povo chinês como algo sem valor e descartável.

2.2. O estado da arte dos estudos sobre os pôsteres de propaganda chineses

O primeiro trabalho sobre os cartazes de propaganda chineses surgiu na segunda metade da década de 1970 e consistia em uma publicação oficial do governo da República Popular da China, intitulada *Peasant paintings from Huhsien country*¹⁸⁷. Essa obra reunia cartazes do chamado movimento Huxian Peasant Paintings¹⁸⁸, ocorrido durante a revolução cultural (1966-1976). De acordo com Ashton (1976)¹⁸⁹, ele consistia em camponeses pintores amadores que desenhavam cenas da vida camponesa de forma idealizada, enfocando uma suposta pureza de seu cotidiano e a dita capacidade de reeducação política dos indivíduos considerados contrarrevolucionários por meio do trabalho no campo e do convívio com as populações neles residentes. Por sua vez, o Partido Comunista Chinês se incumbia de reproduzir o material e de distribuí-lo às

¹⁸⁵ ANDREWS, J. *Op. cit.*, p. 111.

¹⁸⁶ BUENO, André. Cultura da cópia e a concepção tradicional para preservação do patrimônio cultural material na China: Problemas e desafios. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 176-187, dez. 2015., p. 181 e 182.

¹⁸⁷ FINE ARTS COLLECTION SECTION OF THE CULTURAL GROUP UNDER THE STATE COUNCIL OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA (Org.). **Peasant Paintings from Huhsien County**. Peking: People's Fine Arts Publishing House, 1976.

¹⁸⁸ ASHTON, Dean. Huxian's foolish old men create new scenes: Huxian peasant paintings from the cultural revolution and their ideological discourses. **The Arbutus Review**, Victoria, Canadá, n. 1, p. 44-67, 2010.

¹⁸⁹ *Ibid.*

massas. Portanto, tratava-se de um típico trabalho de caráter oficial, inspirado por uma maneira tida como correta de arte, o supracitado realismo socialista, inserindo-se em uma versão ortodoxa do marxismo.

No Ocidente, os trabalhos sobre cartazes de propaganda chineses somente começaram a ser realizados a partir da década de 1990, ganhando força apenas nos anos 2000. Isso se deveu à política de reforma e abertura da China a partir de 1978, a qual facilitou o acesso dos pesquisadores ocidentais a esse tipo de material. Neste sentido, podemos agrupar esses estudos em cinco categorias: os catálogos de exposição, os livros elaborados a partir de coleções particulares de pôsteres de propaganda, as pesquisas sobre o culto à personalidade de Mao Zedong, as análises sobre cultura política e cultura visual chinesas e os estudos a respeito das representações femininas.

No que concerne aos catálogos de exposição, eles dedicam-se a apresentar grandes apanhados de cartazes de propaganda chineses, provenientes de coleções particulares ou de acervos de museus, e a relacioná-los com as características do realismo socialista, assim como com as transformações políticas, econômicas e culturais pelas quais a China passou ao longo do século XX. Em várias ocasiões as ligações são estabelecidas de forma bastante esquemática e mecânica. Nessa categoria merecem destaque os catálogos *Poster Power: Imagens from Mao's China, then and now*¹⁹⁰, referente a uma exposição apresentada na Universidade de Westminster, em Londres, em 2011, e *Cultural dreams and political imagination: Modern China in the 20th century*¹⁹¹, oriundo de exposição realizada na Universidade Cândido Mendes (UCAM), no Rio de Janeiro, em 2015.

As obras sobre cartazes de propaganda chineses elaboradas a partir de coleções particulares são caracterizadas pela preocupação em observar as aproximações e tensões

¹⁹⁰ EVANS, Harriet. **Poster Power: Imagens from Mao's China, then and now.** Londres: Universidade de Westminster, 2011.

¹⁹¹ LARRETA, Enrique Rodriguez; PEIMING, Yang; JING, Wang (Org.). **Cultural dreams and political imagination: Modern China in the 20th century.** Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2015.

entre elementos considerados como tradicionais e aqueles tidos como modernos, especialmente no que se refere às representações do mundo do trabalho e aos hábitos cotidianos da população da China. Nesse grupo, os trabalhos de maior relevância são os de Stefan Landsberger, professor da Universidade de Leiden (Amsterdã) e ele mesmo um colecionador de pôsteres, sendo os principais *The future visualized: Chinese propaganda art in the modernization era*, *Chinese propaganda posters: From the collection of Michel Wolf* e *La science est une force de production*¹⁹².

Um terceiro grupo de trabalhos sobre os cartazes de propaganda chineses é aquele que se dedica à compreensão do culto à personalidade de Mao Zedong, enfocando a utilização dos pôsteres de propaganda como um mecanismo fundamental para a sustentação e difusão desse fenômeno. Os autores dessa categoria costumam superestimar o potencial dos cartazes enquanto mecanismo de controle ideológico, apresentando dificuldade em levar em consideração as diversas formas de interpretação e os diferentes usos dados pelos agentes a esse tipo de material, aproximando-se de uma historiografia de caráter liberal, haja vista que há uma supervalorização do personagem Mao e um apagamento das contradições e lutas internas no seio do PCCh, bem como na própria sociedade chinesa. As principais obras a respeito dessa temática são os artigos *The deification of Mao: Religious imagery and practices during the cultural revolution and beyond*,¹⁹³ de Stefan Landsberger, e *Inciting mental terror as effective governmental*

¹⁹² LANDSBERGER, Stefan. The future visualized: Chinese propaganda art in the modernization era. **China Information**, Macau, v. 8, n. 4, p. 15-41, primavera de 1994., LANDSBERGER, Stefan. La science est une force de production. **Parlement[s], Revue d'histoire politique**, Paris, n. 18, p. 85-94, 2012/2. e DUO, Duo; LANDSBERGER, Stefan; MIN, Anchee. **Chinese propaganda posters: From the collection of Michel Wolf**. Köln: Taschen, 2003.

¹⁹³ LANDSBERGER, Stefan. The deification of Mao: Religious imagery and practices during the cultural revolution and beyond. In: CHONG, Woei Lien (Org.). **China's Great Proletarian Cultural Revolution: Master Narratives and Post-Mao Counternarratives (Asia/Pacific/Perspectives)**. Lanham, EUA: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

control: Chinese propaganda posters during the Cultural Revolution (1966-76), de Minna Valjakka¹⁹⁴.

Outra categoria de pesquisas sobre os cartazes chineses é aquela que defende que eles compõem uma cultura política e uma cultura visual da China, isto é, um modo próprio daquela sociedade de se comportar politicamente e de se expressar visualmente, o qual não se limitaria ao período posterior à revolução de 1949, mas que remontaria à república do Guomindang e ao período monárquico. Portanto, esse conjunto de estudos é caracterizado por enfatizar uma determinada continuidade cultural entre monarquia, república nacionalista e construção do socialismo, apresentando influências da história cultural e da nova história política. Nesse grupo, os trabalhos mais importantes são *Visual culture in contemporary China: Paradigms and shifts*¹⁹⁵, de Tang Xiaobing e *Visualising China, 1845-1965: Moving and still images in historical narratives*¹⁹⁶, organizado por Christian Henriot e Wen-hsin Yeh.

Por fim, há o artigo de Tina Chen, intitulado *Female icons, feminist iconography? Socialist rhetoric and women's agency in 1950s China*¹⁹⁷, um dos poucos estudos a se debruçar sobre a representação das mulheres nos pôsteres de propaganda chineses. A ideia central do ensaio é a defesa de que essas representações são femininas, mas de modo algum podem ser consideradas feministas. Segundo a autora isso se deve a dois motivos principais. Por um lado, ela considera “feminismo” e “feminista” categorias ocidentais, as quais não podem ser aplicadas à China da década de 1950. Por outro, a autora defende

¹⁹⁴ VALJAKKA, Minna. Inciting mental terror as effective governmental control: Chinese propaganda posters during the Cultural Revolution (1966-76). In: HYVÄRINEN, Matti; MUSZYNSKY (Org.). **Artistic, literary, and political interpretations of violence from Dostoyevsky to Abu Ghraib**. New York: Palgrave Macmillan, 2008., p. 165-183.

¹⁹⁵ XIAOBING, Tang. **Visual culture in contemporary China: Paradigms and shifts**. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.

¹⁹⁶ HENRIOT, Christian; YEH, Wen-hsin (Org.). **Visualising China, 1845-1965: Moving and still images in historical narratives**. Leiden/Boston: Brill, 2013.

¹⁹⁷ CHEN, Tina Mai. Female icons, feminist iconography? Socialist rhetoric and women's agency in 1950s China. **Gender & History**, Oxford/Malden, v. 15, n. 2, p. 268-295, Aug. 2003.

que o material analisado é fortemente normativo no que diz respeito aos comportamentos das mulheres, buscando estabelecer diretrizes acerca das atitudes femininas tidas como adequadas à construção do socialismo chinês. Dessa forma, as mensagens dos cartazes de propaganda se distanciariam de um discurso de autonomia, isto é, de defesa da livre decisão das mulheres a respeito de seus corpos e destinos.

2.3. A “nova mulher” dos pôsteres de propaganda

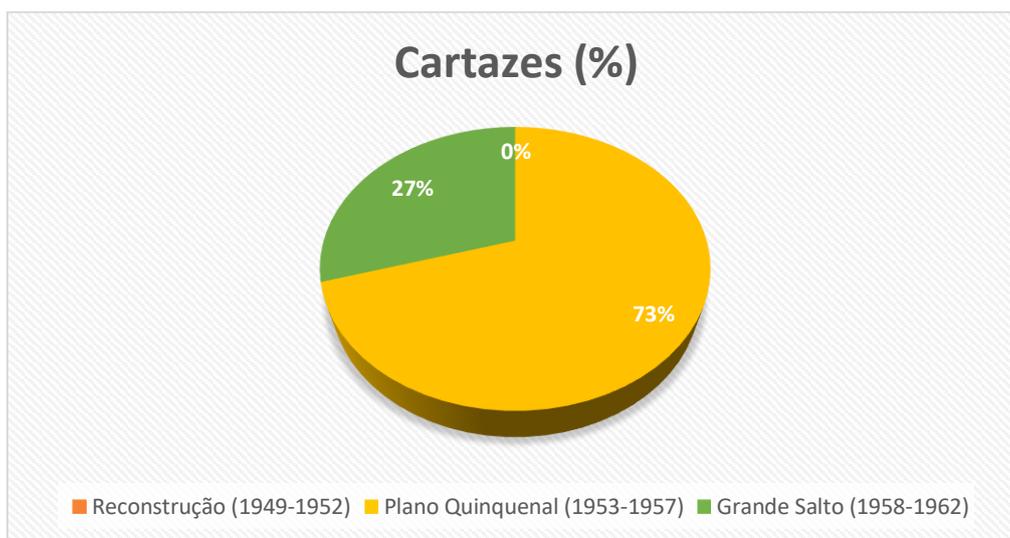
Neste item, serão analisadas as representações de gênero dos pôsteres de propaganda produzidos na República Popular da China, entre 1953 e 1957, o período no qual vigorou o I Plano Quinquenal.

Conforme mencionou-se na introdução do presente trabalho, o material de análise dessa pesquisa encontra-se disponível no site <http://chinese posters.com.net>, organizado em seções temáticas. Em razão da grande quantidade de seções, em um primeiro momento, selecionou-se apenas aquelas que apresentassem pelo menos uma das palavras-chave a seguir: “woman” (mulher), “women” (mulheres), “marriage” (casamento), “family/families” (família/famílias), “wife” (esposa), “mother” (mãe), “girl” (garota) e “lady/ladies” (dama/s). Após isso, escolheu-se os cartazes de cada seção resultante que pertencessem ao recorte temporal da pesquisa, isto é, 1949 a 1962, resultando em um total de vinte e seis pôsteres. Além disso, no tocante à metodologia foi utilizado o método isotópico.

A seguir, apresentamos um gráfico com a distribuição dos cartazes de propaganda selecionados por período histórico, levando em consideração a classificação do período inicial da transição socialista na China proposta por Belassen *et. all.*¹⁹⁸:

¹⁹⁸ BELASSEN, J. *et al.* **Histoire de Chine 4**: Un nouveau communisme, 1949-1976. De la Libération à la mort de Mao Zedong. Paris: Hatier, 1977. (Histoire contemporaine)

GRÁFICO I – DISTRIBUIÇÃO DOS CARTAZES POR PERÍODO HISTÓRICO

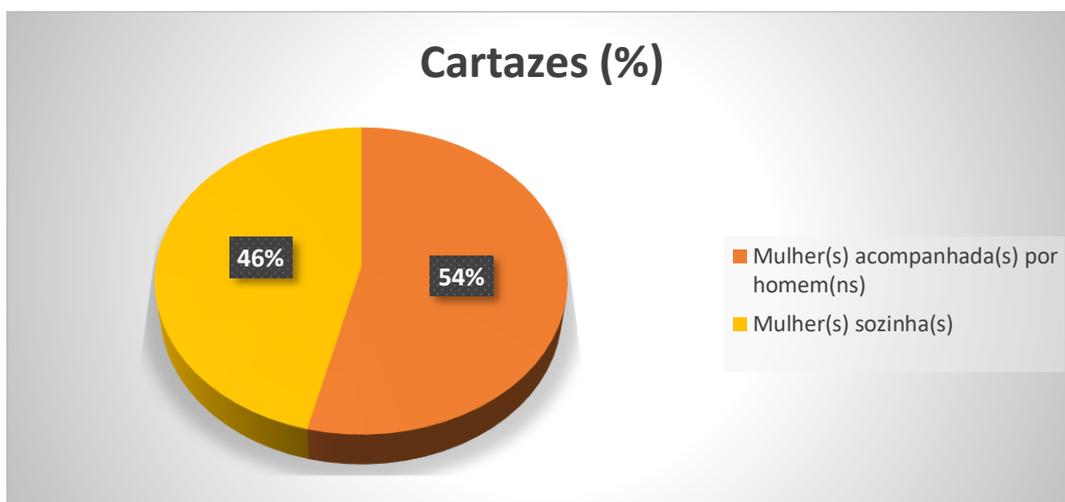


Portanto, como é possível observar no gráfico acima, o universo de fontes dessa pesquisa não abarca nenhum cartaz de propaganda do começo da edificação do socialismo chinês, a chamada Reconstrução (1949-1952), dezenove cartazes (cerca de 73%) relativos ao período de vigência do Primeiro Plano Quinquenal (1953-1957) e sete (por volta de 27 %) relativos aos anos do Grande Salto Para Frente (1958-1962).

A explicação para a maior parte de nossos cartazes serem oriundos dos anos do I Plano Quinquenal, provavelmente, é que as legislações basilares da RPC aprovadas no começo da década de 1950, como a Nova Lei do Casamento, a Lei de Reforma Agrária, a Lei do Trabalho, dentre outras, não surtiram o efeito almejado pelo PCCh, tendo sido necessário produzir campanhas de difusão de seus conteúdos, nas quais os pôsteres de propaganda foram um mecanismo privilegiado.

No próximo gráfico podemos observar as porcentagens de mulheres que são representadas sozinhas ou junto com uma ou mais mulheres (no caso de aparecerem com bebês, serão contabilizadas como sozinhas, haja vista que elas são as interlocutoras principais do cartaz) e a de mulheres que são representadas acompanhadas por um ou mais homens em nosso universo de pôsteres de propaganda:

GRÁFICO II – MULHER(S) SOZINHA(S) OU ACOMPANHADA(S) POR HOMEM(NS)



No gráfico acima é visível que pouco mais da metade (54%) dos cartazes de propaganda chineses do universo desta pesquisa representavam as mulheres acompanhadas por algum homem, geralmente o pai, o marido ou o filho. Contudo, é bastante expressiva a porcentagem de pôsteres que possuíam apenas mulheres representadas (46%). Ao nosso ver, isso consiste em um forte indício de que o PPCh apresentava um grande interesse em se dirigir diretamente à população feminina, tratando as mulheres como sujeitos políticos. Além disso, esse dado sugere que a dominação de gênero estava passando por uma forte reconfiguração em favor das mulheres, haja vista que do contrário os interlocutores dessas imagens seriam quase que exclusivamente homens.

Inicialmente, realizou-se uma análise das representações do material coletado, noção que pode ser uma ferramenta útil desde que não seja

“[...] transformada em medida de todas as coisas [...] para que não resulte em uma] forma de idealismo que consiste em acreditar que ‘criamos’ ou ‘construímos’ o mundo ao

nomeá-lo e aplicar-lhe categorias linguísticas ou processos semióticos de derivação mental.”¹⁹⁹

Neste sentido, entende-se essa categoria como um elemento que possibilita aos integrantes de uma determinada sociedade recorrerem a um mesmo conjunto de significados, isto é, se sentirem parte de um mesmo grupo²⁰⁰. Por isso, o conteúdo das legislações e dos pôsteres de propaganda com os quais essa pesquisa trabalha era inteligível à maioria dos chineses dos anos 1950, uma vez que eles mobilizavam signos partilhados por grande parte daquelas pessoas. Além disso, uma representação é sempre a representação de um grupo sobre si ou sobre outro²⁰¹, implicando em uma busca pela reprodução ou ruptura de uma dada organização social. Em razão disso, entende-se que os cartazes de propaganda chineses foram produzidos pelo PCCh como forma de mostrar como o conjunto da sociedade chinesa deveria ser em uma nova ordem socialista.

Em seguida, classificou-se os pôsteres de propaganda em sete categoriais sêmicas, isto é, de significação, quais sejam: os “casais harmoniosos”, as “camponesas-modelo”, as “operárias-modelo”, as “cuidadoras”, as “mulheres guerreiras”, as “mulheres unidas”, as “motoristas de trator”. A seguir se debruçará apenas sobre os cartazes do período do I Plano Quinquenal (1953-1957), os quais se encaixaram nas seis primeiras categorias.

2.3.1. Os “casais harmoniosos”

Incluiu-se na categoria “casais harmoniosos” os pôsteres de propaganda que representam registros ou festas de casamento, nos quais são apresentados casais de camponeses expressando grande felicidade, indicando uma forte harmonia entre eles na

¹⁹⁹ CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: Uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). **Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papyrus, 2000. (Textos do tempo), p. 10

²⁰⁰ *Ibid.*, p. 9 e 10

²⁰¹ CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011., p. 20.

esfera privada. Além disso, em boa parte desses cartazes é sugerido que a ausência de conflitos no lar, decorrente da liberdade de casamento e da monogamia, levariam a uma harmonia nas relações sociais na esfera da produção, sendo favorável ao seu incremento.

Por conseguinte, é importante frisar-se que esses cartazes são resultado da necessidade de divulgar-se as inovações jurídicas implementadas pela “Nova Lei do Casamento”, aprovada em 1950, a qual aboliu a superioridade do homem sobre a mulher e estabeleceu o casamento baseado na livre escolha dos parceiros, baseado em igualdade de direitos e na monogamia (Artigo 1); proibiu a bigamia, concubinação e interferências na escolha do cônjuge (Artigo 2); determinou que o casamento passaria a ser uma instituição firmada por homens a partir dos 20 anos e por mulheres a partir dos 18 (Artigo 4); que o casamento seria registrado por uma pessoa incumbida pelo governo para essa finalidade, a qual concederia uma certidão de casamento aos cônjuges (Artigo 6); que a esposa teria liberdade para participar do mundo do trabalho e de atividades sociais (Artigo 9); e que o divórcio seria garantido tanto à esposa quanto ao marido (Artigo 17)²⁰².



²⁰² THE MARRIAGE LAW OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Peking: Foreign Languages Press, 1950., p. 01-12.

Cartaz 1: A happy marriage (Um casamento feliz²⁰³), fevereiro de 1953.

Artista: Jiang Feng.

Editora: Shanghai Xu Shengji Printing Factory.

Local: Shanghai.

Tamanho: 53.5x77.5 cm.

Número de chamada: BG E15/472 (Landsberger collection).

Neste pôster, no nível figurativo, encontra-se representada uma festa de casamento de camponeses. O primeiro fato é perceptível em razão de haver um homem e uma mulher jovens ao fundo da cena encostados um no outro, com ela levemente menor do que ele, quase de mãos dadas, e com um adesivo vermelho afixado em seus peitos, indicando que contraíram matrimônio. Atrás deles e levemente acima de suas cabeças, entre duas lanternas vermelhas, está um retrato de Mao Zedong, principal liderança política da China, com um olhar direcionado para a totalidade da cena. No lado esquerdo, alguns homens e mulheres, a maioria dos quais mais velhos, sendo que também nesse caso eles são levemente maiores do que elas, observam os recém-casados com expressões entusiasmadas, muito provavelmente os seus parentes. Já em primeiro plano, no lado direito algumas meninas dançam animadamente, possivelmente as damas de honra, enquanto à esquerda vê-se uma instrumentista encostada em uma pilastra e atrás dela outros dois músicos tocando, os quais também são um pouco maiores do que ela. No que diz respeito à classe, ela é identificável devido aos trajes coloridos das pessoas representadas, variando entre o azul, verde, vermelho, amarelo e cinza, os quais contrastam com as cores das roupas das operárias e dos operários, sempre de tonalidade mais escura, como cinza e azul²⁰⁴, conforme se verá na seção 1.3.3. Além disso, se observa uma evidente segmentação das cores por gênero, pois a maioria dos homens,

²⁰³ As traduções das legendas de todos os cartazes foram realizadas pelo autor.

²⁰⁴ LANDSBERGER, S. *Op. cit.*, p. 21.

inclusive o noivo, estão vestidos com camisas azuis e calças cinzas e a música é a única mulher da cena trajando azul. Já as demais mulheres apresentam uma variedade de cores em suas vestimentas bem maior do que as dos homens, tais como vermelho, amarelo, rosa e verde, mas sempre colorações de tonalidade mais clara.

No tocante ao nível temático, é importante salientar-se a juventude do casal, a qual pode ser compreendida como uma metáfora do próprio socialismo chinês, assim como eles um sistema jovem e em construção. Ademais, a felicidade demonstrada no semblante dos presentes, especialmente dos cônjuges, assim como a legenda do pôster, são indicativos de tratar-se de um casamento realizado a partir da livre vontade de ambos, e por isso feliz, resultado da aprovação da Nova Lei do Casamento, em 1950. Além disso, a figura onipresente de Mao Zedong, expressa no quadro atrás dos recém-casados, consiste em uma espécie de reconhecimento de que sem ele e sua atuação no sentido de libertar a China do imperialismo, da concentração fundiária e do sistema familiar opressivo em relação às mulheres e aos jovens, aquela cena não seria possível.

Em relação ao nível axiológico, pode-se afirmar que o sistema de valores embutido nesse pôster de propaganda valoriza a liberdade de casamento, a família monogâmica e a juventude, considerando-os elementos fundamentais à transição socialista chinesa.



Cartaz 2: Freedom of marriage, happiness and good luck ((Liberdade de casamento, felicidade e boa sorte), fevereiro de 1953.

Artista: Yu Yunjie.

Editora: Huadong renmin meishu chubanshe.

Local: Huadong, província de Jiangxi.

Tamanho: 78x54 cm.

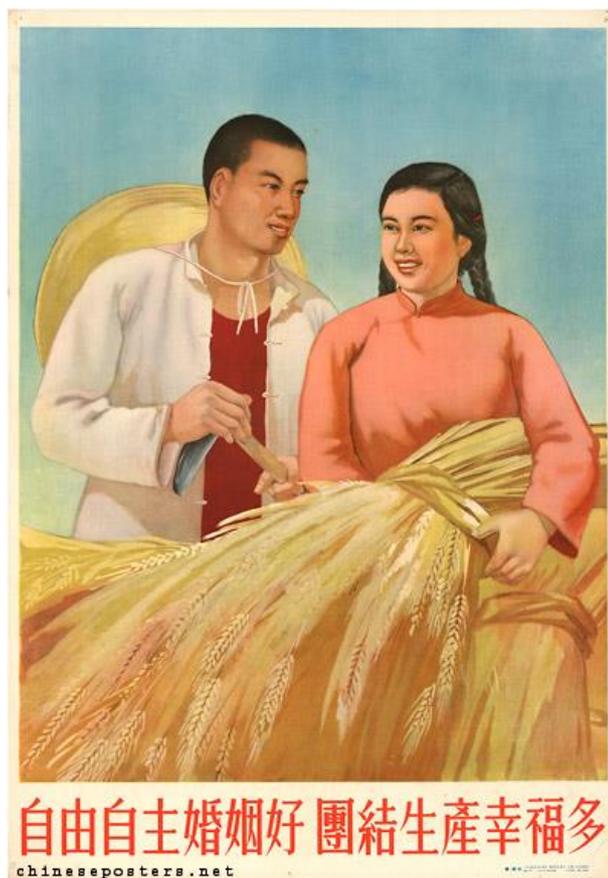
Número de chamada: BG E15/594 (Landsberger collection).

Já no cartaz acima, no nível figurativo, vê-se em primeiro plano, lado a lado, um homem e uma mulher camponeses, sendo ela representada como um pouco menor do que ele, que acabaram de firmar matrimônio. Percebe-se isso em virtude de eles encontrarem-se de mãos dadas e com um grande sorriso, além de ambos estarem segurando um papel enrolado, a certidão de casamento, e de apresentarem um adesivo vermelho afixado à roupa do lado esquerdo do peito, indicando que acabaram de se casar, conforme salientou-se em relação ao pôster anterior. Além disso, atrás dos cônjuges e acima deles encontra-se um grande livro aberto, o qual trata-se do início do texto da Nova Lei de Casamento

de 1950, na qual estão os artigos que versam sobre a proibição da prática de casamentos arranjados. Em razão disso, a legenda frisa a articulação entre liberdade de casamento e felicidade, além de desejar boa sorte aos recém-casados em virtude de tratar-se, como no caso anterior, de um casal jovem. Ademais, no tocante às cores, o marido veste roupas cinzas, ou seja, de coloração mais escura, enquanto a esposa traja vestimentas verdes, isto é, mais claras.

No que se refere ao nível temático, observa-se mais uma vez a questão da felicidade e da harmonia entre os cônjuges, indicada pelos sorrisos de ambos e pelo fato deles encontrarem-se de mãos dadas, assim como a juventude do casal, uma metáfora do socialismo chinês.

Já no nível axiológico, é nítido que esse cartaz de propaganda apresenta um sistema de valores que possui apreço pela juventude, pelo matrimônio estabelecido a partir da livre vontade do casal e pela harmonia entre os cônjuges no âmbito familiar.



Cartaz 3: A free and independent marriage is good, there is great happiness in unified production (Um casamento livre e independente é bom, há uma grande felicidade na produção unificada), fevereiro de 1953.

Artista: Bi Cheng.

Editora: Renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 78x54 cm.

Número de chamada: BG E15/591 (Landsberger collection).

Em relação a esse pôster, no nível figurativo, tem-se mais uma vez um casal de camponeses jovens, com ambos sorrindo e olhando detidamente um para o outro. Contudo, dessa vez eles são representados na esfera da produção, realizando uma colheita, uma vez que enquanto a mulher carrega um feixe de trigo, o homem segura uma foice nas mãos. Além disso, ambos estão com roupas leves, de tonalidade clara e de mangas compridas para se proteger do sol e o camponês usa um grande chapéu de palha preso ao pescoço.

Já no nível temático, observa-se mais uma vez um casal feliz, possibilitado pela Nova Lei do Casamento, assim como um indicativo de que a liberdade de matrimônio viabilizaria um casal harmonioso, o qual não teria conflitos para transportar da esfera privada para a da produção, tornando possível o seu incremento, tão valorizado pelo I Plano Quinquenal²⁰⁵, em vigência a partir do ano de produção do cartaz em questão. Ademais, ao falar em casamento feliz em decorrência da liberdade de escolha, bem como de atrelar felicidade à produção, a legenda da imagem corrobora essa interpretação.

Finalmente, no nível axiológico nota-se um sistema de valores que possui apreço pela juventude, pelo casamento livre e monogâmico, bem como pelo incremento da produção

²⁰⁵ BELASSEN, J. *et. all. Op. cit.*, p. 57.

nos campos, a qual seria viabilizada por meio desse novo sistema familiar harmonioso e é considerada um dos pilares da edificação do socialismo chinês.



Cartaz 4: In marriage, keep an eye on your own interests, and return radiant after registration (No casamento, fique de olho em seus próprios interesses e volte radiante após o registro), fevereiro de 1953.

Artista: Wu Dezu.

Editora: Renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 53x69 cm.

Número de chamada: BG E15/556 (Landsberger collection).

No que diz respeito ao nível figurativo desse cartaz, observa-se um casal de camponeses jovens retornando do registro de casamento, sendo ela levemente menor do que ele. Afirma-se isso em decorrência de ao fundo da imagem ver-se campos e montanhas e do fato dos recém-casados estarem em cima de uma carroça em movimento, sugerido pelo fato do homem empunhar um chicote de cavalo. Além disso, a mulher segura junto ao seu peito um papel enrolado e preso por uma fita vermelha, a certidão de

casamento. Somado a isso, ambos estão sorrindo e o homem olha fixamente para o documento, bem como há galhos floridos sobre suas cabeças. Ademais, a esposa usa roupas coloridas, sendo uma camisa azul florida e uma calça roxa listrada, enquanto o marido traça uma calça azul e uma blusa cinza.

Em relação ao nível temático, o sorriso dos cônjuges, a blusa com estampas floridas da esposa, bem como os galhos com flores sobre as cabeças deles reforçam uma ideia de felicidade e de harmonia entre o casal. Além do mais, esse tom “radiante”, conforme expresso na legenda do cartaz, é indicado como um efeito da liberdade de casamento.

No que concerne ao nível axiológico, é preciso ressaltar-se que o pôster em questão é direcionado muito mais às camponesas do que aos camponeses, uma vez que a legenda salienta que é preciso pensar nos próprios interesses ao firmar matrimônio, de modo a voltar feliz do registro, assim como a mulher encontra-se olhando para frente, isto é, para o futuro, com uma expressão que mescla felicidade e convicção de que ela tomou a melhor decisão. Por conseguinte, o sistema de valores que orienta a representação desse cartaz de propaganda apresenta apreço pela juventude e pela liberdade de casamento como essencial à emancipação feminina.



Cartaz 5: A happy marriage, a happy family (Um casamento feliz, uma família feliz), dezembro de 1955.

Artista: Li Wenxin; Fu Xiaoxian.

Editora: Sichuan renmin chubanshe.

Local: Província de Sichuan.

Tamanho: 38x52 cm.

Número de chamada: BG E15/146 (Landsberger collection).

O cartaz acima apresenta, no nível figurativo, um jovem casal de camponeses, em duas situações diferentes, sendo que a esposa é representada um pouco menor do que o marido e levemente atrás dele em ambas as situações. Ademais, a leitura da imagem deve ser feita da direita para a esquerda, pois ela foi produzida antes da reforma da escrita chinesa, ocorrida em 1958²⁰⁶. Na primeira cena, o pai está com o texto da Nova Lei do Casamento (1950) em mãos e aberto em alguma passagem possivelmente importante, haja vista que ele está apontando para um trecho do livro e comunicando a informação à esposa que o escuta atentamente. Na segunda, o pai segura o filho no colo enquanto a mãe encontra-se ao seu lado, observando para que nada ocorra de errado. Em ambas as situações os cônjuges se olham detidamente. Além disso, a esposa veste uma blusa verde, calça rosa e usa sapatos azuis, enquanto o marido traja uma camisa cinza, calça azul e utiliza sapatos cinzas. Apenas uma vestimenta é adicionada de um plano para o outro: o avental da mulher na segunda cena.

No que tange ao nível temático, pode-se afirmar que as expressões corporais e faciais do casal indicam uma grande cumplicidade, felicidade e harmonia entre eles. Além disso, o fato do pai segurar o filho é, provavelmente, uma alusão ao fim do pátrio poder

²⁰⁶ LIMA, Ligia Wey Neves. **O ensino de mandarim no Brasil:** Um estudo comparativo entre os sistemas *pinyin* e *zhuyin fuhao*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Educação) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012., p. 32.

ocorrido a partir da aprovação da Nova Lei do Casamento e ao convite aos pais a participarem do cuidado com os filhos e dos trabalhos domésticos. Já a leitura do texto da legislação em questão feita pelo marido e comunicada à esposa indica que agora todo camponês pode se casar, pois a proibição dos casamentos arranjados também implicou na ilegalidade dos dotes, e que ele está ciente dos direitos dela e quer que ela tome conhecimento deles. Contudo, é interessante notarmos que o fluxo de informações é dele para ela, demonstrando que as transformações nas relações de gênero que estavam se processando naquele momento não consistiram em uma total ruptura com os padrões de gênero anteriores à revolução de 1949, mas que houve algumas continuidades e ajustamentos. Também pode ser analisado na perspectiva de um possível cuidado com os homens, para que eles não se opusessem às mudanças em curso. Finalmente, o avental da esposa, acrescentado na segunda cena, corrobora a ideia de que as mulheres ainda eram vistas como naturalmente responsáveis pelo cuidado com as crianças.

Já no que diz respeito ao nível axiológico, percebe-se um sistema de valores que encara como positivo o casamento estabelecido a partir da livre vontade do casal e que atrela esse elemento à emancipação das mulheres, bem como admite uma certa participação dos pais no cuidado com os filhos, mas que continua a perceber essa tarefa como essencialmente feminina.

2.3.2. As “camponesas-modelo”

Na categoria “camponesas-modelo” foram inseridos os cartazes de propaganda que representavam camponesas jovens e atuantes na produção de cereais e de animais para o abastecimento das cidades. Além disso, elas são retratadas com uma expressão orgulhosa do papel importante para a construção do socialismo que acreditavam estar desempenhando.

Ademais, é importante salientar-se que os pôsteres de propaganda da categoria em questão são resultado da aprovação da “Lei de Reforma Agrária” de 1950, a qual em seu Artigo 10 promoveu uma redistribuição das terras chinesas, concedendo um lote a todo camponês adulto, sem mencionar o gênero, mas cuja interpretação acabou indo no sentido de distribuição das terras tanto aos camponeses quanto às camponesas²⁰⁷.



Cartaz 6: New view in the rural village (Nova visão na aldeia rural), 1953.

Artista: Xin Liliang.

Editora: Sanyi Printers.

Local: Não identificado.

Tamanho: 53.5x77.5 cm.

Número de chamada: BG E12/527 (IISH collection).

No pôster em questão, no nível figurativo, encontra-se representada uma aldeia camponesa. Em primeiro plano, uma mulher jovem e sorridente está em pé e segurando

²⁰⁷ **THE AGRARIAN REFORM LAW OF THE PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA.** Peking: Foreign Languages Press, 1950., p. 05.

uma muda de alguma variedade de arroz, haja vista que o plantio é realizado em pequenas áreas alagadas. Atrás dela, observa-se duas outras camponesas igualmente jovens inclinadas no sentido de plantarem as mudas. Apenas ao fundo aparecem alguns homens, dos quais não é possível ver sequer o rosto. Além disso, em segundo plano encontra-se a aldeia camponesa, com casas cobertas de palha e cercadas por um muro, à esquerda, e as chaminés de uma indústria, à direita, contrastando com o restante da cena. Também é importante frisar-se que as mulheres se encontram vestidas com calças azuis ou vermelhas dobradas para não molharem na água do canteiro de plantio de arroz e com camisas vermelhas, azuis ou amarelas estampadas, além de um avental branco. Já os homens utilizam calças brancas ou pretas também dobradas e camisas azuis, cinzas ou brancas sem estampas. Além disso, as mulheres plantam as mudas, mas apenas um homem ao fundo as carrega em dois cestos pendurados a um pedaço de madeira, o qual ele sustenta sobre um dos ombros.

Por conseguinte, no nível temático, é provável que se trate de habitantes de uma mesma vila camponesa cultivando cada qual o seu lote adquirido em decorrência da aprovação da Lei de Reforma Agrária de 1950, interpretação que é embasada pela legenda, a qual fala de uma nova visão da aldeia, buscando se referir às mudanças nos campos proporcionadas por aquela legislação. Ademais, a ênfase no trabalho feminino, assim como o sorriso da camponesa em primeiro plano, faz alusão ao fato de que as terras foram distribuídas independentemente do gênero, assim como a participação das mulheres na produção era essencial para a construção do socialismo chinês. Contudo, o fato de elas não serem representadas carregando as mudas, mas apenas plantando, indica uma visão segundo a qual elas possuiriam menor força física do que os homens.

Além disso, a presença de uma fábrica em um cartaz sobre uma aldeia rural se deveu ao fato do I Plano Quinquenal, em vigor a partir do ano em que essa imagem foi

elaborada, privilegiar a produção industrial de base e as cidades²⁰⁸, indicando que a produção dos campos deveria alimentar a indústria.

Portanto, no nível axiológico, verifica-se um sistema de valores que almeja a participação das mulheres camponesas na produção agrícola, embora as veja como fisicamente mais fracas do que os homens, de modo a que haja mais indivíduos empenhados em alavancar o fornecimento de matérias-primas às indústrias, nos quadros de subalternização dos campos às cidades do I Plano Quinquenal.



Cartaz 7: The hogs of the commune must be raised to be fat and big! (Os porcos da comuna devem ser criados para serem gordos e grandes!), maio de 1956.

Artista: Weng Yizhi.

Editora: Shanghai renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 53x77.5 cm.

Número de chamada: BG E15/450 (Landsberger collection).

²⁰⁸ BELASSEN, J. *Op. cit.*, p. 60.

Já no que concerne ao nível figurativo da imagem acima, em primeiro plano aparece uma camponesa jovem, vestindo calça e casaco azuis, avental branco e véu vermelho, escovando o pelo de um grande porco e sorrindo. Ao fundo, observa-se vários outros porcos, indicando que ela está dentro de um curral desses animais, além de outras duas pessoas trabalhando próximas à uma espécie de galpão, provavelmente no qual os porcos são trancados à noite.

No que concerne ao nível temático, a expressão sorridente da camponesa demonstra que ela está orgulhosa de seu trabalho como criadora de suínos. Além do mais, dessa vez a legenda aparece em tom de ordem, afirmando que os porcos precisam ser criados para serem grandes e gordos, em razão de ser necessário produzir alimentos em abundância, principalmente, para o abastecimento da população das cidades.

Portanto, no tocante ao nível axiológico, assim como no cartaz anterior, o sistema de valores desse pôster de propaganda vê como positiva a relação subalterna dos campos em relação às cidades, na qual o trabalho supostamente emancipado das camponesas é mostrado como imprescindível, elementos característicos das políticas do I Plano Quinquenal.

2.3.3. As “operárias-modelo”

Os cartazes dessa categoria representam operárias jovens, objetivando o estímulo à participação feminina na indústria para alavancar a produção na China, em consonância com as determinações do I Plano Quinquenal, o qual privilegiou a indústria e as cidades em detrimento dos campos.



Cartaz 8: We are grateful for the support of our peasant Brothers for ensuring our production! (Somos gratos pelo apoio de nossos irmão camponeses para garantir nossa produção!), março de 1956.

Artista: Weng Yizhi.

Editora: Shanghai renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 77x53 cm.

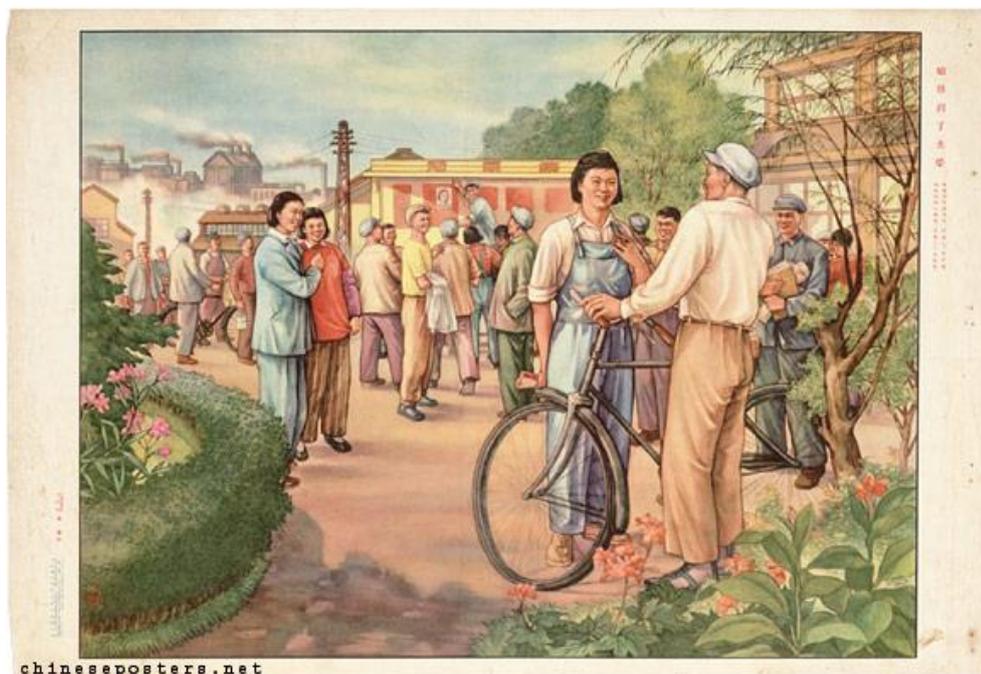
Número de chamada: BG E15/379 (Landsberger collection).

No que concerne ao nível figurativo dessa imagem, em primeiro plano é representada uma jovem operária sorrindo e empunhando algodão de dentro de uma saca aberta, identificável em virtude da touca e do uniforme azuis escuros e do avental branco que está trajando, bem como do fundo que revela um ambiente fechado e mais uma saca

de algodão no canto inferior direito. Ademais, em cima e em segundo plano, observa-se uma imagem envelhecida de camponeses transportando carregamentos de algodão em carroças para a cidade.

Neste sentido, no nível temático, percebe-se que a expressão sorridente da operária têxtil e o fato de ela estar empunhando o algodão indicam a felicidade por estar participando do esforço de industrialização da China e a abundância da produção agrícola do país, respectivamente. Além disso, a imagem envelhecida dos camponeses transportando algodão para a cidade demonstra, por um lado, o reconhecimento da importância dessa classe para a transição socialista e, por outro, uma subalternização de seu trabalho em relação à indústria.

Logo, no tocante ao nível axiológico, assim como o sistema de valores presente nos pôsteres anteriores que enfatizavam a importância do trabalho feminino nos campos, esse salienta a centralidade da mão-de-obra das mulheres nas fábricas para aumentar a produção industrial. Além disso, tal como as imagens da categoria anterior, ele ressalta a subordinação dos campos em relação às cidades, fulcrais no projeto do I Plano Quinquenal, conforme já se ressaltou, e que aparece na legenda como um agradecimento aos camponeses, os quais são chamados de irmãos por assegurarem a produção fabril.



Cartaz 9: Her achievement of glory (Sua conquista da glória), setembro de 1954.

Artista: Wu Kui.

Editora: Huadong renmin meishu chubanshe.

Local: Huadong, província de Jiangxi.

Tamanho: 52.5x76 cm.

Número de chamada: BG E12/753 (IISH collection).

No tocante ao nível figurativo desse cartaz, vê-se em destaque um homem mais velho, usando vestimentas cinzas e boina azul, presenteando com uma bicicleta uma mulher mais jovem, a qual é levemente menor do que ele, vestida com um macacão azul-escuro, sendo que ambos estão sorrindo. Do lado esquerdo, uma mulher mais velha, trajando roupas azul-claro, comenta algo com uma garota que está ao seu lado, a qual traja uma camisa vermelha e calça amarela, enquanto ambas observam a cena. Do lado direito, vários homens também vestindo uniforme azul-escuro olham sorridentes o que acontece. Enquanto isso, ao fundo, observa-se vários operários, um deles com uma bicicleta, indo em direção às fábricas que aparecem ao fundo da imagem.

Em relação ao nível temático, pode-se afirmar que a mulher e o homem que são representados em primeiro plano são pai e filha, haja vista que os olhares e sorrisos trocados entre eles indicam que se conhecem há muito tempo e sentem afeto um pelo outro. Já as duas mulheres que observam a cena na lateral direita são, provavelmente, a mãe e a irmã mais novo da mulher que recebe a bicicleta, em virtude do olhar orgulhoso com que observam ela ser presenteada. Ademais, a forma como a mulher em primeiro plano está vestida indica que ela é uma operária, assim como os homens que acompanham a cena do lado esquerdo, trajados de forma similar a ela. Por fim, tendo em vista o operário se locomovendo de bicicleta para a fábrica ao fundo, bem como os olhares orgulhoso dos presentes, infere-se que a mulher está ganhando o seu meio de transporte para o trabalho que está começando.

Neste sentido, no que diz respeito ao nível axiológico, esse cartaz também apresenta um sistema de valores que enfatiza a relevância da participação feminina no esforço de aumento da produtividade industrial nos marcos do I Plano Quinquenal, caracterizada pela legenda como a conquista da glória pelas mulheres.



Cartaz 10: We are proud to participate in the industrialization of the nation (Estamos orgulhosos de participar da industrialização da nação), fevereiro de 1954.

Artista: Ding Hao.

Editora: Huadong renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 78x54 cm.

Número de chamada: BG E16/17 (IISH collection).

Já nesta imagem, no nível figurativo, uma jovem operária sorridente do ramo da construção civil é representada em primeiro plano durante uma pausa no trabalho de instalação da estrutura de ferro de um prédio, muito provavelmente uma fábrica, haja vista que no canto inferior direito da imagem vê-se uma chaminé de uma indústria. Ao fundo, uma pessoa de gênero não identificável, haja vista que está usando máscara, manuseia uma solda para fixar os vergalhões de metal do esqueleto do edifício. Tanto a operária quanto a pessoa em segundo plano vestem uniforme e luvas cinzas, além de utilizarem uma máscara de soldagem, mas somente ela encontra-se usando um lenço branco e uma camisa vermelha por debaixo do uniforme.

Em relação ao nível temático, observa-se que o sorriso da operária é uma indicação de felicidade e orgulho por estar exercendo aquela profissão, indispensável à industrialização da China. Além disso, a blusa vermelha e o lenço que distinguem as vestimentas dela e da pessoa ao fundo indicam que esta última é um homem, transmitindo uma concepção de diferença de gênero a partir das roupas e que as mulheres operárias não se masculinizariam no trabalho braçal.

Portanto, no tocante ao nível axiológico, esse cartaz destoa um pouco dos dois anteriores, pois não mostra uma trabalhadora se dirigindo ao trabalho ou atuando na

indústria têxtil, tradicionalmente um setor de predomínio do trabalho feminino²⁰⁹, mas na construção civil, fazendo-se observar um sistema de valores que vê de forma positiva a participação feminina nos mais variados âmbitos do mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, ele também reafirma o estímulo das imagens anteriores para que as mulheres tomem parte do esforço de industrialização do I Plano Quinquenal. Apesar disso, reitera uma valorização da diferença entre a forma de se vestir de homens e mulheres, mesmo num setor tido como masculino.

2.3.4. As “cuidadoras”

Essa categoria se refere aos cartazes de propaganda que atrelavam os trabalhos relacionados ao cuidado das crianças e do lar às mulheres, indicando que o processo de construção do socialismo chinês não levou ao compartilhamento do trabalho doméstico e também não dissociou as tarefas relacionadas ao cuidado de uma suposta natureza feminina.



²⁰⁹ BEJA, F. *Op. cit.*, p. 19.

Cartaz 11: Growing up in happy times (Crescendo em tempos felizes), dezembro de 1953.

Artista: Wei Yingzhou.

Editora: Shuhui huapian shangdian.

Local: Não identificado.

Tamanho: 77x53 cm.

Número de chamada: BG E16/252 (IISH collection).

No que concerne ao nível figurativo do cartaz acima, na frente vê-se uma mulher jovem, trajando uniforme azul, com duas crianças, uma menina em uniforme escolar em pé ao seu lado e segurando um pequeno livro de capa vermelha, provavelmente contendo trechos dos pensamentos de algum dirigente do PCCh, além de um bebê do gênero masculino em seus braços. Os três estão sorrindo e olhando para frente e o bebê parece acenar para alguém conhecido. No canto inferior esquerdo, encontram-se várias crianças, brincando em uma roda gigante do parquinho do hotel, o grande prédio que é representado ao fundo, sendo também acompanhadas por uma mulher jovem, trajando uma blusa amarela e uma calça azul.

Neste sentido, no nível temático, entende-se que alguém está se despedindo do bebê em primeiro plano, provavelmente o pai ou a mãe. Em decorrência, a mulher que o segura não é a mãe da criança, mas uma cuidadora. Além disso, o sorriso dela e das duas crianças em primeiro plano indicam felicidade por estarem naquele local. Somado a isso, a legenda do cartaz enfatiza que as crianças crescem felizes sob o socialismo, se referindo à possibilidade de receberem cuidados e terem direito ao lazer, elementos indicados pela presença das mulheres adultas e pela roda gigante.

Portanto, no tocante ao nível axiológico, observa-se nesse cartaz um sistema de valores marcado pela reconfiguração da condição subalterna das mulheres chinesas, haja

vista que a profissão de cuidadora é concebida como atrelada a uma característica naturalmente feminina, tanto que nenhum homem é representado como cuidador na imagem.



Cartaz 12: Chairman Mao gives us a happy life (Presidente Mao nos dá uma vida feliz), março de 1954.

Artista: Xin Liliang.

Editora: Não identificada.

Local: Não identificado.

Tamanho: 78x53 cm.

Número de chamada: BG E16/269 (IISH collection).

Nesse pôster, no nível figurativo, é representada uma família em casa durante uma refeição. Em primeiro plano, enquanto o pai, trajando boina azul, blusa de mangas compridas na cor branca, calça azul, meias brancas e sapatos pretos, está sentado à mesa brincando com os dois filhos, visivelmente mais agitados, e a filha, evidentemente mais

contida, a mãe está em pé e sorrindo, usando um vestido listrado, avental branco e sapatos pretos, segurando uma tigela de alimento que leva em direção à mesa. Ao fundo, um retrato de Mao Zedong observa a cena, sendo que ao lado dele encontra-se um calendário afixado à parede com a figura de uma pomba branca em pleno voo.

Neste sentido, no nível temático, pode-se observar que o sorriso dos personagens representados indica que aquela é uma família feliz, sentimento decorrente da construção da nova ordem socialista, a qual só teria sido possível em virtude das ações de Mao Zedong, daí o retrato do Grande Timoneiro ao fundo da imagem. Além do mais, a legenda do cartaz reforça a ideia de que a revolução por ele liderada era a responsável por aquela vida de prosperidade, expressa nos alimentos em abundância sobre a mesa, na felicidade estampada no semblante dos membros da família e na paz, indicada pela pomba branca do calendário.

Por conseguinte, no nível axiológico, compreende-se que o cartaz em questão é imbuído de um sistema de valores que encara de maneira positiva a família monogâmica, bem como considera os trabalhos domésticos, mesmo após a revolução de 1949, como sendo atribuições femininas, haja vista que é a mulher representada na cena que se incumbiu de preparar e de servir a comida, elemento sugerido pelo avental que ela está vestindo e por ser a única na cena que encontra-se caminhando e levando o alimento até a mesa.



Cartaz 13: Daddy goes to work, we go to school (Papai vai para o trabalho, nós vamos para a escola), outubro de 1954.

Artista: Wei Yingzhou.

Editora: Shanghai huapian chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 53.5x77.5 cm.

Número de chamada: PC-1954-005 (Private collection).

Já na imagem acima, no tocante ao nível figurativo, é representada uma mãe em um quarto, a qual encontra-se usando uma camisa verde com estampas floridas e uma calça azul, e está arrumando seus filhos, sendo eles uma garota mais velha que está olhando para o espelho enquanto arruma a gravata de seu uniforme, uma menina mais nova, também trajando uniforme escolar, que olha para suas unhas pintadas e um pequeno garoto segurando a mão da mãe, além de um outro menino ao fundo, também uniformizado, que acena pela janela para o pai, o qual está fora da casa, usando um suspensório azul-escuro, uma camisa branca por baixo e uma boina azul-escuro, e retribui com outro aceno, além de encontrar-se segurando uma bicicleta. Todas as pessoas

representadas estão sorridentes. Além disso, ao fundo, também pela janela, observa-se a chaminé de uma fábrica.

No que concerne ao nível temático, nota-se que a mãe está arrumando os filhos para levá-los à escola, fato perceptível em razão do uniforme que crianças utilizam, enquanto o pai dirige-se à indústria para trabalhar, o que é inferido a partir do uniforme operário que ele traja, por ser o único fora da casa, pela bicicleta que segura, bem como pela chaminé da fábrica ao fundo da imagem. Somado a isso, a legenda do cartaz enfatiza que o pai está indo trabalhar e as crianças estudar. Ademais, o sorriso dos personagens indica que eles estão felizes com o fato de que cada um deles está indo realizar suas atividades cotidianas, todas elas fundamentais para a construção do socialismo chinês.

Portanto, em relação ao nível axiológico desse cartaz, observa-se um sistema de valores caracterizado pela permanência da naturalização dos cuidados com os filhos como uma atribuição feminina, uma vez que a mãe é representada como a responsável por auxiliar os filhos a vestir seu uniforme e levá-los para o colégio, enquanto o pai está indo para o trabalho na fábrica.



Cartaz 14: A new household that is democratic, peaceful, and engages in united production (Um novo lar que é democrático, pacífico e se engaja na produção unida), janeiro de 1954.

Artista: Zhang Daxin.

Editora: Shanghai Xu Shengji printing plant.

Local: Shanghai.

Tamanho: 54x79 cm.

Número de chamada: BG E15/286 (Landsberger collection).

No que concerne ao nível figurativo desse cartaz, pode-se observar a cozinha da casa de uma família camponesa, na qual encontram-se, em primeiro plano e na frente de uma mesa de madeira, um homem jovem, vestindo uma camisa azul-claro listrada e com mangas compridas e uma calça azul-escuro, apoiando duas enchadas no ombro esquerdo e segurando um chapéu de palha com a mão direita; uma mulher também jovem, trajando uma camisa verde de mangas compridas e uma calça rosa listrada, ao lado dele, e entregando um bebê nos braços de uma mulher mais velha, a qual está usando blusa e calça azul-escuro, além de um avental branco; e um garoto, ao lado dessa senhora, vestindo uma camisa laranja com estampas amarelas. Ao fundo da cena, observa-se um retrato de Mao Zedong colado na parede. Todos os personagens representados na imagem encontram-se sorridentes. Além disso, pela janela do cômodo observa-se o quintal, no qual há algumas galinhas ciscando, uma árvore, um lago e os campos nos quais um homem encontra-se arrastando um arado preso a um boi.

Em relação ao nível temático, é possível afirmar que o homem e a mulher mais jovens são um casal que está saindo para trabalhar nos campos, haja vista que ele segura duas enchadas e ambos encontram-se vestindo roupas leves e compridas, além de ele ter um chapéu na mão, elementos fundamentais para a proteção em relação ao sol. Além

disso, ela está entregando um bebê, filho mais novo dos dois, aos cuidados da mulher mais velha, a qual já está com o filho mais velho do casal ao seu lado e traça um avental, indicando que estava cuidando dos afazeres domésticos. Provavelmente, a anciã é a sogra da jovem, fato identificável em razão do casamento camponês na China ser exogâmico e virilocal, isto é, as mulheres costumavam se casar com homens de fora de sua aldeia e iam morar na casa do marido²¹⁰. Ademais, o semblante feliz dos presentes refere-se à harmonia vigente na casa, uma vez que todos estariam cumprindo um papel importante para a edificação do socialismo na China, assim como a esposa é livre para participar da esfera da produção juntamente com o marido, tanto em virtude da sogra estar se encarregando dos trabalhos domésticos quanto das políticas de gênero decorrentes da revolução chinesa, daí o retrato de Mao Mao encontrar-se ao fundo sugerindo que aquele lar supostamente igualitário e harmonioso era resultado direto das ações dessa liderança do PCCh.

Por conseguinte, no que diz respeito ao nível axiológico, o sistema de valores presente nessa imagem encara de modo positivo a participação das mulheres mais jovens na produção dos campos ao lado dos homens, daí a legenda falar em produção unida, mas não valoriza o compartilhamento do trabalho doméstico com o cônjuge, deslocado-o para outras mulheres, como sogra, ou seja, continuando a tratá-lo como uma incumbência naturalmente feminina.

2.3.5. As “mulheres guerreiras”

Nesta categoria, classificou-se os cartazes que diziam respeito à representação de mulheres enquanto soldados, ressaltando que o socialismo chinês havia possibilitado a

²¹⁰ BEJA, F. *Op. cit.*, p. 31.

elas adentrarem em setores da vida social outrora exclusivos aos homens, como as forças armadas.

Além disso, é importante salientar-se que os pôsteres de propaganda dessa categoria estão atrelados ao Artigo 96 da Constituição de 1954, o qual determinou que “Na República Popular da China as mulheres têm os mesmos direitos que os homens em todos os domínios da vida política, econômica, social e familiar”²¹¹ (tradução do autor). Portanto, ele estabeleceu a igualdade de direitos entre homens e mulheres, tornando possível o ingresso da parcela feminina da população chinesa em atividades outrora consideradas tipicamente masculinas, como as forças armadas.



²¹¹ CONSTITUTION OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Peking Foreign Languages Press, 1954., p. 52.

Cartaz 15: Study the battle spirit of the Red Army during the Long March, conquer nature, build up our nation (Estude o espírito de batalha do Exército Vermelho durante a Longa Marcha, conquiste a natureza, construa a nação), agosto de 1953.

Artista: Zhou Lingjian.

Editora: Renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 78x54 cm.

Número de chamada: BG E15/832 (Landsberger collection).

No que tange ao cartaz acima, ele representa em primeiro plano uma jovem olhando de forma fixa para o observador, a qual está vestindo um uniforme militar, composto de um sobretudo azul-escuro com golas brancas e de uma boina também azul-escuro, além de carregar uma mochila nas costas, um cantil com água na cintura e uma estrutura para montar uma barraca no ombro direito. Ela segue um grupo de outros jovens, representados no canto inferior esquerdo, os quais estão vestidos de forma parecida e levam os mesmos equipamentos que ela por meio de uma trilha que sobe as montanhas. Além disso, acima da jovem há uma imagem antiga da Longa Marcha, ocorrida entre 1934 e 1935, na qual os comunistas se deslocaram a pé do sudeste chinês para o noroeste do país, numa tentativa de fugir da repressão das tropas do Guomindang, sendo o Exército Vermelho ao qual a legenda se refere o braço armado do PCCh²¹².

Neste sentido, em relação ao nível temático, o cartaz busca passar a mensagem segundo a qual as mulheres chinesas do começo dos anos 1950 deveriam se inspirar no exemplo e na convicção de luta contra as adversidades naturais daquelas que participaram do feito heroico da Longa Marcha, de modo a participarem ativamente da produção, ou seja, dominando a natureza, e contribuindo para a construção do socialismo, isto é, da

²¹² CHESNEAUX, J.; LE BARBIER, F. *Op. cit.*, p. 123-127.

nação, conforme expresso na legenda. Portanto, constituindo-se em uma espécie de “guerreiras”, elemento que é reforçado pela postura e olhar de determinação da garota representada em primeiro plano.

Além disso, é possível que o pôster faça referência à divisão que ocorreu no movimento de mulheres chinesas nos anos 1950, da qual resultaram duas frações. De um lado, encontrava-se o grupo que defendia que homens e mulheres poderiam ter direitos iguais e exercer as mesmas funções, mas ainda assim continuariam a ser diferentes por conta de apresentarem distinções anatômicas intransponíveis. De outro, estavam as adeptas da concepção de que essas diferenças supostamente naturais poderiam ser superadas, daí a legenda mencionar a conquista da natureza²¹³.

Por conseguinte, no tocante ao nível axiológico, o pôster de propaganda em questão apresenta um sistema de valores que possui apreço pelo envolvimento das mulheres jovens na construção do socialismo chinês, enfocando sua força, empenho e superação durante Longa Marcha, feitos que deveriam ser repetidos na edificação da nova ordem revolucionária.

²¹³ MANNING, Kimberley Ens. The gendered politics of woman-work: Rethinking radicalism in the Great Leap Forward. In: MANNING, Kimberley Ens; WEMHEUER, Felix (Orgs.). **Eating bitterness**: New perspectives on China's Great Leap Forward and famine. Vancouver: UBC Press, 2011. (Contemporary Chinese studies)



Cartaz 16: New China's female parachuters (Paraquedistas do sexo feminino da nova China), 1955.

Artista: Zhang Yuqing.

Editora: Shanghai huapian chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 55x79 cm.

Número de chamada: BG E15/27 (Landsberger collection).

Já no nível figurativo desse cartaz, é possível observar, em primeiro plano, duas mulheres paraquedistas lada a lado sendo carregadas por uma multidão após um salto bem-sucedido, enquanto ao fundo encontram-se diversos outros paraquedistas cujo gênero não é identificável por ainda estarem no ar, imediatamente após um salto do avião que os sobrevoa. Além disso, o público presente é composto de homens jovens trajando uniforme operário, isto é, macacão e boina azul-escuros, de mulheres jovens vestindo roupas mais coloridas, como camisas verdes e rosas com estampas floridas, além de uma garota em uniforme escolar que aplaude uma das paraquedistas e olha fixa para ela.

Somado a isso, diversas pessoas empunham as bandeiras da China socialista, a “nova China” mencionada na legenda.

Em relação ao nível temático, é possível afirmar que a ideia de “nova China” presente na legenda do cartaz e indicada pelas bandeiras empunhadas da RPC se refere ao fato daquele país haver tornado possível o acesso feminino às forças armadas, setor considerado tipicamente masculino. Além disso, a estudante que aplaude e observa uma das paraquedistas também é uma metáfora da “nova China”, na qual as mulheres podem escolher em qual área se dedicarão à construção do socialismo.

Logo, no que diz respeito ao nível axiológico do pôster em questão, percebemos um sistema de valores que trata de maneira positiva a atuação das mulheres como paraquedistas, indicando uma ruptura com relação ao período anterior à revolução de 1949, no qual os papéis femininos estavam ligados ao âmbito privado, haja vista que eram consideradas como naturalmente aptas aos afazeres domésticos e ao cuidado das crianças²¹⁴.



²¹⁴ BEJA, F. *Op. cit.*, p. 3.

Cartaz 17: Parachuters (Paraquedistas), início dos anos 1950

Artista: Desconhecido.

Editora: Shanghai shengsheng meishu gongsi.

Local: Shanghai.

Tamanho: 33x20 cm.

Número de chamada: BG D25/202 (Landsberger collection).

De modo semelhante, no nível figurativo do pôster acima pode-se ver, em primeiro plano, uma paraquedista sorridente em pé e segurando a mochila com o balão de salto. Já em segundo plano, observa-se vários outros paraquedistas de gênero impossível de ser definido em pleno no ar, imediatamente após o salto .

Em relação ao nível temático, o semblante sorridente da paraquedista indica alguém que não demonstra medo, apesar de ter que realizar saltos de avião, mas uma mistura de felicidade e orgulho pela profissão que exerce.

Por conseguinte, no tocante ao nível axiológico, assim como na imagem anterior, esse pôster apresenta um sistema de valores que encara de modo positivo o estímulo à participação das mulheres chinesas nas forças armadas e para que os trabalhadores superassem seus desafios e limites no cotidiano, expressando uma modificação significativa na forma como a China concebia as relações de gênero.



Cartaz 18: The New China has given women the opportunity of serving the nation boundlessly and liberally! (A Nova China deu às mulheres a oportunidade de servir a nação sem limites e liberalmente!), março de 1953.

Artista: Liu Yunying.

Editora: Renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 54x78 cm.

Número de chamada: BG E15/945 (Landsberger collection).

Seguindo a linha das duas imagens anteriores, o nível figurativo desse cartaz representa uma mulher paraquedista com um semblante sério, à frente de nove paraquedistas ordenadas em uma fileira, atrás das quais encontra-se um avião. Ao fundo observa-se mais três batalhões de paraquedistas enfileiradas na frente de outros três aviões. Acima delas sobrevoam outras três aeronaves.

Em relação ao nível temático, a seriedade no rosto da paraquedista em primeiro plano transmite ao observador uma ideia de profissionalismo. Além disso, a ordenação das paraquedistas e dos aviões indica que elas estão se preparando para realizar um salto.

Ademais, no que concerne ao nível axiológico, o apreço do sistema de valores presente no cartaz em questão à ideia de que a China socialista propiciou às mulheres a entrada em áreas outrora majoritariamente masculinas, como a aeronáutica, é reforçada pela legenda, a qual frisa que a Nova China possibilitou às elas servirem à nação sem obstáculos e de forma livre.

2.3.6. As “mulheres unidas”



Cartaz 19: We have been pregnant with life, we want to safeguard life! (Nós estivemos grávidas da vida, queremos salvaguardar a vida!), fevereiro de 1957.

Artista: Zhang Longji

Editora: Shanghai renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 77x53 cm.

Número de chamada: BG E15/353 (Landsberger collection).

Por fim, vale ressaltar que não foi possível enquadrar um dos cartazes do início da transição socialista chinesa nas categorias sêmicas supracitadas, sendo necessário inseri-lo em uma classificação à parte, a qual chamou-se de “união das mulheres”.

Neste sentido, no nível figurativo são representadas uma mulher chinesa, uma negra e uma russa empunhando juntas um bebê. Além disso, acima da cabeça da criança voa uma pomba branca. Também é preciso ressaltar a existência de um brasão dourado

no fundo da cena, no qual está cunhada a inscrição “Congresso Mundial de Mulheres de 1955”.

Já em relação ao nível temático, pode-se afirmar que o bebê é uma alusão à vida, a qual é supostamente originária do ventre feminino, como ressalta a legenda do pôster e, em razão disso, ninguém mais capacitado do que as mulheres para a defenderem. Ademais, a pomba branca é uma representação da paz.

Logo, no que concerne ao nível axiológico, o sistema de valores desse cartaz ressalta a força das mulheres socialistas e do terceiro mundo no sentido de lutar pela paz mundial, mas reforça um estereótipo de gênero, uma vez que considera a maternidade como algo que faz parte da natureza feminina, além de afirmar que isso as tornaria mais sensíveis à proteção da vida.

2.4. Conclusões

Por conseguinte, ao longo desse capítulo, analisou-se as representações de gênero dos cartazes de propaganda chineses produzidos durante o período de vigência do I Plano Quinquenal (1953-1957), buscando-se descrever as imagens de forma densa e relacionar suas características às transformações pelas quais a China passou naqueles anos. Neste sentido, classificou-se os pôsteres nas seguintes categorias sêmicas, isto é, de significação: “casais harmoniosos”, “camponesas-modelo”, “operárias-modelo”, “cuidadoras”, “mulheres guerreiras” e “união das mulheres”.

No tocante à classe dos “casais harmoniosos”, observou-se que os pôsteres nela incluídos faziam alusão aos casamentos de camponeses realizados a partir da livre escolha dos cônjuges, possibilitada pela Nova Lei do Casamento. Além disso, eles buscavam articular a liberdade de matrimônio com a harmonia no âmbito privado, fator

compreendido como benéfico à produção, uma vez que não haveria conflitos para serem transportados do lar para o trabalho.

Em relação à categoria “camponesas-modelo”, ela foi formada a partir de cartazes que enfatizavam a atuação de mulheres na agricultura e na pecuária como sinônimo de sua emancipação, visando estimular a participação da parcela feminina do campesinato na ampliação dos gêneros alimentícios para o abastecimento das cidades. Já a das “operárias-modelo” abarcou as imagens de mulheres trabalhando nas indústrias, as quais tinham o intuito de persuadi-las a tomar parte no esforço de ampliação da produção fabril engendrado pelo I Plano Quinquenal.

No que diz respeito à classe das “cuidadoras”, ela abrangeu as representações que atrelavam o trabalho doméstico e de cuidado das crianças às mulheres, indicando uma permanência em relação aos papéis de gênero anteriores à revolução chinesa.

No que que concerne à categoria “mulheres guerreiras”, ela incluiu os pôsteres que retratavam as mulheres como soldados, estimulando a participação feminina nas forças armadas e ressaltando que a China socialista havia possibilitado a elas atuarem em setores tradicionalmente masculinos.

Finalmente, não foi possível encaixar um dos cartazes de propaganda nas categorias supracitadas, sendo necessário classificá-lo como “união das mulheres”. Nele, são mostradas uma mulher chinesa, uma russa e uma negra que por meio do somatório de suas forças conseguiriam defender a vida, em razão de serem capazes de gerá-la, em um evidente reforço da concepção de uma suposta essência feminina.

Capítulo 3: As representações de gênero dos cartazes de propaganda do Grande Salto Para Frente (1958-1962)

3.1. Introdução

O intuito do capítulo em questão é realizar uma análise das representações de gênero dos pôsteres de propaganda elaborados ao longo dos anos do Grande Salto Para Frente, o qual vigorou entre 1958 e 1962.

As principais diretrizes do Grande Salto diziam respeito à uma ênfase no campo e na agricultura em relação às cidades e à indústria pesada, exatamente o contrário do apregoado pelo I Plano Quinquenal²¹⁵. Neste sentido, o PCCh estimulou o desenvolvimento das chamadas comunas populares, as quais consistiam em uma “unidade de produção [camponesa] resultante de dezenas de cooperativas e milhares de famílias”²¹⁶. Em razão disso, os lotes de terras foram paulatinamente reduzidos, fornos industriais foram implantados nas comunas de modo a fundir as produções agrícola e industrial, bem como diversas indústrias foram transferidas para comunidades do interior da China²¹⁷.

Em decorrência do esforço descentralizador, da rápida coletivização dos campos e do fato de se privilegiar a agricultura e os campos em relação à indústria e às cidades, elementos característicos do Grande Salto, as taxas de crescimento da agricultura, bem como das indústrias leves e pesadas foram negativos nos dois primeiros anos da década de 1960²¹⁸. Tais indicadores, resultantes das políticas econômicas da plataforma em questão, somados ao fato da ruptura sino-soviética, a qual resultou na retirada dos técnicos

²¹⁵ BELLASSEN, J. *et al.*, *Op. cit.*, p. 82.

²¹⁶ MAO JR., José; SECCO, Lincoln. **A revolução chinesa: Até onde vai a força do dragão?** São Paulo: Scipione, 1998. (Ponto de apoio), p. 49.

²¹⁷ *Ibid.*

²¹⁸ *Ibid.*, p. 50-51.

da União Soviética da China no começo dos anos 1960, apressaram o fracasso do Grande Salto²¹⁹.

Neste sentido, os cartazes de propaganda estudados neste capítulo respondem, em geral, a campanhas relacionadas ao documento “Comunas Populares na China”²²⁰, o qual lançou as diretrizes da coletivização dos campos da RPC. Para além das normas relativas à definição, tamanho e funcionamento das comunas, essa legislação salientava que as comunas populares eram resultado da junção de famílias e não de indivíduos²²¹. Logo, as mulheres tiveram um papel fulcral no processo de coletivização dos campos chineses, continuando a atuar em áreas relacionadas ao cuidado, como escolas, creches e restaurantes coletivos, mas também passando a exercer atividades diretamente ligadas à produção.

Por conseguinte, a partir da análise das categorias sêmicas, ou seja, de significação, classificamos os sete pôsteres de propaganda que compõe o universo dessa pesquisa no tocante ao período do Grande Salto em três classes, quais sejam a das “camponesas-modelo”, as das “motoristas de trator” e a das “mulheres guerreiras”. A seguir, se deterá sobre cada uma dessas categorias.

3.2. As “camponesas-modelo”

Na classe das “camponesas-modelo” foram agrupados os pôsteres de propaganda que apresentavam representações de camponesas jovens e exercendo atividades ligadas à produção agrícola das comunas populares, em geral, de alimentos. Ademais, elas encontram-se retratadas com um semblante sorridente e orgulhoso de estar

²¹⁹ COGGIOLA, Osvaldo. *A revolução chinesa*. São Paulo: Moderna, 1985. (Guerra e paz, v. 01), p. 53.

²²⁰ PEOPLE’S COMMUNES IN CHINA. Peking: Foreign Languages Press, 1958.

²²¹ *Ibid.*, p. 02,

desempenhando uma função central para colocar em prática as diretrizes do Grande Salto Para Frente.



Cartaz 1: The vegetables are green, the cucumbers plumb, the yield is abundant (Os vegetais são verdes, os pepinos são pesados, o rendimento é abundante), fevereiro de 1959.

Artista: Jin Meisheng.

Editora: Shanghai renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 77x53 cm.

Número de chamada: BG E11/992 (IISH collection).

No tocante ao nível figurativo do cartaz em questão, pode-se observar uma garota camponesa, a qual está vestindo uma camisa roxa e uma calça azul-claro, em primeiro plano. Ela encontra-se de cócoras, segurando com a mão esquerda dois tomates e tocando em uma abóbora com a mão direita. Na frente da menina encontram-se vários legumes

maduros e enormes empilhados, como cebolas roxas, batatas inglesas, tomates, pepinos, espigas de milho, repolhos, berinjelas e uma melancia, para os quais ela olha fixamente. Na lateral direita do cartaz há um cesto de tomates. Além disso, em segundo plano, vê-se um casal de camponeses de côcoras e colhendo algum legume ou vegetal, sendo que a mulher está usando uma camisa rosa e uma calça azul enquanto o homem traja uma camisa branca e uma calça cinza.

No que diz respeito ao nível temático, o sorriso e o olhar fixo da menina em relação aos legumes e vegetais indicam, respectivamente, felicidade e orgulho pela quantidade e variedade da produção de alimentos dos campos chineses. Além do mais, a cor, o tamanho e a abundância dos legumes e vegetais, conforme salientado pela legenda do pôster, indicam a fertilidade dos campos chineses, possibilitada pela participação de mão-de-obra feminina, expressa na garota à frente e na mãe ao fundo.

Já em relação ao nível axiológico, nota-se um cartaz imbuído de um sistema de valores que enxerga de maneira positiva a participação feminina no trabalho nos campos, de modo a incrementar a produção de alimentos da China.



Cartaz 2: The fragrance of rice floats a thousand miles. Everybody poses as a hero (A fragrância do arroz flutua mil milhas. Todo mundo se apresenta como um herói), julho de 1961.

Artista: Sheng Cijun.

Editora: Renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 78x53 cm.

Número de chamada: BG E16/44 (IISH collection).

No nível figurativo do cartaz acima, pode-se ver uma jovem camponesa com o corpo levemente inclinado colhendo arroz, em primeiro plano. Ela encontra-se sorrindo e vestindo uma blusa de mangas compridas em tom vermelho-vinho e uma calça azul, além de estar usando um chapéu de palha em sua cabeça. Abaixo dela e ao fundo, dominado por uma coloração amarela, observa-se um gigantesco arrozal. Além disso, em segundo plano, há diversas pessoas agachadas também efetuando a colheita de arroz, bem como algumas em pé empunhando bandeiras vermelhas.

Em relação ao nível temático, o sorriso da jovem indica felicidade por estar participando da colheita de arroz, haja vista que seu trabalho é indispensável para a construção do socialismo chinês, daí todos se apresentarem como heróis, conforme expresso na legenda. Ademais, as pessoas ao fundo, as quais estão realizando um trabalho coletivo e as bandeiras levantadas, provavelmente da RPC, indicam que a cena representa uma comuna popular.

Já no que concerne ao nível axiológico, o pôster em questão apresenta um sistema de valores que enxerga de modo positivo a participação feminina na produção de alimentos, tal como na imagem anterior. Ademais, é importante frisar-se que esse trabalho é visto com apreço não de maneira individualizada, mas quando inserido na lógica de

comunas populares, típicas da política de coletivização dos campos chineses nos marcos do Grande Salto.



Cartaz 3: Man works hard, flowers are fragrant (O homem trabalha duro, as flores são perfumadas), outubro de 1962.

Artistas: Li Mubai; Jin Xuechen.

Editora: Shanghai renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 77x52 cm.

Número de chamada: BG E16/47 (IISH collection).

No que concerne ao nível figurativo dessa imagem, observa-se uma jovem camponesa sorridente em meio a uma plantação de rosas, a qual segura com a mão esquerda um cesto cheio de flores e com a mão direita coloca uma rosa em seu cabelo. Além disso, ela está trajando uma camisa de botões e com mangas compridas na tonalidade amarela, bem como uma calça azul-claro.

Ademais, no nível temático, o sorriso da menina indica felicidade pela abundância e pelo perfume das flores que está colhendo, resultado de trabalho árduo do homem, características expressas na legenda do pôster. Neste sentido, infere-se que o cultivo das flores não foi feito pela garota, mas que ela está apenas colhendo-as.

Logo, no nível axiológico dessa imagem verifica-se um sistema de valores que reforça um padrão tradicional de gênero, uma vez que aproxima as mulheres das flores, ambas consideradas belas e delicadas, assim como não possui apreço pela participação do trabalho feminino no cultivo das rosas, atividade que seria ocupada pelo “homem”, tal como dito na legenda, mas apenas da colheita, a qual exigiria um maior cuidado para não estragar as rosas, característica tida como essencialmente feminina.

3.3. As “motoristas de trator”

No que concerne à categoria “motoristas de trator”, ela inclui os pôsteres de propaganda que apresentam representações de mulheres camponesas jovens dirigindo tratores em atividades relacionadas à produção agrícola nas comunas populares. Além do mais, elas também são representadas sorridentes e orgulhosas das atividades que estavam desenvolvendo, indicando convicção nas políticas relativas ao Grande Salto.



Cartaz 4: Mama comes on a tractor (Mamãe vem em um trator), agosto de 1960.

Artista: Zhang Daxin.

Editora: Shanghai renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 53x77 cm.

Número de chamada: BG E15/828 (Landsberger collection)

No tocante ao nível figurativo da imagem acima, é possível observar, em primeiro plano, uma fileira de três tratores vermelhos, todos conduzidos por mulheres jovens, chegando a uma aldeia por meio de uma estrada de terra. Todas as tratoristas estão vestindo camisa de mangas compridas azul-escuro e calça na mesma tonalidade, assim como encontram-se sorridentes e com o corpo levemente inclinado para a esquerda, haja vista que acenam para crianças pequenas que correm em direção a uma cerca, a qual as separa da estrada. Além disso, em segundo plano, atrás das crianças apoiadas na cerca, uma mulher jovem adulta, segurando a mão de duas outras crianças, também caminha em direção à cerca. Ao fundo, notam-se várias outras crianças brincando em um escorrega, assim como duas casas.

Neste sentido, no nível temático é perceptível que as tratoristas são mães ou conhecem algumas das crianças, uma vez que sorriem e acenam para elas, bem como a legenda afirma que a mãe vem em um trator. Além disso, a estrutura do local em que as crianças estão, composto por duas casas, brinquedos e cercados, além da presença da mulher adulta em meio a elas, indica tratar-se de uma escola, na qual essa mulher é a professora.

Ademais, é necessário salientar-se que o nível axiológico do pôster em questão é imbuído de um sistema de valores que indica uma ruptura em relação aos padrões tradicionais de gênero, uma vez que apenas mulheres dirigem os tratores, trabalho

considerado masculino, mas também reforça um estereótipo de gênero, uma vez que o cuidado com as crianças é reservado também a uma mulher, ao invés de estimular-se o compartilhamento desse tipo de atividade com os homens. Além disso, a organização do trabalho feminino é valorizada na inserção na lógica das comunas populares do Grande Salto, indicada pelo trabalho coletivo das tratoristas e pelo compartilhamento do cuidado com os filhos.



Cartaz 5: Spring plowing (Arado de primavera), novembro de 1962.

Artista: Fang Dong.

Editora: Renmin jiaoyu chubanshe.

Local: Beijing.

Tamanho: 54x77 cm.

Número de chamada: BG E15/765 (Landsberger collection).

Em relação ao nível figurativo do pôster de propaganda acima, é visível uma mulher jovem, trajando uma boina e um macacão azul-escuros, além de uma blusa de mangas compridas brancas por baixo dele, guiando um trator em coloração verde, decorado com uma estrela vermelha na frente, o qual puxa um arado. Ademais, a cena é observada por três meninos, todos vestindo calça e camisa azul-escuros, bem como por

duas meninas, das quais uma usa camisa e calça verdes com estampas floridas, e a outra veste blusa vermelha e calça verde. Somado a isso, o garoto representado à direita leva no ombro um cesto com sementes brancas.

Já no que diz respeito ao nível temático, é possível afirmar que a motorista de trator é a mãe das crianças ou as conhece, indicando que eles fazem parte de uma comuna popular. Além do mais, o fato de ela estar arando o campo e do garoto à direita encontrar-se segurando um cesto com sementes brancas, possivelmente de arroz, sugerem que ele está ajudando no trabalho, mais um indício de tratar-se de uma família que vive em uma comuna. Somado a isso, a estrela vermelha na frente do trator é um indicativo de que ele foi produzido na própria China. Logo, nota-se uma conjugação da coletivização dos campos e do esforço de industrialização do país, característicos do Grande Salto.

Ademais, no que concerne ao nível axiológico, nota-se na imagem um sistema de valores que encara de maneira positiva o trabalho feminino em setores que outrora eram considerados tipicamente masculinos, como a atividade de motorista de trator, de modo similar ao cartaz anterior.

3.4. As “mulheres guerreiras”

Em relação à categoria das “mulheres guerreiras”, nela foram incluídos os pôsteres de propaganda que se referiam à representação das mulheres enquanto membros das forças armadas chinesas ou como guerreiras da construção do socialismo, isto é, mulheres fortemente engajadas na edificação da nova ordem revolucionária.



Cartaz 6: Women parachuters (Mulheres paraquedistas), novembro de 1958.

Artista: Zhang Yuqing.

Editora: Shanghai renmin meishu chubanshe.

Local: Shanghai.

Tamanho: 77x53 cm.

Número de chamada: BG E15/574 (Landsberger collection).

No que tange ao nível figurativo desse cartaz, pode-se observar, em primeiro plano, uma paraquedista em pleno salto, com um semblante sério. Ao fundo, há diversas nuvens e outros treze paraquedas abertos ou em vias de abrir de outros paraquedistas de gênero não identificável. Além disso, no lado direito vê-se um avião se distanciando.

Já no que diz respeito ao nível temático, a expressão séria da paraquedista indica profissionalismo e que ela não está sentindo medo, apesar de encontrar-se em pleno ar. Ademais, os outros vários paraquedas abertos ou se abrindo, bem como a presença do avião, sugerem que o salto foi coletivo, provavelmente de um pelotão. Neste sentido, todas as pessoas realizando o salto seriam mulheres, haja vista que não havia batalhões

mistos na China, elemento reforçado pela legenda do cartaz, a qual se refere a mulheres paraquedistas no plural.

Logo, o nível axiológico dessa imagem é composto de um sistema de valores que encara com apreço a participação feminina no âmbito das forças armadas, demonstrando uma ruptura com um padrão tradicional de gênero, o qual considerava essa área como de incumbência masculina.



Cartaz 7: Everybody strives to become a red standard bearer, commemorate 8 March, Women's Day (Todo mundo se esforça para se tornar um porta-estandarte vermelho, comemorar 8 de março, Dia das Mulheres), março de 1960.

Artistas: Cao Fuluan; Gao Zengxiu.

Editora: Jiangsu wenyi chubanshe.

Local: Província de Jiangu.

Tamanho: 77x53 cm.

Número de chamada: PC-1960-024 (Private collection).

Neste pôster de comemoração do Dia das Mulheres de 1960, o nível figurativo é composto pelo busto de três mulheres jovens, em primeiro plano, e pela silhueta de uma cidade em tom amarelo, em segundo plano. A mulher com o busto mais acima usa uma espécie de véu branco com detalhes em azul sobre a cabeça; a do meio carrega na cabeça uma máscara e segura com a mão direita uma solda, além de vestir um macacão azul-escuro; e a mais embaixo usa uma blusa verde e está com um adereço de cabelos também verde. Além disso, todas encontram-se com uma expressão séria e há um feixe de flores na base do cartaz.

Em relação ao nível temático, a presença do busto das três mulheres e a silhueta da cidade são uma representação da união feminina para a edificação do socialismo na China. Ademais, o véu da primeira mulher sugere que ela é uma enfermeira, enquanto o macacão, a máscara e a solda da segunda indicam que ela é uma operária, e a roupa colorida da terceira leva a crer que ela é uma camponesa. Além disso, as flores aparecem novamente atreladas ao feminino, indicando fragilidade, apesar delas serem consideradas porta-estandartes vermelhas na legenda, de forma similar a guerreiras pela construção do socialismo.

Por conseguinte, no nível axiológico, percebe-se, por um lado, um sistema de valores que estimula a união entre as mulheres de diferentes classes e profissões para trabalharem pela edificação da nova ordem revolucionária chinesa, rompendo com um padrão tradicional de gênero. Por outro, a presença das flores reforça um estereótipo de gênero, uma vez que está relacionada à fragilidade e ao cuidado, assim como a

representação da enfermeira, ofício também ligado ao cuidado, ressalta um papel feminino tradicional.

3.5. Conclusões

Portanto, no decorrer desse capítulo, estudou-se as representações de gênero dos pôsteres de propaganda confeccionados ao longo do período de vigência do Grande Salto Para Frente, entre 1958 e 1962, analisando-se as imagens de maneira profunda e articulando-as às modificações que a China vivenciou no decorrer daqueles anos. Neste sentido, agrupou-se os materiais nas seguintes categorias sêmicas, ou seja, de significação: “camponesas-modelo”, “motoristas de trator” e “mulheres guerreiras”.

No que diz respeito à categoria das “camponesas-modelo”, ela abarcou cartazes de propaganda que eram caracterizados pela representação de camponesas jovens, as quais apareciam executando funções relacionadas à produção de alimentos no interior das comunas populares. Além do mais, elas sempre eram retratadas sorridentes e com uma expressão indicando orgulho de estar realizando atividades fundamentais à edificação do socialismo nos marcos do Grande Salto.

Em relação à classe das “motoristas de trator”, nela foram incluídos os cartazes de propaganda que eram marcados pela representação de mulheres jovens atuando na direção de tratores e com eles executando atividades ligadas à produção agrícola nas comunas populares. Ademais, assim como nos pôsteres da categoria anterior, elas também eram representadas sorrindo e orgulhosas dos trabalhos que realizavam, sugerindo uma convicção nas diretrizes de coletivização dos campos do Grande Salto Para Frente.

Já no tocante à categoria das “mulheres guerreiras”, ela abarcou os cartazes de propaganda que representavam mulheres atuando nas forças armadas, mais

especificamente no pelotão de paraquedistas, ou como guerreiras da edificação do socialismo, ou seja, baluartes da nova ordem revolucionária.

Considerações finais

No início da pesquisa que resultou neste trabalho, acreditava-se que uma das funções dos cartazes de propaganda havia sido a difusão das ações e dos comportamentos relacionados ao gênero que estavam em consonância com a construção do socialismo chinês, de acordo com as diretrizes do PCCh. Além disso, defendia-se que os usos desse tipo de material iam desde a convocação da população para adotar os novos padrões de gênero até o embelezamento dos interiores de casas.

Neste sentido, confirmou-se que uma das funções privilegiadas dos cartazes era, de fato, a divulgação das relações de gênero aceitáveis na nova ordem revolucionária, as quais se baseavam em quatro pilares, quais sejam 1) casamentos monogâmicos firmados a partir da livre vontade do casal; 2) participação feminina na esfera da produção, tanto nos campos quanto nas indústrias, ao lado dos homens; 3) inserção das mulheres em atividades outrora dominadas por homens, como as forças armadas; e 4) atrelamento dos trabalhos domésticos e relacionados ao cuidado com as crianças a outras mulheres e não um compartilhamento com os homens.

Contudo, notou-se que os usos dos pôsteres de propaganda não diziam respeito exatamente a uma convocação da população chinesa para adotar os novos padrões de gênero, mas em uma tentativa de divulgação das inovações jurídicas relacionadas às mulheres e às famílias que foram promovidas pela “Nova Lei do Casamento”, “Lei de Reforma Agrária”, “Constituição de 1954” e pelo documento das “Comunas Populares”. Logo, os cartazes reverberavam os conteúdos dessas legislações e consistiam em um instrumento de convencimento da população para que ela aceitasse mais facilmente que aquelas modificações fossem colocadas em prática.

Além disso, não se conseguiu demonstrar que os cartazes de propaganda eram utilizados com finalidades de embelezamento de cômodos de residências, sendo

necessário para isso a diversificação das fontes em pesquisas futuras, analisando-se textos literários e memórias, por exemplo. Apesar disso, é possível afirmar que os pôsteres de propaganda não costumavam ser veiculados em jornais e revistas ilustradas, mas eram produzidos para serem afixados em paredes ou muros, haja vista que os tamanhos médios dos materiais com os quais essa pesquisa trabalhou giram em torno de 65,11 cm de altura e 61,88 cm de largura, dimensões inadequadas para circularem em periódicos.

Ademais, no começo da pesquisa também se defendia que os cartazes de propaganda, bem como as legislações basilares da transição socialista chinesa, apresentavam uma espécie de eufemização das diferenças físicas e comportamentais entre os gêneros. Em outras palavras, tinha-se como hipótese que as representações dessas fontes tendiam a reduzir as diferenças entre homens e mulheres, fato que demonstrou ser um grande equívoco. Por conseguinte, ao longo da análise dos materiais notou-se que as diferenças entre homens e mulheres continuavam bastante evidentes, tanto no que se refere ao tamanho físico, cores das vestimentas e atividades realizadas.

Em relação ao tamanho, todos os cartazes de propaganda estudados representavam as mulheres adultas levemente menores do que os homens adultos, transmitindo uma concepção de diferença física da ordem da natureza, a qual não poderia ser transposta de maneira alguma.

No que concerne às cores das vestimentas, as mulheres camponesas eram sempre representadas trajando roupas coloridas, as quais variavam entre o amarelo, o azul-claro, o cor-de-rosa, o verde e o vermelho, incluindo até mesmo estampas floridas e listras. Já as mulheres operárias apareciam com os uniformes azul-escuros ou cinzas, mas sempre havia algum elemento indicando feminilidade, como a presença de um lenço ou uma flor. No tocante aos homens camponeses, em quase todos os casos, eles eram retratados usando roupas cinzas, brancas ou pretas. Já os homens operários eram representados, sem

exceção, utilizando o uniforme azul-escuro. Portanto, nas representações de ambas as classes, as mulheres sempre apareciam com roupas mais diversificadas e coloridas do que os homens, cujas vestimentas eram de tonalidade mais escura, indicando que as mulheres apresentariam uma suposta maior vaidade com relação à aparência, elemento que deixa bastante marcada as diferenças entre os gêneros nas imagens trabalhadas.

No que diz respeito às atividades realizadas, as mulheres aparecem, na maioria dos cartazes de propaganda analisados, desempenhando trabalhos outrora concebidos como fundamentalmente masculinos. Em decorrência disso, elas são representadas cultivando os campos, atuando na indústria e na construção civil, dirigindo tratores e sendo paraquedistas. Entretanto, são sempre as mulheres que são representadas executando trabalhos domésticos e de cuidados com as crianças, sendo que em nenhum dos cartazes estudados um homem aparece cozinhando, limpando ou cuidando dos filhos. Por conseguinte, há um certo nível de eufemização entre os gêneros no que se refere às atividades realizadas, mas ele fica restrito à esfera da produção e às forças armadas, não tocando nas questões relativas às tarefas no interior do espaço doméstico.

Além do mais, nos primeiros passos dessa pesquisa defendia-se que o conteúdo das legislações e dos cartazes de propaganda se alteravam de acordo com as modificações econômicas, sociais e políticas ocorridas na China entre o triunfo da revolução de 1949 e o fim do Grande Salto Para Frente, em 1962. Neste sentido, argumentava-se que no período da Reconstrução (1949-1952) havia uma valorização de casais harmoniosos e igualitários, bem como um estímulo à participação política feminina; nos anos do I Plano Quinquenal (1953-1957) se estimulou a entrada das mulheres na esfera da produção de forma individual, tanto nos campos quanto nas indústrias; e no período do Grande Salto (1958-1962) se deu uma valorização do trabalho feminino nas comunas populares.

Neste sentido, verificou que, de fato, as representações das legislações e dos cartazes mudam ao longo do período supracitado. Contudo, nessa pesquisa não conseguiu levantar nenhum cartaz do período da Reconstrução, apenas as legislações, as quais enfocam muito mais a questão dos casais igualitários, isto é, constituídos a partir da livre vontade dos cônjuges do que a participação política das mulheres, a qual é apenas mencionada no Artigo 86 da Carta Magna. Além disso, são os pôsteres do I Plano Quinquenal que representam tanto os casais igualitários quanto as mulheres atuando na esfera da produção, mas também paraquedistas e mulheres executando serviços domésticos. Já no tocante ao Grande Salto, o documento das “Comunas Populares” promove um retorno à uma ideia tradicional de família como base das mudanças sociais, haja vista que elas são o pilar das comunas, bem como os pôsteres de propaganda dos anos de vigência dessa plataforma não representam apenas mulheres trabalhando nas comunas, mas também paraquedistas, por exemplo. Logo, as temáticas dos pôsteres são muito mais variadas do que se supunha, assim como as legislações sofrem avanços e retrocessos no tocante à família durante os anos de 1949 a 1962.

Ademais, é importante salientar-se que todos os artistas responsáveis pela criação dos pôsteres de propaganda que compuseram o universo dessa pesquisa eram homens, fator que certamente interferiu nas representações de gênero desses materiais, haja vista a questão a respeito do trabalho doméstico ser sempre retratado como uma incumbência feminina. Somado a isso, foi possível realizar o levantamento do local de produção de 23 dos 26 cartazes analisados, constatando-se que a maioria deles, isto é, 18 foram elaborados em Shanghai, província situada no leste chinês; 2 em Huadong, cidade da província de Jiangxi, localizada no sudeste da China; 1 na província de Jiangsu, no leste do país; 1 na província de Sichuan, situada no centro-sul chinês; e 1 em Beijing, a capital do país, situada ao norte. Portanto, a imensa maioria dos cartazes trabalhados nessa

pesquisa foi confeccionada na maior área urbana chinesa, Shanghai, muito possivelmente em razão de ela apresentar uma grande quantidade de gráficas e de artistas. Além disso, em virtude da infraestrutura urbana criada nessa cidade desde a época do imperialismo, o deslocamento desses cartazes para áreas vizinhas tornava-se mais fácil.

Referências:

1. Fontes escritas:

CONSTITUTION OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Peking Foreign Languages Press, 1954.

PEOPLE'S COMMUNES IN CHINA. Peking: Foreign Languages Press, 1958.

Disponível em:

<http://www.bannedthought.net/China/MaoEra/Rural/PeoplesCommunesInChina-1958.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

THE AGRARIAN REFORM LAW OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA.

Peking: Foreign Languages Press, 1950. Disponível em:

<http://www.bannedthought.net/China/MaoEra/Rural/AgrarianReformLawOfPRC-1950.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

THE MARRIAGE LAW OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Peking:

Foreign Languages Press, 1950. Disponível em:

<http://www.bannedthought.net/China/MaoEra/Women-Family/MarriageLawOfThePRC-1950-OCR-sm.pdf>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

2. Fontes imagéticas:

BI Cheng. **A free and independent marriage is good, there is great happiness in unified production.** Shanghai: Renmin meishu chubanshe, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-591.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

CAO Fuluan; GAO Zengxiu. **Everybody strives to become a red standard bearer, commemorate 8 March, Women's Day.** Jiangsu: Jiangsu wenyi chubanshe, 1960. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/pc-1960-024.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

DING Hao. **We are proud to participate in the industrialization of the nation.**

Shanghai: Huadong renmin meishu chubanshe, 1954. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e16-17.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

FANG Dong. **Spring plowing.** Beijing: Renmin jiaoyu chubanshe, 1962. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-765.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

FU Xiaoxian; LI Wenxin. **A happy marriage, a happy family.** Sichuan: Sichuan renmin chubanshe, 1955. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-146.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

JIANG Feng. **A happy marriage.** Shanghai: Shanghai Xu Shengji Printing Factory, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-472.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

JIN Meisheng. **The vegetables are green, the cucumbers plumb, the yield is abundant.** Shanghai: Shanghai renmin meishu chubanshe, 1959. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e11-992.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

JIN Xuechen; LI Mubai. **Man works hard, flowers are fragrant.** Shanghai renmin meishu chubanshe, 1962. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e16-47.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

LIU Yunying. **The New China has given women the opportunity of serving the nation boundlessly and liberally!** Shanghai: Renmin meishu chubanshe, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-945.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

S./A. **Parachuters.** Shanghai: Shanghai shengsheng meishu gongsi, início dos anos 1950. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/d25-202.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

SHENG Cijun. **The fragrance of rice floats a thousand miles. Everybody poses as a hero.** Shanghai: Renmin meishu chubanshe, 1961. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e16-44.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

WEI Yingzhou. **Daddy goes to work, we go to school.** Shanghai: Shanghai huapian chubanshe, 1954. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/pc-1954-005.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

WEI Yingzhou. **Growing up in happy times.** S./l.: Shuhui huapian shangdian, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e16-252.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

WENG Yizhi. **The hogs of the commune must be raised to be fat and big!** Shanghai: Shanghai renmin meishu chubanshe, 1956. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-450.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

WENG Yizhi. **We are grateful for the support of our peasant Brothers for ensuring our production!** Shanghai: Shanghai renmin meishu chubanshe, 1956. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-379.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

WU Dezu. **In marriage, keep an eye on your own interests, and return radiant after registration.** Shanghai: Renmin meishu chubanshe, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-556.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

WU Kui. **Her achievement of glory.** Huadong: Huadong renmin meishu chubanshe, 1954. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e12-753.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

XIN Liliang. **Chairman Mao gives us a happy life.** S./l.: S./e., 1954. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e16-269.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

XIN Liliang. **New view in the rural village.** S./l.: Sanyi Printers, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e12-527.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

YU Yunjie. **Freedom of marriage, happiness and good luck.** Huadong: Huadong renmin meishu chubanshe, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-594.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

ZHANG Daxin. **A new household that is democratic, peaceful, and engages in united production.** Shanghai: Shanghai Xu Shengji printing plant, 1954. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-286.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

ZHANG Daxin. **Mama comes on a tractor.** Shanghai: Shanghai renmin meishu chubanshe, 1960. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-828.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

ZHANG Yuqing. **New China's female parachuters.** Shanghai: Shanghai huapian chubanshe, 1955. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-27.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

ZHANG Yuqing. **Women parachuters.** Shanghai: Shanghai renmin meishu chubanshe, 1958. Disponível em: <https://chinese posters.net/themes/women-parachuters.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

Zhang Longji. **We have been pregnant with life, we want to safeguard life!** Shanghai: Shanghai renmin meishu chubanshe, 1957. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-353.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

ZHOU Lingjian. **Study the battle spirit of the Red Army during the Long March, conquer nature, build up our nation.** Shanghai: Renmin meishu chubanshe, 1953. Disponível em: <https://chinese posters.net/posters/e15-832.php>. Acesso em: 12 de janeiro de 2020.

3. Bibliografia:

AARÃO REIS, Daniel. **A revolução chinesa**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Tudo é história, v. 05)

ANDREWS, Julia F. **Painters and politics in the Chinese People's Republic of China, 1949-1979**. Berkeley; Los Angeles: University California Press; Ann Arbor: Center for Chinese Studies, University of Michigan, 1994.

ASHTON, Dean. Huxian's foolish old men create new scenes: Huxian peasant paintings from the cultural revolution and their ideological discourses. **The Arbutus Review**, Victoria, Canadá, n. 1, p. 44-67, 2010.

BASTID, Marianne; CHESNEAUX, Jean. **Histoire de la Chine 1: Des guerres de l'opium à la guerre franco-chinoise, 1840-1885**. Paris: Hatier Université, 1969. (Histoire contemporaine)

BASTID, Marianne; BERGÈRE, Marie-Claire; CHESNEAUX, Jean. **Histoire de la Chine 2: L'illusoire modernité, 1885-1921**. De la guerre franco-chinoise à la fondation du parti communiste chinois. Paris: Hatier Université, 1972. (Histoire contemporaine)

BALAZS, Étienne. **La bureaucratie céleste: Recherches sur l'économie et la société de la Chine traditionnelle**. Paris: Gallimard, 1988. (Tel)

BALL, Joseph. Did Mao really kill millions in the Great Leap Forward? **Monthly Review**, New York, Sep. 21, 2006. Disponível em: <https://monthlyreview.org/commentary/did-mao-really-kill-millions-in-the-great-leap-forward/> . Acesso em: 02 de abril de 2019.

BEJA, Flora Botton. La larga marcha hacia la igualdad. Mujer y familia en China. In: FISAC, Taciana (Org.). **Mujeres en China**. Madri: Agencia Española de Cooperación Internacional, 1995.

BELASSEN, J. *et al.* **Histoire de Chine 4: Un nouveau communisme, 1949-1976**. De la Libération à la mort de Mao Zedong. Paris: Hatier, 1977. (Histoire contemporaine),

BERGÈRE, Marie-Claire. **A economia da China Popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. (Biblioteca de ciências sociais; Economia)

BERGÈRE, Marie-Claire. **La bourgeoisie chinoise et la révolution de 1911**. Paris: Mouton; Maison des Sciences de l'Homme, 1968. (Matériaux pour l'étude de l'Extrême-Orient moderne et contemporain, v. 3)

BETTELHEIM, Charles; CHARRIÈRE, Jacques; MARCHISIO, Hélène. **La construction du socialisme en Chine**. Paris: François Maspero, 1965. (Économie et socialismo, v. 2)

BIANCO, Lucien. China de 1912 a 1937. In: BIANCO, Lucien. **Asia contemporânea**. México, D.F.: Siglo XXI, 1987. (Historia universal, v. 33)

BIANCO, Lucien. **Les origines de la révolution chinoise, 1915-1949**. Paris: Gallimard, 1987. (Folio/Histoire, v. 15)

BUENO, André. Cultura da cópia e a concepção tradicional para preservação do patrimônio cultural material na China: Problemas e desafios. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 176-187, dez. 2015.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência história**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Introdução: Uma opinião sobre as representações sociais. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Orgs.). **Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papirus, 2000. (Textos do tempo)

CARDOSO, Ciro. **Narrativa, sentido, história**. Campinas: Papirus, 1997. (Textos do tempo)

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.

CHEN, Tina Mai. Female icons, feminist iconography? Socialist rhetoric and women's agency in 1950s China. **Gender & History**, Oxford/Malden, v. 15, n. 2, p. 268-295, Aug. 2003.

CHESNEAUX, Jean; LE BARBIER, Françoise. **Histoire de la Chine 3: La marche de la révolution, 1921-1949. De la fondation du parti communiste à la Liberation.** Paris: Hatier Université, 1975. (Histoire contemporaine)

CHESNEAUX, Jean. La place des sociétés secrètes dans l'évolution historique de la Chine aux XIX-XX siècles. In: CHESNEAUX, Jean et. al. **Mouvements populaires et sociétés secrètes en Chine aux XIX et XX siècles.** Paris: François Maspero, 1970. (La découverte)

CLAUDÍN, Fernando. A alternativa oriental. In: CLAUDÍN, Fernando. **A crise do movimento comunista.** São Paulo: Expressão Popular, 2013. (Assim lutam os povos)

COGGIOLA, Osvaldo. **A revolução chinesa.** São Paulo: Moderna, 1985. (Guerra e paz, v. 01)

COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci e o Sul do mundo: entre Oriente e Ocidente. **Margem Esquerda**, São Paulo, n. 5, s/p, 2005.

CROLL, Elisabeth. **Feminism and socialism in China.** London: Routledge & Kegan Paul, 1980.

DABAT, Christine Rufino. **Mulheres no movimento revolucionário chinês (1839-1949).** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006. (Livro-texto, v. 3)

DAVIN, Delia. **Women-work: Women and the Party in revolutionary China.** Oxford: Clarendon Press, 1976.

DIAMANT, Neil. **Revolutionizing the family: Politics, love and divorce in urban and rural China, 1949-1968.** Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2000.

DIKÖTTER, Frank. **A grande fome de Mao: A história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62.** Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2017.

EVANS, Harriet. **Poster Power: Imagens from Mao's China, then and now.** Londres: Universidade de Westminster, 2011.

EVANS, Harriet. **Women and sexuality in China: Dominant discourses of female sexuality and gender since 1949.** Oxford: Polity Press, 2007.

FAIRBANK, John King. **The great Chinese revolution, 1800-1985.** New York: Harper Perennial, 1987.

HYAMS, Edward. Maoísmo. In: HYAMS, Edward. **Dicionário das revoluções modernas.** Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

FINE ARTS COLLECTION SECTION OF THE CULTURAL GROUP UNDER THE STATE COUNCIL OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA (Org.). **Peasant Paintings from Huhsien County.** Peking: People's Fine Arts Publishing House, 1976.

GALIKOWSKI, Maria. **Arts and politics in China, 1949-1986.** Tese (Doctorate of Philosophy) – Department of East Asian Studies, University of Leeds. Leeds, 1990.

GILMARTIN, Christina Kelley. **Engendering the Chinese revolution: Radical women, communist politics, and mass movements in the 1920s.** Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1995.

GOODE, William J. China. In: GOODE, William J. **Revolução mundial e padrões de família.** São Paulo: Companhia Editora Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1969. (Biblioteca universitária; Ciências sociais, v. 28)

GRAMSCI, Antonio. Cuaderno 12 (XXIX) 1932: Apuntes y notas dispersas para un grupo de ensayos sobre la historia de los intelectuales. In: GERRATANA, Valentino (Org.). **Cuadernos de la cárcel – Tomo 4.** México, D. F.: Ediciones Era, 1986.

GRAMSCI, Antonio. Cuaderno 13 (XXX) 1932-1934: Notas breves sobre la política de Maquiavelo. In: GERRATANA, Valentino. **Cuadernos de la cárcel – Tomo 5**. México, D. F./Puebla: Ediciones Era/Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999.

HO Kan-chih. **A history of the modern Chinese revolution (1919-1956)**. Calcutta: Manika Barua Books & Periodicals, 1977.

HENRIOT, Christian; YEH, Wen-hsin (Org.). **Visualising China, 1845-1965: Moving and still images in historical narratives**. Leiden/Boston: Brill, 2013.

JOHNSON, Key Ann. **Women, the family and peasant revolution in China**. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.

LANDSBERGER, Stefan. Ascensão e queda do cartaz de propaganda chinês. In: DUO, Duo; LANDSBERGER, Stefan; MIN, Anchee. **Chinese propaganda posters: From the collection of Michel Wolf**: Köln: Taschen, 2003.

LANDSBERGER, Stefan. La science est une force de production. **Parlement[s], Revue d'histoire politique**, Paris, n. 18, p. 85-94, 2012/2.

LANDSBERGER, Stefan. The deification of Mao: Religious imagery and practices during the Cultural Revolution and beyond. In: CHONG, Woei Lien (Org.). **China's Great Proletarian Cultural Revolution: Master Narratives and Post-Mao Counternarratives (Asia/Pacific/Perspectives)**. Lanham, EUA: Rowman & Littlefield Publishers, 2002.

LANDSBERGER, Stefan. The future visualized: Chinese propaganda art in the modernization era. **China Information**, Macau, v. 8, n. 4, p. 15-41, primavera de 1994.

LARRETA, Enrique Rodriguez; PEIMING, Yang; JING, Wang (Org.). **Cultural dreams and political imagination: Modern China in the 20th century**. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2015.

LENINE, V. I. O imperialismo, fase superior do capitalismo. In: LENINE, V. I. **Obras escolhidas – v. 1**. Lisboa: Edições Avante/Moscou: Edições Progresso, 1977.

LEUTNER, Mechthild. Women's, gender and mainstream studies on Republican China: Problems in theory and research. *Research on Women in Modern Chinese History*, Taipei, v. 10, p. 117-145, Dec. 2002.

LIMA, Ligia Wey Neves. **O ensino de mandarim no Brasil**: Um estudo comparativo entre os sistemas *pinyin* e *zhuyin fuhao*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Educação) – Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LIU Fuxing. Transformação gloriosa: Como um país com 80% de analfabetos se tornou um celeiro de talentos. **China Hoje**, São Paulo, nº 27, p. 52-56, out./nov. 2019.

MACFARQUHAR, Roderick. **The origins of the Cultural Revolution 2: The Great Leap Forward, 1958-1960**. New York: Columbia University Press, 1987.

MANNING, Kimberley Ens. The gendered politics of woman-work: Rethinking radicalism in the Great Leap Forward. In: MANNING, Kimberley Ens; WEMHEUER, Felix (Orgs.). **Eating bitterness**: New perspectives on China's Great Leap Forward and famine. Vancouver: UBC Press, 2011. (Contemporary Chinese studies)

MAO JR., José; SECCO, Lincoln. **A revolução chinesa**: Até onde vai a força do dragão? São Paulo: Scipione, 1998. (Ponto de ap

MEISSNER, Werner. La voie orthodoxe: 1949-1955. In: BERGÈRE, Marie-Claire; BIANCO, Lucien; DOMES, Jürgen (Orgs.). **La Chine au XXe siècle**: De 1949 à aujourd'hui. Paris: Fayard, 1990.

MINICK, Scott; PING, Jiao. **Chinese graphic design in the twentieth century**. London: Thames & Hudson, 2010.

NAVES, Márcio Bilharinho. **Mao** – O processo da revolução. São Paulo: Brasiliense, 2005. (Encanto radical)

ONO, Kazuko. **Chinese women in a century of revolution, 1850-1950**. Stanford: Stanford University Press, 1989.

PREOBRAJENSKY, Eugen. A lei de acumulação socialista primitiva. In: PREOBRAJENSKY, Eugen. **A nova econômica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Economia, v. 2)

PERROT, Michelle. Introdução. In: PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005. (História).

PISCHELL, Enrica Collotti. **La revolución china**. México, D. F.: Ediciones Era, 1976. (Historia de las revoluciones del siglo XX) 2 volumes.

ROUBOTHAM, Sheila. The long march of Chinese women. In: ROUBOTHAM, Sheila. **Women in movement: Feminism and social action**. London: Routledge, 1992. (Revolutionary thought/Radical movements)

SAFFIOTI, Heleith. Rearticulando gênero e classe social. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina de Oliveira (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

STACEY, Judith. **Patriarchy and socialist revolution in China**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1983.

STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao zhdanovismo. In: CERUTI, Mauro *et. al.* (Orgs.). **História do marxismo IX - O marxismo na época da Terceira Internacional: Problemas da cultura e da ideologia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Pensamento crítico, v. 68)

VALJAKKA, Minna. Inciting mental terror as effective governmental control: Chinese propaganda posters during the Cultural Revolution (1966-76). In: HYVÄRINEN, Matti; MUSZYNSKY (Org.). **Artistic, literary, and political interpretations of violence from Dostoyevsky to Abu Ghraib**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

XIAOBING, Tang. **Visual culture in contemporary China: Paradigms and shifts.**
Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.